



BRONZE AGE MINDSET

BY BRONZE AGE PERVERT

BRONZE AGE MINDSET

**LIVRO ESCRITO POR Costin Vlad Alamariu,
CONHECIDO COMO BRONZE AGE PERVERT
(BAP)**

Traduzido e editado por

IG:@cesarecristo

YT:@cesarecristo122

TIKTOK:@csar.e.cristo

PRÓLOGO

Este não é um livro de filosofia. É uma exortação. Quase não tenho nada a dizer à maioria das pessoas que não são como eu — e me importo ainda menos em convencer alguém. Este é o relato das minhas divagações. Tentei colocar, da forma mais breve e simples possível, o pensamento que me motiva e o problema que a vida enfrenta em sua ascensão e decadência.

Fui convencido a escrever este livro por certos sapos que me disseram: "Não é uma vergonha que os mercadores de ilusões estejam multiplicando mentiras e jorrando suas doutrinas imundas em mentes receptivas por toda parte? Perversões — e das mais patéticas — nascem aos milhares e assombram, como uma infinidade de anões deformados em salões de espelhos, o mundo, os livros, a internet. Mentes estão se perdendo. Se você esperar mais, tudo será reduzido a lixo, nada restará — tudo se tornará, o mundo inteiro se tornará um banheiro de posto de estrada na Bulgária. Mas... você já viu o filme *Midnight Express* e... e... como isso fez você se sentir?"

Fui despertado do meu torpor pelos meus amigos sapos e declaro a vocês, com grande ousadia, que estou aqui para salvá-los de uma grande feiura.

Se você olha nos olhos de certas pessoas, vê um tipo de energia demente. É pura raiva ou sede de poder, e nada mais. Detesto sujar estas páginas com os nomes de nulidades do nosso tempo. Mas, se você vê uma foto de Hillary Clinton ou Adam Schiff com os olhos esbugalhados por estimulantes e antidepressivos — ou seja lá o que for —, você sabe do que estou falando. Há um vinco em volta dos olhos que denuncia, parece um ciborgue fora do roteiro; essas pessoas têm um olhar desumano e são veículos para outra coisa.

Você vê isso também nos chefes da burocracia da União Europeia, com seus minúsculos olhos de homem-toupeira por trás de óculos pequenos e lentes estreitas que refletem a luz. Vê isso nos olhos mortos, de robô, dos novos autômatos humanos que administram repartições públicas, nos zumbis brutais que controlam a segurança em aeroportos ou nas salas de “cuidados médicos” dos hospitais, sob a luz cruel de lâmpadas fluorescentes amarelas.

Eu quis expor a sombra sombria de um movimento que está escondido por trás dos acontecimentos do nosso tempo e de antes. É um grande poder que age como um fantasma. Esconde-se na própria escuridão e foi absorvido pelas terras e pelos povos de tal forma que já não se consegue realmente vê-lo. Existe apenas uma qualidade estranha, sobrenatural, incrustada nas coisas e em alguns rostos. O mesmo se dizia

de Hades. Alguns diziam que ele sentiria uma grande vergonha quando algum outro deus puxasse o véu do submundo e revelasse todas as coisas vis que lá estavam.

Será que esse Hades do nosso tempo é capaz de sentir vergonha? Ouvi também falar de coisas semelhantes no fundo do mar — coisas repugnantes e assustadoras reveladas quando o mar recua antes de uma grande tempestade. Vou puxar a cortina desta Prisão de Ferro e mostrar-lhes onde é que vocês realmente vivem...

As coisas secretas aparecem nos sonhos. Heráclito disse: “Todas as coisas que você vê desperto são morte; todas as coisas que você vê dormindo são sono.” Ele estava tentando ser enigmático! Em seu tempo, muitos deuses, sátiros de pés fendidos e outras criaturas se mostravam aos homens em sonhos.

Espiritualmente, por dentro você está todo encharcado, e há um enorme buraco por onde forças monstruosas estão fodendo o seu cérebro, drenando toda a sua vida e a sua capacidade de foco. Você não se vê como realmente é, mas talvez algum pesadelo possa lhe mostrar. Eu estou aqui para lhe mostrar a saída.

Houve Empédocles, um filósofo, homem de grande visão. Ele saltou no vulcão Etna, na Sicília, porque sabia que renasceria como um deus. Agora imagine-se diante da borda do Etna. É seco e arenoso. Você sente o calor, mas não é como pensava que seria. Não é romântico. É apenas quente, seco, impossível de respirar, e o cheiro de enxofre infernal e terra molhada — e até coisas piores — desperta em você uma memória ou instinto antigo de fugir. Você se vê diante da veemência e brutalidade da rocha, e começa a ficar tonto olhando para dentro.

O cheiro de rocha derretida invade suas narinas, e não é apenas medo o que você sente. Se fosse um grande medo, isso poderia servir de impulso para agir. Mas o que enche suas narinas é a banalidade e a monotonia do pó derretido: você vê cinza e preto. Lembra-se de uma tarde escaldante de verão perto de um posto de gasolina abandonado, preso numa estrada de terra, sufocado pelo calor e pela poeira. Você vê chamas no buraco, mas falta-lhe a “romance” do fogo que imaginou. É só isso? Para seus olhos, não parece nada. Então você se afasta.

Você não renasce como deus; permanece uma mula. Sua mente mentirosa agora inventa mil razões para justificar esse recuo. É claro! Há uma boa refeição à espera, um copo de vinho. Talvez uma mulher esteja esperando. Sua boceta é quente e convidativa. Empédocles estava iludido.

Não, não pule no Etna, nem no Mauna Loa, nem no Puyehue, nem no Eyjafjallajökull, Titãs do mundo — mesmo que conseguisse fazer isso, não funcionaria agora. Esses portais estão fechados há eras. Mas! Outros portais também estão fechados para você. O que o Monte Etna foi para Empédocles — existe algo assim para você? Será que ainda existe algo assim para qualquer um?

A vida carrega dentro de si algo que alcança além dela mesma. É um verme intergaláctico — não posso dizer aqui, você terá que esperar. Mas, se você não ultrapassa a si mesmo, você está morto! A maior parte da humanidade é morta-viva.

Vou lhe contar outra história. Na Idade da Pedra, surge um homem de ombros largos, com um porrete na mão. O povo acredita que ele seja filho de um deus... de uma mulher mortal que traiu o marido com um deus. Desde criança, ele já demonstra força sobre-humana. Ao crescer, vai para o mais profundo da natureza selvagem enfrentar um grande leão da caverna. Emerge da caverna com a pele do leão sobre as costas. O leão vinha devorando e espalhando terror entre o povo, mas agora ele carrega esse terror nos ombros. Ele traz a juba na cabeça, a pele nas costas e o grande porrete na mão.

Esse homem passa a ser cultuado pelo povo: sua descendência dá origem a linhagens de reis, de Esparta e de muitos outros lugares. Qual foi seu ato fundador? Ele abateu monstros, abriu rotas marítimas aos homens e domou as faces rochosas. Mas não se esqueça da pele do leão sobre seus ombros. Este foi o Leão de Nemeia. Você entende o que é Nêmesis?

Na natureza existe uma grande função purgativa. Você já ouviu falar de macacos que mudam de sexo em certas épocas. Em lagos habitados por certos répteis, quando a população cresce demais e sobra lixo, a natureza aciona um gatilho: nasce um monstro. Um lagarto muitas vezes maior que o normal surge para espalhar destruição e reduzir a população.

Os gregos acreditavam nesse grande poder e cultuavam sua justiça. Na Bíblia, ele aparece como alegoria do Dilúvio — que, na verdade, se refere ao espírito irreprimível dos Povos do Mar e à justiça divina que eles trouxeram às cidades cuja vida havia se tornado inútil e à grande feiura que pairava sobre o mundo.

Você pode trazer um filhote de leão para casa, mas, como disse Ésquilo, ele se tornará um sacerdote da desgraça quando atingir a idade adulta: na natureza, há uma força irreprimível. Sua violência contra o excesso populacional é justiça divina. Sua destruição dos frágeis planos da razão, das palavras inúteis dos homens — isso é belo. Esse é o significado do poder de Nêmesis: poucos são escolhidos para empunhá-lo, menos ainda percebem que foram escolhidos ou sabem o que fazer com ele.

Quando Hércules veste o poder de Nêmesis sobre os ombros, ele se torna o herói que torna o mundo seguro e domesticado para as cidades de homens de verdade. Mas isso foi no tempo dele — o nosso é uma era de excesso. A função é diferente. A estrela de Nêmesis certamente voltará, e já deve estar ardendo dentro de alguns de vocês.

Na Idade do Bronze, os homens tinham vida e força, e já vejo, longe, no horizonte do nosso mundo — mas o brilho está lá, com certeza... que não seja um miragem! —

vejo esse espírito retornando, de forma certa, em nosso tempo. Bandos piratas e irmandades tomarão os mares — e não apenas os mares.

Os inimigos do homem ocidental e os inimigos da beleza aprenderão exatamente o que significava uma raça pirata, um ninho de corsários, como os chineses pensaram dos holandeses ao encontrá-los pela primeira vez.

Quero preparar você para receber esse velho espírito — espíritos antigos estão se movendo, por trás dos juncos... a silhueta cintila contra um rio no fim do verão, e já vejo homens que sabem como honrar esses estranhos e antigos amigos.

Que eles nos habitem novamente e nos deem força para purificar este mundo de merda.

Parte Um: A Chama da Vida

1

E se você foi enganado sobre o que é a vida? Eles fazem isso mostrando dois marionetes vermelhos e balançando-os na sua frente, então você fica hipnotizado e bate palmas como uma foca treinada.

É como na política antes do ano passado. Você tinha, nos anos antes de Trump, os gordões calvos e gordos da Direita colocados num ringue de luta contra as Janet Renos, as mulheres com caminhonetes, os transmachos de lábios finos da Esquerda.

Você tinha gente boa hipnotizada até por esse espetáculo: é engraçado ver um homem gordo e careca tentando arrancar os olhos de uma mulher de braços fortes com mullet, ambos espumando pela boca. Ambos não dizem nada, apenas grunhidos de porcos e platitudes prontas, fórmula.

Mas, enquanto isso, a nação sofria e o futuro da juventude era entregue.

Quando eles te enganam sobre o que é a vida, isso é ainda pior porque você não vê o problema de imediato... mas aí ele aparece sessenta anos depois, e seus netos não existem, ou são 56% humanoides se mexendo entre sombras, ou têm um poder nobre, mas precisam se esconder em prédios pela metade porque são caçados.

Mas você precisa entender que tanto a esquerda quanto a direita foram enganadas sobre o que é a vida.

Um grupo de cavalos em uma ampla planície, e o garanhão líder é tomado por um espírito selvagem, começa a galopar para cá e para lá, e todo o rebanho o segue em uma grande investida de poder e liberdade — Nietzsche fala sobre isso.

Eu mesmo vi muitas coisas assim: estava numa grande cachoeira, ponto de encontro de muitos pássaros e outros animais. Ao longo de todos os ciclos da história, esse lugar permanece, e os pássaros que testemunharam o ir e vir das civilizações humanas se lembram dele através dos éons e sempre retornam lá.

Vi muitos grupos de pequenos pássaros, quando o tempo mudava ligeiramente, nessa cachoeira tão grande que um pequeno vento espalhava spray d'água por toda parte. O sol surgiu por trás das nuvens e espalhou vários pequenos arco-íris; os pássaros ficavam excitados, saíam das fendas na face da rocha e se deleitavam nos respingos de água e nos arco-íris, deslizando e fazendo acrobacias para cá e para lá.

Como quando Homero diz que, em algum prado asiático, tribos de gansos, grou e cisnes de pescoço longo se deleitam no poder de suas asas acima dele, depois pousam entre rios, na planície de Skamandro, com um grande clangor.

Não basta apenas perguntar qual o propósito disso para a sobrevivência ou reprodução? Certamente algum pedante pode inventar uma história.

Mas quando você vê esse comportamento, não é algo tão estranho. Talvez, nos momentos mais felizes, você tenha sido livre para agir e sentir o mesmo: que tudo isso não tem nada a ver com sobrevivência ou reprodução! Esse tipo de necessidade pesada é o espírito da gravidade, e isso é o oposto.

Essa visão mesquinha e estreita da vida... mas, na verdade, a vida como ela é, quando livre, a vida em abundância conhece luxo, excesso e desperdício... sobrevivência e reprodução são efeitos colaterais de outra coisa...

3

Os animais mais nobres se recusam a se reproduzir em cativeiro. Muitos animais, não apenas o homem, escolhem a morte quando estão presos.

Mas eu pensava que toda vida buscava apenas a sobrevivência e a reprodução; será que isso não é suficiente?

Se não é suficiente, então devemos entender o animal de outra maneira.

Muito do que os pensadores falam sobre “psicologia evolutiva” é uma abstração que vai do modo de vida do fermento ao modo dos animais e do homem, mas isso está invertido.

4

Existe uma sociologia no mundo dos cientistas, como em tudo mais.

Isso causa muita confusão sobre biologia e ideias de evolução. Você pensa que recebeu uma verdade objetiva, mas as mentes dos biólogos são, em geral, muito limitadas.

A verdade é que as maiores mentes sempre foram para a física entre as ciências, depois talvez para a química. Até recentemente — mas mesmo agora a biologia oferece pouca oportunidade para o tipo de pensamento que penetra o mistério da natureza, o tipo de insight sobre relações físicas que atrai as melhores mentes científicas.

No geral, eles sempre foram um grupo mediano na história. Schopenhauer se refere com desprezo às pessoas que têm seus “catálogos de macacos” e acham que entendem a natureza.

Darwin, ele próprio, Nietzsche chamou de mente pequena, o tipo de calculista que gosta de colecionar muitos fatos pequenos e sintetizar alguma teoria desajeitada. A teoria é desajeitada e cheia de buracos.

Essa é a maior razão pela qual os criacionistas, que também estão errados, conseguiram desafiá-la, enquanto nunca foram capazes de desafiar a física teórica.

Há muita desonestidade e estupidez entre cientistas e biólogos quando falam sobre evolução e vida.

O problema agora é que você pensa que eu quero atacar a ideia de evolução ou mudá-la porque ela é racista ou desconfortável, assim como a esquerda e outros a atacam ou suprimem. Isso não é verdade!

Escute: você não precisa de Darwin para acreditar em hereditariedade e até mesmo em evolução. As pessoas já sabiam sobre hereditariedade e as diferentes linhagens do homem muito antes de Darwin.

No sentido político, a promoção do ensino de Darwin e sua aplicação à humanidade é um grande bem.

A esquerda e seus muitos robôs — falarei sobre sua origem mais tarde — não querem nada além de esconder a verdade sobre a natureza humana.

E Darwin, a ciência evolutiva em todas as suas formas, é uma grande arma da verdade contra eles.

Nisso tudo, eu concordo, mas lembre-se dos marionetes que mencionei. Não se distraia com o teatro de fantoches.

É importante não ser enganado por um debate feroz com um oponente estúpido a ponto de aceitar apenas a outra alternativa que lhe é apresentada.

Embora a esquerda, ou o que eu chamei de Homem-Bug, odeie e tema as ideias evolutivas aplicadas aos humanos, o darwinismo em si é produto do pensamento Bug.

No fim, ele não vai lhe mostrar a saída da prisão dos séculos.

A natureza hereditária das qualidades, e a adequação de um organismo ao seu ambiente e vice-versa — tudo isso é observação verdadeira.

E essa observação verdadeira sobre hereditariedade é, no fim das contas, suficiente: você não precisa de mais do que isso para esmagar completamente todos os planos e vaidades do Homem-Bug.

O Homem-Bug teme a hereditariedade e a natureza, não Darwin.

Você precisa entender que o psicólogo evolutivo, o evo-biólogo, o darwinista em geral — a maioria dessas pessoas são muito boas, até mentes brilhantes, apenas enganadas pela disputa — joga um jogo de enganação e troca.

Muitas vezes ele mesmo não percebe que faz isso. Ele acredita no darwinismo como uma fé teleológica, que a reprodução e a sobrevivência são os fins da vida, o propósito para o qual toda vida se esforça, e que isso explica como a vida ou um organismo se comporta; e também como está adaptado ao seu ambiente.

Mas, quando você o confronta sobre isso, ele negará toda noção de teleologia. Dirá que não acredita nisso, mas apenas num mecanismo material de seleção natural. Por esse mecanismo, os organismos que não se adaptam às exigências do ambiente são lentamente eliminados.

Por um processo análogo à criação de animais como cães e cavalos, a própria natureza cria organismos e vida aqui e ali, por acidente. Não há fim ou propósito, ele dirá, você está louco!

Mas, quando não está prestando atenção, ele falará de outra forma. Todos eles fazem isso. Começará a dizer que tal animal age de certa maneira porque está tentando garantir a reprodução ou a sobrevivência. Explicará também características físicas dessa forma, e quando realmente se esquece, fará disso um princípio moral.

Os mais honestos, quando confiam em você, falarão da replicação de si mesmos como uma aspiração e um objetivo. Isso é humano, muito humano, mas também muito natural, porque é muito difícil falar de biologia ou vida sem teleologia ou alguma consideração de fins ou propósitos.

Claramente, física e química parecem não ter propósito ou objetivo. Mas os animais parecem muito movidos por motivos ou propósitos, e é difícil explicar uma característica biológica sem referir-se ao seu fim ou propósito.

Então o darwinista esquece, ou tenta mudar o assunto o tempo todo: ele sabe que o que é realmente interessante é a questão do que impulsiona a vida, o que explica o comportamento animal e o que explica a correspondência entre organismo e ambiente. Essa é a questão.

O mecanismo da hereditariedade ou o meio pelo qual uma espécie é moldada, seleção natural ou artificial, que é realmente a única ideia de Darwin, é a parte menos interessante de tudo.

Na verdade, é uma tautologia: sim, só aqueles animais que conseguiram se reproduzir passam seus traços adiante. Algo que todo criador de ovelhas da história já sabia.

Mas que isso sozinho explique a adaptação ou o comportamento animal é um absurdo.

7

Existe um camundongo alpino que coleta comida para o inverno. De algum modo, ele sabe exatamente a proporção de ervas venenosas a incluir em seus estoques de inverno para preservá-los.

Se for demais, a comida que juntou vira veneno; se for de menos, estraga.

Há um exemplo que Schopenhauer dá: dois insetos, e um matará o outro ao vê-lo. No entanto, esse outro inseto não representa perigo imediato para o primeiro, pois apenas comerá seus ovos no futuro. Como o primeiro inseto sabe disso?

Não foi ensinado, nem vê. Tem um sistema nervoso muito primitivo. Sabe disso de algum modo “no sangue”.

Esse é um comportamento muito específico e complicado. Existem muitos casos assim na natureza!

Os criacionistas focam demais em características físicas complicadas, mas mesmo para algo como o olho ou o flagelo bacteriano, é possível construir histórias de como evoluíram gradualmente.

Eu não acredito nessas histórias; soam improváveis e inventadas, mas são mais críveis do que as histórias que você precisa inventar para explicar comportamentos.

E há muito mais! Tantos animais e insetos simples já nascem com comportamentos tão complexos.

Em algum ponto, a explicação incremental fica tão confusa que é difícil acreditar.

Por favor, lembre-se de que o sistema aristotélico-ptolemaico para calcular o movimento dos planetas funcionou muito bem por muito tempo. Foi abandonado porque explicações cada vez mais convolutas tiveram que ser inventadas para sustentar a suposição fundamental e errada do modelo geocêntrico.

A teoria evolutiva hoje está lentamente na mesma posição, principalmente quando tentam explicar comportamentos inatos desse tipo.

É óbvio que tais comportamentos — se você quiser chamá-los de “adaptações” — surgiram como os vemos agora, completos e sem mudança incremental significativa.

Como ocorreu tal “milagre”?

Este não é um livro criacionista — eu não acredito nisso. Também não acredito no “milagre” que a ciência moderna inventou, escondendo-se sob as palavras “mutação aleatória” e o gesto vago de “mudança incremental”.

Não há tempo suficiente, nem número suficiente de espécimes, nem os tipos de “mutações” observadas para sustentar seleção natural ou Lamarquismo como explicações para a evolução.

Muitos modelos matemáticos sobre como uma característica se espalha numa população falharam — eles não te contam isso.

Não, eu não falo de milagres, seja qual for a palavra que você coloque neles.

E o “design” está lá, mas de forma alguma é benevolente, inteligente ou compreensível.

Você vê na teia da aranha uma criatura com sistema nervoso rudimentar e pouca inteligência “desenhar” algo belo e complexo, e isso é a chave para entender toda a natureza.

Há uma “inteligência” inerente nas coisas, estranha, silenciosa e demoníaca. Seu funcionamento e objetivos são obscuros para nós.

Nossa própria inteligência é apenas um desvio grosseiro disso, uma aproximação.

Existe uma “inteligência” em todas as coisas, e ela está inata em nossos corpos antes de qualquer coisa ligada ao cérebro ou sistema nervoso.

E todas as “adaptações”, não importa quanto seleção natural ou artificial tenha contribuído para espalhá-las numa população, ocorrem não por acaso, mas por uma correspondência espontânea de algum tipo entre o organismo e o ambiente.

Um dia poderemos descobrir a causa material ou manifestação dessa correspondência, ou a cadeia pela qual ela viaja desde a face da rocha e os elementos da matéria bruta até as formas de vida — existe algum sistema de “sinalização” ainda desconhecido.

Mas a adaptação de modo algum ocorre ao acaso, nem mesmo principalmente pela seleção natural, que é apenas um dos meios pelos quais ela se espalha numa população.

Uma abordagem verdadeiramente objetiva ou científica da vida seria começar sem pressupostos. Não criar grandes histórias. Pegar um animal e estudá-lo.

Estudar o que ele faz na natureza, não no laboratório, quando deixado sozinho, longe dos humanos. Estudar diferentes espécimes, o humor, o comportamento em diferentes épocas do ano, em diferentes lugares, em diferentes níveis de fortuna e bem-estar.

Não fazer suposições sobre o que ele quer, em última instância; estudar como ele se comporta hoje, amanhã, no momento — que é a única coisa que existe para o animal.

Olhar dentro do cérebro dele! Estudar seus hormônios e estados internos com muito cuidado e, com um olhar clínico e objetivo, correlacionar esses estados internos com o que ele faz, ou com o que está buscando — e buscar isso naquele dia ou naquele momento, não o que você pensa sobre “reprodução ou sobrevivência”.

Esse é o verdadeiro caminho para entender o animal, adaptação, comportamento e vida.

Um pouco disso já é feito, mas muito pouco, e não muito bem.

No fim, você é tão diferente de uma cabra, um cachorro ou até mesmo uma formiga, que olha para esses seres e fica realmente perplexo?

Com certeza a pesquisa que mencionei precisa ser feita, nem que seja para convencer os cabeça-dura.

Mas o comportamento de um animal seria um completo mistério para você se não fosse tão parecido consigo mesmo; porém, entendemos imediatamente um urso irritado com as abelhas, ou brincando sob um bétula branco-prateada no meio da floresta, ou um lagarto assustado e se enroscando entre as pedras, e por que faz o que faz.

Não é mistério para nós, que também somos como eles.

Amamos os cães porque eles expressam tão honestamente e sem dissimulação o que também somos e queremos. Eles e outros animais de estimação nos acalmam porque promovem um tipo de despreocupação normal à vida animal, livre dos pensamentos do passado ou das preocupações com o futuro, nada disso realmente existe.

As mulheres, em seu estado natural, estão próximas dessa condição também, ou mais próximas no geral, e é daí que vêm muito de seu charme e poder (a educação

moderna, que ensina as mulheres a serem hiper conscientes, ansiosas pelo futuro, neuroticamente abstratas, etc., na verdade tira delas muito do poder, enquanto as engana fazendo-as pensar que estão sendo duras ou atrevidas; mas uma mulher hiper consciente fica impotente e sem charme).

Mas o estudo precisa ser feito sobre o estado interno do animal, ora em uma condição, ora em outra.

O que, afinal, um estudo objetivo de um organismo diria?

O que a vida quer?

Darwin e seu estilo de pensamento jamais teriam feito tanta impressão ou tido tanto poder se fossem simplesmente falsos.

Na verdade, o darwinismo é verdadeiro, mas somente sob certas condições. Não é nem uma “meia verdade”, é, na realidade, a verdade completa sobre um tipo de vida, mas o erro é pensar que descreve toda a vida.

Darwin não tem sentido sem Malthus, mas é por isso que Nietzsche está certo sobre ambos quando diz que eles descrevem apenas a vida na Inglaterra, ou mais precisamente, a Inglaterra daquela época.

O começo da era industrial e a Inglaterra como a primeira nação a resolver o problema da mortalidade infantil: esses são os fatos relevantes.

A Inglaterra foi capaz de colonizar grande parte do Novo Mundo porque foi o primeiro país a resolver esse problema.

Muitos criticam, de algum modo, o modelo espanhol ou português de colonização, mas você deve saber que os portugueses tinham uma população de um milhão quando começaram a Era dos Descobrimentos com Henrique, o Navegador.

E dessa população, muito menos eram jovens que poderiam embarcar em viagens de grande perigo; alguns dizem que até um quarto ou mais morria nessas viagens apenas.

Eles não tinham mão de obra para colonizar terras distantes, mas continuaram o antigo padrão de “domínio da elite”, onde irmandades de homens conquistadores muitas vezes tomavam esposas locais e coisas assim.

Em contraste, os ingleses agora podiam transplantar populações inteiras, tendo um excedente de humanos.

Mas ainda assim não era suficiente.

As cidades ficaram superlotadas, a sujeira insuportável, enquanto as classes mais baixas invadiam as monstruosas novas máquinas da indústria.

As condições de vida dos trabalhadores até bem dentro do século 20 foram puramente infernais: Marx e seus seguidores, pelo menos, estavam certos nisso, e por isso puderam se aproveitar dessa condição.

Era uma situação de miséria e pobreza similar ou pior do que vemos nas favelas do Terceiro Mundo.

A solução para o problema da mortalidade infantil significava que essas classes mais baixas colocavam toda a renda extra em sustentar mais bocas para alimentar, não em melhorar a qualidade de vida dos filhos que tinham: apenas um aumento exponencial da biomassa humana!

E esse é o mundo de Malthus e Darwin, vida sob sujeira, vida sob sofrimento.

O darwinismo descreve a vida sob estresse extremo.

A partir dessa visão muito parcial, ele pensa ter descoberto a verdade sobre a vida em geral, mas um animal sob condições de estresse extremo, em ambientes superlotados, observado e vigiado, sujo, espancado e aprisionado, com sua vida severamente regimentada, afastado do que gostaria de fazer se deixado livre, não vai lhe revelar o segredo do que é a vida.

Será um exemplo muito enganoso, e essa é a base do darwinismo e de todo pensamento que dele deriva.

É a filosofia da vida no cortiço e na favela, no campo de trabalho a céu aberto.

Nenhum tipo de angústia é pior do que a sensação de estar preso.

Meus piores pesadelos são sobre abrir uma porta e me encontrar na mesma cela de alumínio, repetidas vezes.

O cansaço que aparece após uma longa noite de xadrez, quando você dorme e sua mente sonha com movimentos sem sentido, conheço poucas formas piores de tormento.

E isso é autoimposto, pelo cansaço, mas ainda pior é quando uma força ou ser externo te prende, mesmo que você esteja no controle total do seu espírito e poder, ao menos no começo.

Essa condição é intolerável para os animais mais nobres, que escolhem a morte se necessário, ou ao menos qualquer forma de escapar, por mais dolorosa que seja.

Muitos caribes, presos na escravidão, morreram porque não suportaram isso, alguns morderam os próprios braços para escapar das correntes e suportaram qualquer dor para fugir da captura.

Mães germânicas matavam seus bebês quando as legiões romanas se aproximavam: Tácito descreve a vida do guerreiro germânico, que viveu toda a vida dedicado à guerra e à fama, nunca se tornando doméstico!

Em Masada e outras ocasiões, os judeus mataram seus próprios filhos para escapar da subjugação, quando ainda eram um povo nobre.

Xenofonte descreve em Anábase como uma mãe com um bebê pulava de um penhasco nas terras altas de Urartu para fugir do avanço do exército grego; vemos os mesmos vídeos no Japão, em Okinawa, de mães pulando de penhascos.

Monjes budistas no Vietnã se autoimolaram, trazendo grande vergonha ao Ocidente.

Por isso Nietzsche diz que povos nobres não suportam escravidão, eles ou são livres ou desaparecem.

Não existe “adaptação” à escravidão para certos tipos de vida.

O que é um povo que escolhe a sobrevivência a qualquer custo? O preço que pagaram foi monstruoso, e esse povo se torna monstruoso e distorcido se aceita isso.

A distinção entre raças dominantes e as demais é simples e verdadeira, disse Hegel, copiando Heráclito: aqueles povos que escolhem a morte em vez da escravidão ou submissão em uma confrontação são povos de mestres.

Existem muitos assim no mundo, não só entre os arianos, mas também os comanches, muitos polinésios, japoneses e outros.

Mas animais desse tipo recusam aprisionamento e submissão.

É muito triste testemunhar quando tal animal não pode nem escapar nem se matar.

Uma vez vi uma onça em um zoológico, atrás de um vidro, para que todos os insetos em forma humana pudessem olhar e humilhá-la.

Esse animal sentia uma tristeza nobre e persistente, sendo observado em todos os lugares pelos macacos obsequiosos — nem mesmo macacos de verdade — que a provocavam com olhares.

Ele sabia — eu vi isso! — que vivia em um ambiente simulado e que não tinha poder para se mover ou viver.

Sua tristeza me esmagou, e sempre lembrarei desse animal.

Nunca quero ver a vida nessa condição!

Há apenas algumas semanas, eu estava do lado de fora de uma boate em uma cidade que ainda está intocada pela higiene regimentada do primeiro mundo: ruas bem iluminadas, limpas e seguras para as mulheres custam caro para o clima da cidade.

Nesse lugar, o governo e a burocracia não conseguiram estender suas regras e esforços de limpeza, mesmo que quisessem.

Então, há muitos cantos e recantos escondidos que não estão sob o controle de ninguém.

Nesse território de ninguém, há máfia, muitos pervertidos, algum crime, mas em geral mantido em níveis baixos ou não violentos, porque o lugar está cheio de policiais fora de serviço à caça, e sem dúvida espões estrangeiros e domésticos, e quem sabe o que mais.

Eu acho a vida sem um refúgio assim quase intolerável, então aqui me senti livre, mas acho que foi depois de um dia na névoa e o efeito da glicina começando a agir.

Devo ter tomado 600 mg de teanina também, e depois de muito café eu estava meio desligado... sob luzes neon amarelas cruéis, fiquei olhando para o segurança quase em transe.

Me perguntei como seria ser ele.

Ele estava alerta, sabia qual postura adotar para o trabalho e qual olhar imitar... ou fingir estar vigilante, e era imponente em sua estrutura larga sob a jaqueta de couro com ombreiras de estilo militar, mas havia uma gentileza ou suavidade em seus olhos.

Talvez fosse preciso um pouco de percepção para ver isso, e duvido que ele fosse frequentemente desafiado pela ralé dos clientes por causa disso, mas eu podia ver, como às vezes ele afundava numa tristeza e tédio olhando para o horizonte.

Eu também olhava para a longa e larga rua, quase vazia, exceto por alguns pequenos grupos de bêbados, prostitutas, alguns festeiros; ao longe havia uma grande fonte na praça iluminada de todos os lados.

Não sei por quê, talvez a calma dos aminos abençoados me atingiu, mas meu olhar desviou para um dos prédios de apartamentos na lateral da rua.

Havia só uma luz acesa no meio do prédio, e minha mente divagou para quem morava ali e como seriam, e depois para como seria se eu fosse o menino ou a menina que morava ali.

Muitas vezes desejei, não tanto ser outra pessoa, nem ser imortal, mas poder viver muitas vidas diferentes simultaneamente e não estar limitado a ser apenas uma coisa.

Nesses momentos de humor, quando você está calmo e pelo menos se sente livre, cada detalhe da vida se torna interessante, tudo toma o caráter de imagens de um sonho pacífico que se apresentam uma a uma e não te movem para um lado ou para outro, porque você vê através delas.

Eu me pergunto então, ao menos como experimento zoológico, como seria ser uma garota vietnamita, dona de um salão de unhas, ou até uma mulher angolana obesa de meia-idade comandando um negócio de pedicure com paredes cor-de-rosa... sim, nenhuma forma de vida humana está abaixo de mim nesses momentos.

Já tive até sonhos em que eu era uma porta ou um vaso, livre para observar — imagino só o ato de ver, a satisfação da curiosidade, e não as milhares de preocupações que devem afetar essas pessoas que eu quero habitar.

Mas mais do que tudo, quando a essa curiosidade se junta uma súbita explosão de energia, começo a pensar em homens como eu, da minha idade, e como seria ser eles, o que pensam momento a momento, o que os puxa para cá ou para lá.

Sinto então uma grande saudade deles e também de mim mesmo, e penso nas amizades que poderia ter tido com eles e nas grandes tarefas que poderiam estar por vir.

Sinto-me tomado por isso como uma irritação quase erótica, difusa, e uma grande tristeza e irritação por nunca saber quem mora naquele prédio naquela janela, nunca ver o que eles viam ao olhar para fora.

Esses modos... isso é tudo minha versão de “amor pela humanidade.”

Do outro tipo abstrato, não significa nada, e aqueles que o invocam são mentirosos.

12

Carneiros muito jovens, veados jovens, mesmo ainda filhotes, antes mesmo dos chifres aparecerem, brigam brincando, batendo as cabeças.

Isto é em antecipação aos chifres que irão crescer.

Mas ninguém lhes ensina isso, eles sabem no sangue.

O que veio “primeiro” para esse animal, o desenvolvimento dos chifres ou o “conhecimento” e a vontade de lutar dessa maneira?

No fenômeno como esse está guardado o segredo e a verdade sobre a evolução e a vida.

13

Luta por espaço — Um animal saudável, não sob estresse, não mutilado, não preso pelo homem, busca primeiro, quando jovem: espaço.

O animal busca espaço no sentido físico, território.

Mas esse significado não é apenas físico de forma grosseira, dou isso como uma imagem vívida que é verdadeira para muitos animais que buscam a posse de um território concreto.

Mas, mais geralmente, você deve entendê-lo como algo mais: espaço para desenvolver seus poderes inatos.

O macaco que vive nas árvores busca habilidades para dominar o dossel; o castor busca a posse do rio, das margens e dos juncos ao seu alcance; muitos grandes felinos, claro, buscam o domínio de um território real e reivindicações sobre presas e parceiros nesse território.

Grandes felinos, cães de caça buscam uso completo das garras, presas, desenvolvimento do olfato e outros sentidos para estender seu alcance sobre o espaço.

Eles buscam essas coisas porque querem dominar a matéria.

Tudo isso é o organismo superior organizando-se para dominar a matéria no espaço ao redor.

O domínio bem-sucedido dessa matéria leva ao desenvolvimento dos poderes inatos e ao florescimento do organismo, o que permite dominar mais matéria, mobilizando o inferior para alimentar o superior.

É a mobilização da matéria para desenvolver o caráter inato, a ideia ou o destino – isso é verdade não apenas para comida literalmente.

Em animais sociais ocorre um processo análogo nas relações sociais ou “espaço” social: algumas mudanças importantes acontecem aqui, mas o princípio é o mesmo.

Importante entender que existe um processo circular:

o organismo busca o domínio do espaço, do ambiente, para dominar a matéria de formas particulares às suas próprias habilidades, e como resultado desse domínio da matéria há o desenvolvimento do seu corpo, seus sentidos, todas as suas faculdades, e o desdobramento de sua forma ou natureza destinada, com o tempo, sua forma particular florescendo na primavera de sua estação.

Tudo isso requer precisamente liberdade da luta pela sobrevivência, ou tempo afastado disso, um alívio dessa pressão.

Quanto à reprodução, o animal em estado natural nem sequer buscará isso neste momento, nem sequer pensará nisso.

Muito longe de seus objetivos: busca ficar forte, habilidoso, dominar problemas e sentir a expansão de seus poderes, e não só senti-los, mas perceber intuitivamente seu domínio sobre seu espaço.

Só após o pleno desenvolvimento de seus poderes e seu domínio sobre o espaço específico às suas necessidades vem a necessidade ou desejo de reprodução.

A reprodução é efeito colateral do desejo animal de descarga de força, depois que o domínio do espaço é alcançado.

Por essa razão, muitos animais inferiores se reproduzem muito rápido e com pressa, mas quanto mais alta e organizada a forma de vida, mais complexas são suas necessidades de desenvolvimento, mais retardado é o tempo da reprodução e mais vulnerável é aos estresses da competição pela sobrevivência.

Animais que “evoluíram” sob intensa competição são, em certo sentido, “anões”, menos belos, menos inteligentes, menos magníficos.

Existem muitas “facções” na natureza e muitos caminhos que puxam em direções opostas.

Você deve aprender a ver a linguagem secreta da natureza e para onde ela aponta: há um caminho que busca a produção de um espécime supremo.

É o caminho que governa a vida superior; sobrevivência e reprodução são apenas efeitos colaterais desse caminho.

A vida é, no máximo, a luta básica pela posse do espaço.

14

Algumas coisas me fazem ferver o sangue muito mais do que um desafio físico direto poderia.

Uma vez saí da academia e um Chad se aproximou de mim e começou a me apalpar.

Então descobri que ele estava mexendo nos meus bolsos, tentando ver se alguém tinha roubado suas coisas desaparecidas.

Achei isso muito engraçado.

Talvez fosse depois do treino e eu estava muito calmo, mas não fiquei ofendido com isso, em parte porque seu jeito não era invasivo apesar do que estava fazendo.

Talvez fosse uma forma de culto aos músculos.

Mas raramente me sinto mais irritado, como uma violação da minha privacidade, do que quando estou comendo sozinho num restaurante e alguém vem se sentar bem ao meu lado com o lugar todo vazio.

O pior de tudo é quando um grupo de algo, acho que eram subconscientes ou Han, vieram e sentaram-se bem ao meu lado num restaurante completamente vazio e começaram a comer de boca aberta.

Esse som também, poucas coisas me irritam tanto e se apresentam como uma imposição no seu espaço quanto o som da chamada “comida humana” com barulho.

Outros animais fazendo barulho ao comer não me incomodam, pelo contrário, acho charmoso.

Diferentes tipos, mesmo dentro do mesmo agrupamento de animais — recuso a palavra espécie — têm necessidades muito diferentes de vida.

Meu sangue começa a ferver, contra minha gentileza e bom senso, mesmo quando estou com uma garota e ela insiste em desligar o ar-condicionado ou fechar a janela porque está “muito frio.”

Gosto de espaços abertos e um pouco de frio, e não pode haver convivência com criaturas que gostam de uma existência aglomerada e quente demais.

Também acredito que a raça branca, ou melhor, alguns grupos dentro dela — há muito mais raças do que as pessoas querem admitir — é em geral hostil ao modo de vida das tribos que gostam de uma existência apertada.

Estas são exigências biológicas deste ou daquele modo de vida, e nenhuma lei, nenhuma crença comum, pode juntar tipos tão diferentes.

Um híbrido desses tipos provavelmente nasceria e permaneceria fisiologicamente confuso ou doente.

15

Whoremoans: Energia e vida superior são a mesma coisa — Se tivéssemos sensores muito avançados para observar o interior dos animais de longe e em grande detalhe, sem interferir, sem que eles se sentissem irritados ou oprimidos por nossas imposições, poderíamos aprender muito sobre o que significa a vida.

Observando muitos animais diferentes em lugares diversos, poderíamos ver quais condições um animal busca na vida em geral. Esses sensores precisariam ser muito mais avançados do que os equipamentos que temos hoje, capazes de mostrar quais partes do cérebro são ativadas, ver a relação disso com a pressão sanguínea e frequência cardíaca, a ação do sistema imunológico, o nível de diversos marcadores inflamatórios e anti-inflamatórios, e, principalmente, o equilíbrio e ação dos hormônios nos sistemas do corpo, no cérebro, e como tudo isso se correlaciona ao que o animal faz em determinado momento.

Qualquer informação que temos hoje sobre isso é, no máximo, rudimentar. A literatura médica é confusa, é apresentada com grande confiança, mas é corrompida por dinheiro, carreira e outros interesses variados. A literatura científica é menos conhecida e ainda contraditória. Sabemos, no máximo, algumas relações, como o que significa um nível elevado de tireoide ou cortisol em tal hora do dia, e seus múltiplos efeitos nos tecidos e sistemas do corpo.

Não temos uma compreensão real e global de como essas coisas interagem, nem o que significam para os processos gerais do corpo, e muito menos para a vida do organismo como um todo. Poucos que tentaram alcançar essa compreensão, como Ray Peat, foram tratados como excêntricos.

Mas não é possível entender o que a vida significa, nem o que um organismo deseja, nem o que qualquer comportamento específico ou adaptação física significa até que isso seja estudado. Se os biólogos fossem honestos, teriam tentado seguir esse caminho, sem pressupostos, apenas acumulando observações sobre diferentes

organismos em diferentes situações. Mas fizeram isso muito pouco, e sempre distorcido por suas agendas e preconceitos.

Os dados que temos são, portanto, muito escassos e levará décadas para conseguirmos o que é necessário, mesmo que os pesquisadores comecem agora. Será um gênio das eras aquele que realmente entender e explicar a visão completa de como os hormônios atuam em um organismo.

Não há ironia nisso — eu não faço ironia! Aprenda que eu não entendo a ideia de “ironia” dos gays.

Os hormônios são a chave para o significado da vida da forma mais fundamental, e se isso lhe parece “reducionista,” se acha que estou desmistificando demais as coisas, é porque pensa que sabe o que não sabe, ou acha que os cientistas sabem, quando na verdade não sabem.

Essas substâncias, vistas com olhos frescos, são pura Grande Magia. Elas governam todos os ciclos do crescimento e da decadência de um organismo. Podem transformar uma pequena bezerra ou um bebê gorila em um elefante gigante ou um gorila de meio tom de peso, alimentados só com plantas, podem transformar um homem magro num Hércules semi-deus, ou fazer um homem forte assumir o aspecto de mulher, mudando tendências e sentimentos, espelhando a transformação mágica de alguns animais que trocam de sexo por sinais que ainda não compreendemos.

Isso não cobre nem de longe os diferentes significados da tireoide, progesterona, vários neurotransmissores e muitos outros que agem de um jeito no sistema nervoso, de outro no intestino, de outro no sistema imunológico, que governam a divisão celular e a preservação da função de formas que ainda são mistério para médicos e para a ciência.

Só uma compreensão completa dessas substâncias ocultas revelará a plenitude da vida em sua glória!

O estudo da vida como “caixa-preta” levou a mal-entendidos porque os observadores são desonestos e estúpidos e relatam uma ação, mas não o que vem antes ou depois, nem o lugar dela na vida do animal, nem tentam intuir a partir de si mesmos: o estudo dos hormônios, entre muitos outros processos internos do organismo, os impedirá de mentir dessa forma.

Por exemplo, um animal pode agir de um jeito sob estresse e pressão, mas parecer fazer a mesma ação por um espírito de abertura e auto-aumento, e essa mesma ação ou comportamento pode ter significados biológicos completamente diferentes: isso será mostrado pelas ações dos hormônios, neurotransmissores e citocinas no corpo.

E eu vou te dizer o que provavelmente descobrirão! Até agora só Ray Peat, um homem abençoado por uma compreensão grandiosa e alienígena, tentou decifrar a linguagem secreta dessas substâncias abençoadas.

Aprenda que existem pelo menos dois tipos de vida. Normalmente você pensa em vida versus matéria inanimada — como é estranho que as línguas mais primitivas, os grunhidos aglutinativos dos Neandertais como o basco, não distingam gênero do substantivo, mas sim entre animado e inanimado! Eu me pergunto o que chamariam de levedura.

Aprenda que existem dois tipos de vida, e a levedura é diferente da vida superior. Vida superior significa muitas coisas complexas e misteriosas também, claro, mas na sua base mais simples tem a ver com diferenciação e estrutura. A levedura é uma “massa amorfa” que se expande, enquanto um organismo superior tem diferentes partes com funções diferentes, órgãos diferentes, sistemas diferentes dentro de si.

Os sexos são diferentes porque a reprodução é sexual, e alguns tomam isso como a principal distinção, reprodução assexuada versus sexuada. Mas é óbvio que a “diferenciação” em organismos superiores vai muito além disso.

E para preservar a função dos diferentes órgãos e sistemas dentro de si, um organismo sacrifica a capacidade de expandir e replicar indiscriminadamente, como a levedura faz, por exemplo.

Você pode pensar nisso como um “sacrifício” dessa habilidade, ou simplesmente dizer que esses dois modos ou tendências, expansão e replicação de células de um lado, e preservação da função diferenciada do outro, estão em conflito.

Eles são governados por diferentes hormônios e neurotransmissores, onde estrogênio e serotonina são substâncias de “estresse” que governam a divisão celular, mas tireoide e progesterona são os que governam a preservação da função.

Não é correto chamar o estrogênio então de “hormônio sexual,” mas sim um hormônio do estresse, e sua maior proporção no corpo feminino se dá porque a mulher está sob maior estresse devido às demandas da divisão celular interna e da menstruação.

Claro que o quadro está longe de completo, mas isso leva a muitas boas observações.

Considerando isso pelo lado da patologia, a divisão celular indiscriminada, o retorno da “vida primitiva” dentro do corpo humano é chamado de câncer, que se parece e age muito como um fungo.

Por outro lado, do lado da saúde, a estrutura do corpo é preservada na medida em que as células comandam energia com sucesso, e, para falar artisticamente mas com precisão, de um lado os hormônios que promovem energia celular são justamente os que promovem a preservação da função, como a tireoide e seus similares, enquanto os hormônios que promovem “lassidão” e que tiram energia são justamente os que promovem a divisão celular, a inflamação, a produção de radicais livres, a quebra da ordem e da função.

Em um nível profundo isso deve estar conectado à verdade fundamental da natureza, que estrutura e energia são a mesma coisa, que energia não é tão “difusa” quanto imaginamos, mas tem uma “inteligência” interior — essa palavra é muito ruim aqui, porque o intelecto imperfeito de nossos cérebros é apenas uma aproximação dessa Vontade primordial e primal.

Essa Vontade é todo-poderosa. Suas formas são infinitas.

Não é diferente do fogo de Heráclito, uma energia onipresente em ação dentro de todas as coisas, que busca ordenar e reordenar-se em objetos ascendentes e misteriosos.

Sua intenção é travessa, além da nossa capacidade de entender em palavras.

Na vida dos organismos, essa energia busca ordenar-se em formas superiores e mais diferenciadas, isto é, concretamente, busca a produção de um exemplar supremo.

Os povos são os caminhos tortuosos da natureza para grandes exemplares e, por essa razão, os povos que surgiram da natureza devem ser preservados em suas formas distintas.

Da mesma forma, veja que o físico estético tem o significado mais cósmico, e é por isso que corpos estéticos são uma “janela para o outro lado,” porque são o ápice da natureza.

Os deuses, que certamente existem mas permanecem ocultos, têm os corpos mais belos que podemos imaginar — eles apareceram aos antigos gregos em sonhos.

Contrariamente a isso está o excesso de carne que vemos nos obesos e, em geral, a lassidão, a obesidade espiritual, não apenas da vida moderna, mas de muitas formas históricas de vida também, a vida doméstica da vila, do esgoto da vila, dos vales fétidos, do matriarcado e dos domésticos, dos escravos, a poluição das cidades construídas sobre sujeira, a vida do pântano, a vida do animal humano reduzido à mera vida, vida pela vida, como se degradando à forma de levedura estética, moral, intelectual e fisicamente.

Do outro lado está a vida dos deuses imortais que vivem no ar puro das montanhas, e o sinal dessa vida, onde a energia é mobilizada para a produção de ordem superior, é o físico estético, o corpo em sua glória e beleza divina.

E a mente, então? Bem, tão raros quanto são os corpos belos, a mente na mesma condição é ainda mais rara.

Vamos nos esforçar, em nosso mundo decadente, canceroso e fétido, pelo que é concreto e pelo que podemos tentar alcançar.

Aqueles que esquecem o corpo para perseguir uma “mente perfeita” ou “alma perfeita” não fazem ideia nem por onde começar.

Só a beleza física é a base para uma verdadeira cultura superior da mente e do espírito também.

Só o sol e o aço mostrarão o caminho.

16

Chimpanzé no estado natural nunca se masturba, mas em cativeiro ele o faz, o que isso significa? No estado natural, ele está ocupado demais, para ser direto. Ele está preocupado em dominar o espaço: resolver o problema da vida em e sob as árvores, dominar as ferramentas que pode, dominar as relações sociais na disputa por poder e status.

Privado desse impulso para desenvolvimento e auto-aperfeiçoamento, ele regride para a masturbação sem propósito, em cativeiro, onde percebe que está em espaço pertencente a outro e, portanto, a futilidade de todos os seus esforços e ações.

O onanismo da sociedade moderna está ligado à sua suposta “hipersexualização” e sua infertilidade. Na verdade, não é hipersexualização, mas a regressão do espírito para a lassidão de uma sexualidade difusa e fraca.

A vida em espaço dominado torna-se drenada de energia por meio de uma estimulação fraca e sem propósito — e o nofap é uma espécie de culto cargo que tenta restabelecer a energia em ordem, no caminho da ascensão.

Às vezes, porém, é um culto cargo bem-sucedido, mas se funciona ou não geralmente pode ser visto em uma semana.

O infeliz nisso tudo é que as mulheres têm antenas excepcionalmente boas para esse tipo de coisa, e quando um homem se liberta dessas pressões... elas percebem isso de muito longe.

Elas têm o instinto de buscar vida ascendente e drená-la... elas e a espécie, assim, alcançam seus objetivos, mas você é sugado até ficar uma casca vazia.

Elas regridem a vida ao seu estado irritado, e por essa drenagem da essência vital, muitos grandes feitos foram postos a baixo.

17

Sempre fui atraído pela sujeira e imundície, porque algo em mim sabia intuitivamente que é somente na parte sombria da vida como ela existe hoje que se encontram as verdadeiras “lacunas,” os “buracos” onde seu alcance é limitado ou fraco.

Sempre senti que havia alguma verdadeira liberdade nos mais negros distritos de luz vermelha, entre prostitutas, viciados, pervertidos e piores, com quem sempre escolhi jantar quando tive chance.

Gosto das histórias que me contaram, algumas mostravam cartas de um engenheiro espanhol delirante que queria se casar com ela, outra me contou a história de um aborto espontâneo que uma amiga teve no banheiro de um velho pervertido, e como eles o jogaram no vaso sanitário e depois escreveram seu nome num pedaço de papel higiênico.

É nesse mundo e quase só nesse mundo hoje que se pode começar a afiar as garras que a natureza lhe deu, assumindo que tenha dado alguma.

Infelizmente, é fácil para um homem com boas antenas ver que mesmo esse mundo das sombras tem, no máximo, uma existência condicional.

A verdade é que eles permitem esses “buracos” porque eles, ou as pessoas que criaram o tecido no qual operam os mestres da mentira, são inteligentes o bastante para saber que você precisa desses “espaços livres”: eles são de grande utilidade para um manipulador.

Veja como os japoneses, tão famosos por seu amor à lei e à ordem, sempre permitiram que a yakuza operasse, gerenciando prostituição, anéis de metanfetamina e até coisas piores.

Essas coisas têm uma função séria na sociedade japonesa, assim como a máfia e outras instituições tiveram na sociedade ocidental.

Apenas um governo cretino vai eliminar completamente esse mundo, e felizmente temos governos muito estúpidos no Ocidente agora. Os dias deles estão contados.

É com tristeza que você percebe, eventualmente, depois da primeira euforia da liberdade nesse mundo dos condenados, que esses espaços também, embora não sejam tão “possuídos” de forma onipresente, têm portais e guardas controlados por aquilo que possui tudo o mais.

Ainda assim, é melhor do que nada porque, no momento, tudo isso ainda está longe... numa noite de fim de verão, quando você é solicitado por um advogado corrupto a espionar o dono libanês de um clube de strip-tease e você está no pátio com uma prostituta de 20 anos, ela coloca cocaína na sua língua e você sente o ar do oceano à noite preencher você com a saudade do grande mar...

Você quase pode esquecer o ar sufocante da gravidade lá fora, e sentir por alguns minutos como um animal antes do momento da caçada.

18

Quando falo de “whoremoans” você pode pensar que sou um materialista reducionista, ou que estou dizendo que você é como uma máquina. Essa é a atitude de muitos cientistas, ou talvez apenas de cultistas da ciência.

Na verdade, muitos da esquerda afirmam ter essa atitude, embora nunca consigam explicar qual força moral seus “direitos” e “compaixão” têm, se não vierem de Deus ou não tenham alguma realidade na natureza humana.

Quando dizem que são ateus, eu nunca acredito: ateus agem como Stalin ou Brejnev, não como uma professora presbiteriana.

A verdade é que aqueles que formam o núcleo da esquerda moderna são fanáticos morais. Não há uma gota de ateísmo ou relativismo neles.

Eles não gostam do ar puro do ceticismo e nunca gostaram. Sempre enfiam a alma ou o livre-arbítrio quando você não está olhando.

Eles realmente se excitam com isso, agindo por despeito, até contra si mesmos.

Querem sentir que não estão no controle, “meus hormônios me fizeram fazer isso”: o que é isso em você além dos seus hormônios, seus genes, seu instinto inato, então?

“São os genes,” “é o ambiente,” “é a economia ou a opressão”—todas versões da teoria do meio, a teoria de um neurótico segundo Nietzsche.

É assim que eles também conseguem acreditar em transgênderismo: são pessoas que acreditam que a matéria pode ser configurada de forma corrupta, e que todos nós temos almas desencarnadas com essências masculinas ou femininas.

Toda a tentativa de redefinir a identidade, não apenas a sexual, como uma questão de decisão, ou seja, decisão feita arbitrariamente, livremente, uma escolha do intelecto ou da razão, é o esforço desesperado deles para encontrar uma nova justificativa para o livre-arbítrio, a alma sem restrições da natureza ou biologia.

Essas coisas não fazem sentido quando você percebe que você é seu corpo e não há “você” além disso.

As primeiras linhas da Ilíada deixam isso claro: você até tem uma “alma” de algum tipo separada do seu corpo... só que ela não é você.

É uma sombra. É completamente homossexual.

19

Alguns pensam que essa visão os absolve da responsabilidade por seus atos. Mas, na verdade, você é responsável por muito mais do que seus atos. Aquilo que se diz que o determina ou restringe biologicamente é, na verdade, o que você é. De fato, isso restringe seus atos segundo seus modos inerentes de desejar e agir, mas você é isso, e isso decidiu ser, portanto, na verdade, você é responsável por muito mais,

você é responsável pelo que você é.

Você é responsável pelas coisas boas e ruins que lhe acontecem, por qualquer acidente ou doença que possa experimentar! Na verdade, tudo isso ia acontecer com você exatamente como aconteceu, no momento do seu nascimento ou concepção e até antes, no momento em que seus pais tiveram um brilho no olhar um para o outro.

Fundamentalmente, não há diferença entre você e esse brilho.

Os animais andam por aí num estado de intoxicação religiosa permanente.

Esta é a condição natural da mente e do intelecto, a percepção momento a momento, do homem também.

Ouvi um idiota da computação dizer que a religião é a “realidade virtual mais antiga”, para justificar sua indústria fraudulenta.

Não, o estado desnudado do espírito e do intelecto, onde você anda “desmistificado” e “desencantado”, é a condição de realidade virtual, e uma condição terrível, ainda por cima.

Por um longo período do qual temos consciência, por centenas de milhares de anos no Paleolítico, os humanos andavam por aí, como animais saudáveis, num estado que hoje chamaríamos de delírio religioso, mas que é na verdade o estado padrão de toda vida consciente e semi-consciente.

Por muito tempo após o surgimento da civilização, muitos também continuaram nesse estado, ou o viviam em épocas especiais do ano ou em festivais onde o homem podia recuperar seu estado livre e natural.

Foi a civilização e, em particular, a civilização agrícola, que proibiram essa condição e mergulharam a maioria dos humanos num estado semi-permanente de repressão ou depressão.

Não deve surpreender que isso seja consistente com, e até pré-requisito para, as impressionantes obras e desenvolvimento da civilização e cultura superiores: a maioria da humanidade também sofreu terrivelmente em seus corpos com o advento da agricultura, o trabalho exaustivo, a desnutrição que se manifesta na estatura menor e na constituição mais delgada dos esqueletos dos agricultores, na destruição dos dentes, na atrofia dos cérebros e de outros órgãos.

A agricultura permitiu uma fonte constante de alimento, um aumento populacional e, acima de tudo, a manutenção de uma elite, livre dessas exigências, que vivia parasitariamente sobre a maioria.

Mas a agricultura quebrou o animal humano e o domesticou.

Você entende então o que é a visão de mundo “desencantada”?

Tenho que rir da “visão de mundo secular”, da visão desencantada, que na verdade é a visão ou o humor do camponês quebrado.

“A ciência”, supostamente o conteúdo... isso nem é relevante aqui...

Minha coisa favorita é andar pela cidade durante o dia completamente embriagado, em ruas muito cheias ou na orla junto ao mar ou rio, com um recipiente que talvez pareça chá gelado ou água, mas que está cheio de álcool.

À noite não gosto tanto, mas durante o dia andar assim, num estado de grande entusiasmo e energia alimentado pela bebida alcoólica, ou, melhor ainda, algum tipo de vinho que te energiza até uma grande e sagrada fúria.

Não quero dizer fúria de verdade, porque por dentro estou rindo, mas adoro andar assim, ver as pessoas, abordar estranhos de todos os jeitos, nada é mais divertido.

Muitas vezes, nesses momentos, me perguntei como seria, e quão abençoada seria a vida, se eu pudesse me sentir assim o tempo todo e não apenas quando bebo, e também nunca pagar o preço por isso.

Aliás, álcool nunca deveria ser usado para aliviar estresse porque depois do efeito e até no dia seguinte há uma elevação de cortisol, tornando os sentimentos desagradáveis ainda piores.

Mas me perguntei como seria sentir-se assim o tempo todo e se não há, ou não houve, pessoas que o fazem.

Não nos dizem que o mundo está cheio de mutantes? Por que não um mutante que está perpetuamente cheio desse tipo de euforia... mas ainda mais, por que não apenas um conjunto de emoções, ou uma emoção só.

Nessas horas imaginei como seria a vida se você fosse possuído por apenas um sentimento específico, e se existe alguém que sentiu somente a raiva mais pura e intensa, continuamente e nada mais, ou que sentiu só um tipo muito específico de alegria e nenhuma outra emoção...

Até a tristeza de certos tipos torna a vida bonita e pode ser um incentivo para grandes coisas.

Até o pânico é melhor que a insensibilidade promovida no nosso tempo.

Como seria uma criatura que só sentisse isso, e por que ela não pode existir?

Seria um monstro, ou um deus, ou em qualquer caso estaria possuída por um deus.

Você imagina que homens de gênio ou, digamos, homens da ciência na história andassem com a cabeça clara, “desencantados”, racionais, com a atitude fechada do culto à ciência e do materialista?

Nenhuma grande descoberta jamais foi feita pelo poder da razão. A razão é um meio de comunicar, imperfeitamente, algumas descobertas para outros, e no caso das ciências, um método de tentar tornar essa comunicação certa e precisa.

Mas ninguém jamais fez uma descoberta por meio de silogismos, pela razão, por essa forma improvisada de transmissão.

Grandes matemáticos viam relações espaciais, assim como grandes físicos viam e, em certa medida, sentiam relações físicas. Na contemplação de formas matemáticas, há quase uma sensação física das relações geométricas, e toda a matemática, no fundo, é sobre relações geométricas, mesmo quando não parece ser.

Compare a prova euclidiana do teorema de Pitágoras, baseada em silogismos, que não ajuda você a entender nada do que realmente está acontecendo, com a prova imagética dos três quadrados, que faz você perceber, fisicamente, até no corpo, por que esse teorema é verdadeiro.

Gauss, tão amado até pelos enfadonhos goblins cientificistas que até o Google fez um desenho animado dele, é famoso por ter dito algo como: “Eu entendi... agora tenho que explicar.”

Quer dizer, ele tinha visto e sentido a relação espacial fundamental que buscava, mas agora tinha que traduzi-la para a linguagem imperfeita da matemática para os outros.

Assim, toda a matemática e toda ciência em geral — a matemática é apenas o protótipo e o mais preciso das ciências — trata das definições, não da prova, não do processo ou — absurdo! — do “algoritmo.”

Todas as grandes descobertas científicas, supostamente as grandes obras da “razão”, são de fato resultado de intuições e de uma apreensão súbita de ideias.

E toda essa apreensão e alcance súbitos baseiam-se no que, em outras circunstâncias, seria chamado de um tipo de intoxicação religiosa: depende de um estado da mente em que a parte que percebe do intelecto está absolutamente focada, límpida, mas movida pela energia mais implacável, uma energia para penetrar.

A percepção direta já é “intelectualizada” e, na verdade, muito mais próxima da “inteligência” inata das coisas do que silogismos cerebrais.

Nenhum cientista que valha algo jamais sentiu orgulho de usar algoritmos ou tentativa-e-erro para resolver um problema.

Sim, as feministas têm razão que “ciência” é patriarcal nesse sentido, que é uma “violação” da natureza.

Cientistas reais como Galois são monstros de vontade, e a predominância dos homens nas ciências exatas é explicada por essa orientação do caráter, assim como pelo fato de que as mentes dos homens, mais do que das mulheres, são capazes de foco sustentado em uma coisa (mulheres são melhores em multitarefas).

Há mulheres que foram grandes cientistas, mas, como mulheres que foram grandes jogadoras de xadrez ou poetas, provavelmente são lésbicas espirituais.

23

O camponês moderno apenas substitui os preconceitos artificiais das superstições e dos contos das velhas do vilarejo pelas superstições da ciência, que ele recebe pronta, das autoridades entre os divulgadores científicos.

Ele as ama por causa do conforto material que acredita que elas oferecem através da tecnologia.

Ele é um cultista do cargueiro — não sabe nada do que está por trás das descobertas da ciência, nem da forma como o conhecimento é transmitido entre os cientistas, ele só tem uma imagem propagandizada de alguns dos resultados.

Isso não é diferente da crença na Grande Magia, que é como muitos povos primitivos veem a ciência — a Grande Magia do homem branco.

Nem mesmo o conteúdo da ciência é o problema, porque poderia ser de grande utilidade, assim como qualquer outra religião popular foi: o problema é o quadro espiritual em que ela coloca o acólito.

Ela faz o sujeito pensar que tem poder sobre os processos da natureza, os quais, na verdade, são ainda muito pouco compreendidos.

Ao remover o medo primal — o único tipo de reverência que impulsiona as massas — ela injeta uma mistura tóxica de complacência, arrogância, brutalidade, fanatismo, que está apenas sob a superfície, enquanto os tempos são bons.

A ciência, como religião popular, não traz verdadeira consolação, mas alimenta um tipo de falso orgulho, orgulho de se odiar — isso soa familiar? Deveria soar especialmente familiar para as mulheres.

Na verdade, torna as massas mais servís às autoridades que supostamente entendem e manipulam a tecnologia.

Esse é seu propósito: fazer as massas se submeterem, o que não seria ruim, se elas não estivessem se submetendo aos senhores das mentiras.

Dá para entender por tudo isso por que o Iluminismo nunca pode acontecer, mas também por que os críticos do Iluminismo, como a maioria dos seguidores de Heidegger, estão no caminho errado.

Eles têm razão quando dizem, em tantas palavras, que o caráter inato de cada homem é de alguma forma único, a biologia muito particular, muito mais do que o caráter mais uniforme dos animais.

Para os animais, a operária formiga, ou duas moscas da fruta, terão exatamente o mesmo inato, mas os humanos são todos um pouco diferentes.

Desses fatos eles tiram a conclusão de que nenhum “caminho” comum serve para todos, mas que o único caminho autêntico para você pode vir das necessidades do seu eu interior.

Toda adesão a um código externo, religião ou ideologia é “inautêntica” e representa essencialmente uma forma de controle mental, sua adoção dos pensamentos de outro, inadequados para o seu próprio metabolismo, biologia, condições peculiares para crescimento ou florescimento.

Sim, é verdade, Nietzsche chegou ao ponto de evitar ler qualquer coisa escrita por outros, para não infectar sua mente!

E ele era um mutante com uma biologia muito particular — esses tipos geralmente são assim — e ele estava certo que para eles, fisiologia e dieta podem ser as pesquisas mais urgentes necessárias.

Mas ele nunca esqueceu que o fato fundamental da natureza é a desigualdade, e isso é algo que essas pessoas, os seguidores de Heidegger, e o próprio Heidegger em grande medida, esquecem.

É loucura pedir ao homem comum e pré-fabricado que crie seu próprio caminho, sua própria “religião” — as massas encontram consolo e significado apenas na submissão.

É bom que assim seja, e eles não deveriam se sentir envergonhados por isso.

Grande parte da idiotice moderna se baseia em envergonhar aqueles que encontrariam verdadeiro prazer na submissão!

A longa cadeia do ser é mantida unida por comando e obediência.

As massas não são tão diferentes umas das outras, nem suas condições de vida são tão diversas.

No fim, você também, não importa quão especial ou gênio seja, está ligado ao homem médio por muitos laços biológicos, então ambos fariam bem em prestar atenção ao que é comum, especialmente no que diz respeito ao corpo.

O corpo não é uma coisa privada: o corpo “individual” provavelmente está doente.

O corpo universal, o tipo correto descoberto pela ciência e arte gregas antigas, não é algo que você desenvolverá cultivando suas próprias “esquisitices” individuais, crenças e afetações.

A biologia funciona segundo tipos e graus de manifestação, não segundo o desenvolvimento de excentricidades pessoais “únicas”.

A ciência, entendida corretamente, ajuda a compreender os tipos, as espécies, as verdadeiras divisões da natureza.

A ciência não é em si a causa dos nossos problemas, da sua “alienação”, nem tem conteúdo além de quem a usa e para quê.

A ciência é uma grande ferramenta porque pode nos revelar as condições biológicas de toda a vida e as relações entre tipos de vida.

Ela pode, como Nietzsche previu, resolver a questão da verdadeira hierarquia de valores, ou mais precisamente, a verdadeira escada da vida, a verdadeira hierarquia dos tipos biológicos.

O que impede isso de acontecer não é inerente à ciência ou à tecnologia em si.

É um problema político e sociológico — de um jeito ou de outro, com o tempo, a força correta tomará posse do poder da ciência e revelará seu verdadeiro potencial.

A ciência nunca foi feita para conforto!

Eu não falo sobre se Deus existe ou não, eu não sei disso. Nunca tive nenhuma sensação a esse respeito, nem para um lado nem para o outro.

Já estive em casas de religião, mas sempre não sentia nada, me dava sono. Até a novidade de um templo budista ou hindu passava muito rápido: eu gostava do espetáculo, mas podia perceber... esses sacerdotes são só mais martelos pilões. Eu sempre me entediava muito.

Como podem as coisas secretas, escondidas e preciosas serem sobre doutrina e apenas mais falação?

Mas — e eu não sei por que as pessoas juntam essas coisas, porque para mim elas nunca tiveram nada a ver umas com as outras — mesmo quando criança sentia que todo objeto era habitado por uma sombra estranha ou espírito.

Eu honrava certos brinquedos e certos objetos que encontrava do lado de fora e escondia com cuidado. Ninguém nunca me ensinou a fazer isso. Encontrei um animal morto e o enterrei com cerimônia.

Sempre senti que podia conversar com os animais e que eles eram meus irmãos e irmãs.

Esse “animismo” é a religião natural do homem, e se mostra mesmo na criança pequena deixada para brincar sozinha.

Lembro com carinho de um cachorrinho branco sob arbustos de glicínias crescendo sobre aço ondulado, e acredito que esse cachorro me seguiu em diferentes formas a vida toda.

Mas estou quase certo de que os deuses existem, e em todo caso, o argumento contra o deus único não é o mesmo contra os outros deuses.

Em todas as críticas furiosas de Sam Harris, Hitchens e os “novos ateus” não há nada realmente novo — eles querem banir não só a religião da vida pública, mas entrar na sua mente e substituir quaisquer vestígios das velhas religiões organizadas por sua própria religião organizada e muito estúpida.

Se têm facilidade para isso é porque o monoteísmo extrapolou. Fez reivindicações tão grandiosas... e quando essas reivindicações foram abandonadas deixou as pessoas com a impressão de que realmente não há nada além da “ciência”, que claro, ninguém entende direito, pois é nada além de um método.

Teria sido muito mais honesto abraçar o ceticismo, mas claro que nunca deixam você ir até a conclusão lógica.

Mas ainda assim, esqueça por um momento todas as reivindicações sobre Deus, sobre a criação da matéria do nada — que vai contra toda intuição e toda observação que você mesmo pode fazer... você nem precisa da ciência para isso.

Paglia disse uma vez que a verdadeira novidade do deus único foi que ele falou o mundo para a existência.

Como isso era diferente de todos os outros mitos de criação!

Todos os pagãos sabiam que o mundo era eterno, e que sua condição presente era resultado de ciclos de nascimento, renascimento, regeneração, cópula: os japoneses têm até mitos sobre deuses que cagam nos campos para torná-los férteis!

Que coisa correta, isso ajuda a entender muitas outras coisas sobre a cultura japonesa.

O monoteísmo, mesmo na sua variedade intelectual ou deísta, e especialmente nessa variedade, faz todas as sortes de reivindicações também sobre a legalidade da matéria ou da natureza, sobre design inteligente e coisas do tipo.

Na verdade está muito mais próximo da ciência que alega refutá-lo, do que do paganismo original de toda a humanidade.

Tanto dessa história que faz o tempo uma linha e faz a matéria condicional a uma divindade ou criador que vive fora dela: a criação da matéria do nada, a criação da sua alma do nada.

A matéria é morta, em alguns aspectos homogênea, e seu significado é “divino” somente no sentido de que revela a criação da divindade externa, ou melhor, apenas as leis que ele fez para governá-la.

Isso parece e soa errado, ou vai contra a percepção imediata do mundo, então requer fé, um conceito desconhecido para os antigos pagãos de todos os tipos.

Por isso os romanos consideravam cristãos e judeus como nada diferentes dos ateus.

Essa visão é bem diferente.

Assim, não há razão “científica” para você ter que descartar a existência de seres mais fortes, superiores, mais inteligentes, mais magníficos que nós, equipados com poderes que parecem mágicos para o nosso entendimento.

A única razão que consigo imaginar para rejeitar isso é a de Schopenhauer, sua divertida refutação de Deus — que qualquer ser com inteligência maior que a do homem já teria se abolido há muito tempo.

Mas se você não acredita nisso, que razão haveria?

Por favor, não diga “não há prova”, “eu não vi”.

Prova científica seria totalmente proibida aqui: na verdade, há muitos acontecimentos estranhos registrados por muitos, tanto quanto um evento pode ser registrado, mas isso não tem nenhum significado científico, é um caso de “não aplicável”.

Se um deus travesso do tipo inferior, com que o mundo está cheio, algum duende roxo de rosto malvado, se mostrasse a um pedante de jaleco branco, o cientista se convenceria de que está alucinando — e de qualquer forma, sem estar disponível para estudo, para testes, para experimentos que outros possam ver (esse padrão tem sido abandonado para muitos campos recentemente), sua existência não entraria no campo da “ciência”.

Não, e o que você diria sobre relatos antigos de que tais criaturas se mostraram aos homens no passado, e talvez ainda o façam?

Por que se mostrariam para você?

A fraqueza e a falta de espinha dorsal do homem moderno — nenhum deus se mostraria a criaturas assim, para serem zombados!

Por quê?

Lembre-se do porquê os jovens na história de Mishima da Liga do Vento Divino estavam tão inflamados de paixão e raiva em nome dos deuses imortais.

Eles sabiam que, sem eles, sem a raça dos guerreiros, a maioria esqueceria os deuses.

Eles se tornariam espíritos impotentes escondidos entre os juncos, alvo de superstição e ridículo.

Os verdadeiros deuses têm um tipo de poder, mas não o tipo que a maioria imagina.

Por que eles deveriam se importar com a humanidade?

Eles são raros e preciosos, e cabe ao homem encontrá-los, reconhecê-los e honrá-los.

Essa era, ao menos, a visão antiga: e a fundação e preservação dos oráculos era a primeira questão da vida e também da arte de governar.

Os deuses não podiam controlar a natureza ou o destino, mas podiam revelar seus funcionamentos em momentos-chave.

Se um deus aparecesse hoje para você, em sonho, teria você a energia interna e o poder para honrá-lo e cumprir sua vontade no mundo?

Ou você, castrado pela moderna mente coletiva do escravo, o descartaria, e a si mesmo como irreal ou indigno, quando quem realmente falta com a realidade é o homem moderno e sua tagarelice?

Mas eu quero que você fique intoxicado com o mais alto entusiasmo e esteja pronto para receber essas maiores bênçãos com grande confiança!

25

Os nerds, tão valorizados pelos medíocres que governam as cidades e querem pensar que, bem, pelo menos eles são inteligentes e merecem RESPEITO, são pessoas que possuem uma espécie de paródia autodestrutiva da inteligência.

Sua facilidade com conceitos e abstrações inúteis os faz acreditar que compreendem coisas reais, quando tudo o que têm é um entendimento equivocado de palavras e gramática, generalizado a ponto de não significar nada.

Pessoas simples confundem facilidade com palavras com verdadeiro intelecto.

Seria muito fácil especular, por exemplo, sobre os dois tipos de vida que mencionei acima e dizer, como alguns fazem, que há um progresso no universo do simples para o mais complexo.

Isso é semelhante àqueles que acreditam no progresso histórico, e que existe um movimento na história em direção a mais racionalidade, ou paz, ou prosperidade, ou liberdade, seja o que for.

Todo esse modo de pensar está errado.

Embora eu acredite que os dois processos fisiológicos que mencionei descrevem dois tipos diferentes de vida, com suas diferentes condições e objetivos, não há evidência de qualquer movimento no tempo em favor de um ou outro, seja no universo ou na história humana.

Se houver alguma coisa, a evidência aponta para um movimento em direção às formas de vida mais baixas.

Não tenho dúvidas, de qualquer forma, de que seres de magnífica beleza e complexidade existiram antes, mas desapareceram porque as condições para sua preservação eram muito mais difíceis.

Também não há dúvida de que a civilização humana surgiu e desapareceu em muitos ciclos, ao longo de centenas de milhares de anos.

Civilizações muito mais avançadas que a nossa estão enterradas sob milhas de cinzas e rochas, ou sob o gelo da Antártida, ou foram completamente pulverizadas.

A memória dessas coisas vem a jovens muito sensíveis, com um sistema nervoso tão forte que, como parasita, toma conta do organismo: em momentos de calma límpida, uma pequena perturbação na vontade traz uma leve sensação de uma memória de muito tempo atrás... eles de repente se lembram, como uma revelação...

26

A reencarnação é a crença original de toda sociedade ou tribo que tirou suas conclusões da observação da vida e da natureza.

As religiões novas, a fé de Israel e aquelas que dela derivaram, e muitas outras que surgiram naquela época ou depois — acredito que o zoroastrismo seja provavelmente a raiz também da fé na Bíblia — tiveram alguma inspiração divina em seus começos, mas creio que pelo menos a forma como são interpretadas hoje é uma construção da mente humana, e calculada.

Elas são abstratas, utilitárias e grosseiramente políticas.

Antes disso, quase toda sociedade acreditava na reencarnação. Isso ainda persiste em alguns lugares, embora o significado moral imposto à reencarnação pelo budismo e hinduísmo seja, como o de Platão, por razões de utilidade social e seja político.

Mas há muito significado na crença primitiva na reencarnação, que é mais como uma crença primal e perene.

É universal e ingênua, e por isso acredito que deve conter alguma verdade.

Não é possível descartá-la como um desejo de compensação, ou um desejo falso de imortalidade: primeiro, porque, como vemos, as religiões posteriores alcançam isso de forma muito melhor com o ensino da vida após a morte, mas sobretudo porque, para muitas pessoas, a reencarnação é uma espécie de inferno.

Todos vocês tiveram vidas confortáveis e talvez não se importassem de reviver algo assim, mas tentem visitar um setor de queimados.

A vida é tão dolorosa para tantos que o suicídio, uma fuga desta prisão infernal, é muito comum em todos os tempos.

Mas, infelizmente para os suicidas, a morte não é o fim da história.

Eu acredito que a reencarnação é fundamentalmente verdadeira, mesmo que a maioria dessas religiões a tenha ensinado de forma metafórica e popular, chamada metempsicose.

Esta é a crença de que a alma, a suposta (mas falsa) unidade da vontade e do intelecto, renasce plenamente.

Isto é falso. O intelecto é apenas uma qualidade física, como a força muscular, e não pode ser “renascido” mais do que seus músculos são literalmente renascidos.

Você não é, na essência, seu intelecto, isso é impossível, embora essa seja a suposição da maioria das pessoas modernas, mesmo quando afirmam o contrário.

Elas fazem um discurso vazio sobre a “supremacia dos desejos” ou sobre o determinismo biológico, mas ainda acreditam que são seus intelectos, apenas aprisionados pela carne, matéria, genes e uma “programação” biológica.

Isso está errado!

E não é o intelecto que renasce, vou lhes dizer o que é.

Pegue uma mosca-das-frutas ou uma formiga operária. Esse tipo de ser é, em certos aspectos, muito próximo da vida vegetal.

Tem um intelecto muito primitivo, sistema nervoso muito simples. Existem maneiras inatas de se comportar, reagir a certos estímulos, desejos e orientações “no sangue”, e quando você mata uma formiga, a próxima será idêntica nesse aspecto.

Seu renascimento é “instantâneo” porque a formiga tem uma vontade compartilhada uniformemente em sua colônia, e que portanto é persistente e duradoura.

Quando a rainha morre, a próxima é indistinguível dela naquilo que Schopenhauer chama de vontade, o que ele diz ser a maneira inata de querer, e é, num sentido muito literal, uma “reencarnação” dessa mesma coisa.

Se você não vê isso é porque continua se confundindo com seu intelecto.

Mas aquela parte de você que é você de verdade persiste mesmo quando seu intelecto está adormecido, e persistiria mesmo se você sofresse amnésia total.

Se duvida, pergunte a si mesmo... alguém que você ama, se tivesse que escolher — preferiria que esquecesse tudo mas ainda se comportasse do jeito que você sempre conheceu, ou preferiria que mantivesse todas as memórias e conhecimentos mas mudasse radicalmente de personalidade?

Essa pergunta é fácil de responder... se você ama alguém só pelo que ele sabe ou lembra... todos sabem que isso é uma traição porque não é quem a pessoa realmente é.

E, de fato, não existe tal coisa como uma mudança radical de personalidade.

As formas mais baixas de vida têm suas vontades ou modos de agir inatos quase uniformes e também muito simples: no caso da ameba, levedura e semelhantes, elas não estão muito longe do comportamento das forças naturais, como a gravidade, que é completamente uniforme e persistente.

Uma vez mortas, elas renascem imediatamente, e vivem simultaneamente em inúmeros corpos.

Para animais mais complexos e diferenciados, a Vontade aparece mais particularmente definida para cada tipo, espécie e, finalmente, para cada espécime, quando se trata do humano.

Mas essa realidade biológica, independente do que é conhecido, lembrado ou conscientemente decidido, é uma questão do sangue e do corpo, e esse mesmo ser, coisa ou Vontade, chame como quiser, renascerá da mesma forma.

Em tempo diferente, mas esse mesmo modo particular de desejar e agir que está dentro de você voltará: esse é o verdadeiro significado da reencarnação.

E com a superpopulação humana em nosso tempo, temos que nos perguntar se esse mesmo ser também vive agora em múltiplos corpos às vezes.

De onde vêm esses seres?

Alguns dizem que esses bilhões novos de humanos, que numa vida passada devem ter sido leveduras, amebas, gafanhotos e outros insetos que nascem em multitudes a cada estação.

Gostaria que isso fosse verdade, mas acho que, em eras anteriores, a humanidade também cresceu a muitos bilhões ou ainda mais...

E também não tenho dúvida de que o universo inteiro está repleto de vida de todos os tipos.

Seria interessante saber qual é o evento ou caminho da “extinção” em cada ciclo anterior da civilização humana.

Se é algo completamente aleatório e externo, como asteroides ou vulcões, ou se é algo inerente à própria civilização... alguma circunstância ou comportamento que leva a doenças virulentas, ou algum tipo de grande arma, ou talvez algo ainda mais estranho.

Eu me pergunto se os povos e religiões que existem hoje também existiam nos ciclos passados, sob nomes diferentes e com circunstâncias e aparências superficiais ligeiramente distintas, mas em todos os aspectos fundamentais iguais.

E se um deles, ou um conjunto desses, ou alguma crença nova que ainda nem surgiu, é a causa do fim da civilização em todos os ciclos.

Um sapo uma vez me sugeriu que a explosão demográfica africana em nosso tempo é o evento que o filme *Alien* descreve: uma população criada sob a mais extrema carga patogênica, e que, apesar de sua fraqueza no frio, pode causar tanto dano ao resto do mundo que as sociedades colapsam sob a marcha dos zumbis...

Pessoalmente, duvido disso. A Ásia os fechará sem nem olhar duas vezes ou ouvir sobre seu sofrimento.

Eu penso, em vez disso, que o fim nos ciclos anteriores foi variado, mas que muito frequentemente, e o mais interessante, uma causa tem sido o surgimento de irmandades de homens selvagens que decidiram purificar a Terra e livrá-la da infestação do “barata-humana”.

Porque, infelizmente, a longo prazo, o desenvolvimento da civilização e do conforto leva à proliferação da vida danificada, a inovação da humanidade gera abortos indescritíveis da vida, e homens nas periferias que querem preservar a ordem natural começam a tramar o fim de tudo.

Também me pergunto se alguma civilização antiga conseguiu escapar de todos esses ciclos de destruição e se esconde em algum lugar subterrâneo.

Talvez sejam realmente eternos e vivam a vida como um experimento, distantes, vendo-a como um sonho lúdico que podem observar à distância... talvez um emissário surja de tempos em tempos para que possam se divertir.

Eu estremeço ao pensar, contudo, que, por essa mesma lógica, a vida robótica abortada à qual a massa da humanidade inevitavelmente degenera em cada ciclo de civilização também tenha sobrevivido, talvez em pequenas comunidades de

“toupeiras”, dentro de colinas secas de calcário, ou não muito longe subterrâneas em antigas redes de cavernas e túneis.

Sem dúvida, histórias de vampiros, kobolds, humanoides crípticos e muitos outros podem se referir a esses sobreviventes degenerados que nos caçam e aterrorizam...

Sem dúvida muitos entre os rangos das divindades vieram de ambos os tipos, e coisas ainda mais estranhas existem sob a terra.

Por favor, veja DEROs se estiver interessado.

Existem mais coisas...

28

Não pode haver “inteligência artificial” no sentido real que as pessoas querem dizer.

Se querem dizer uma máquina que se aproxima do intelecto humano, isso pode ser possível, e até muito útil, embora estejam muito longe desse objetivo no momento. O sucesso no xadrez é sua grande conquista, mas ainda falham em chutar uma bola, derramar ketchup, reconhecer objetos simples... poderiam caçar ou sobreviver a uma caçada?

Mas eles nunca querem dizer apenas o intelecto dessa forma, ou uma aproximação grosseira dele: quando falam de “inteligência artificial”, o que realmente querem dizer é vida artificial, um robô de algum tipo, ou uma consciência artificial indistinguível da consciência humana.

Existe uma especulação aparentemente diferente, mas na verdade similar, que os nerds adoram: que o universo é “lógica” ou informação. Que o que constitui a matéria pode ser registrado como “informação”, como relações lógicas, e que, portanto, o universo deve ser exatamente isso — isso está por trás também da crença de que se pode “fazer upload” da inteligência para um computador e alcançar a imortalidade, e muitas formas relacionadas de imbecilidade.

A motivação para isso é a nerdice e também, em certa medida, a forma judaica de pensar, ou a tendência judaizante que promove a facilidade com palavras e números, mas que se aproxima da deficiência mental e até da retardo quando se trata de qualquer coisa visual.

O ódio judaico à matéria, um preconceito antigo que precede a Bíblia, e o ódio também à beleza que compartilham com outros povos semitas — e muitos outros além — tudo isso se junta para promover esse tipo de nerdice agressiva.

Essa é a origem de muitas dessas afirmações, embora não se deva imaginar que aqui ou em outro lugar eu esteja me referindo a todos os judeus, ou que isso absolva os não judeus. Porque a tendência “judaizante” de que falo é inerente à natureza humana, e é muito comum também entre não judeus, e em algum grau existe dentro de cada pessoa, junto com o amor contraposto pela matéria vibrante, imagem e beleza.

Simplesmente existe em graus diferentes em pessoas e povos diferentes.

De qualquer forma, todas essas ilusões — que você pode ser “fazer upload” porque seu “cérebro” pode ser carregado, que “o universo é informação” ou que algo como “inteligência artificial” realmente pode existir — são, no fundo, a mesma ilusão e a mesma fantasia de poder do nerd.

O nerd pode ser descrito como uma pessoa de inteligência pedante e inelegante, muitas vezes mediana, que tem um orgulho excessivo do intelecto, mesmo na memorização de fatos, no desenho de conceitos desajeitados aos quais a realidade é então esperada se encaixar como na cama de Procusto...

E ele se identifica com isso.

Há pessoas muito raras na história, até alguns santos e mártires, que sentiam vergonha de seu mau caráter e vontade, e buscavam salvação na contemplação, buscavam algum escape nisso.

São às vezes pessoas nobres, mas isso não descreve o nerd.

O nerd não se odeia, sua natureza, suas tendências ou seu espírito, nem seu intelecto é poderoso o suficiente para dominar sua vontade irritadiça e considerar as coisas sem a pressão do interesse ou a gravidade dos desejos mesquinhos.

Ele nunca vê as coisas como o verdadeiro gênio ou o artista vê, quando a parte que percebe do intelecto se torna tão poderosa que realmente domina tudo o mais... de modo que a plenitude do objeto ocupa toda a consciência e uma ideia, ou alguma nova percepção do mundo, é realmente apreendida.

Não, o nerd é uma criatura da vontade, sob a direção de uma vontade mesquinha no sentido cotidiano, e todos os seus pensamentos, conceitos e desenhos têm uma qualidade forçada porque sempre se referem à necessidade e desejo por algum tipo de ganho.

Muito frequentemente isso é apenas ganho material, mas o desejo por prestígio é ainda pior.

Em homens de intelecto, o desejo por prestígio é muitas vezes o mais repugnante, especialmente quando não há virilidade natural, porque isso leva à covardia e às mentiras, para os outros e para si mesmo.

Por isso Nietzsche disse que a virilidade é o primeiro requisito do filósofo, mas não há ninguém mais distante do filósofo que o nerd não viril, e não há inimigo mais implacável da raça humana e do gênio da espécie do que esse nerd e tudo o que ele representa.

A tentativa de “imitar” a vida por meio de algoritmos, pelo esforço bruto da tentativa e erro, nunca criará nem vida nem “consciência” — afinal, de que seria “consciente” tal máquina? — mas apenas isso, uma imitação ou paródia do intelecto humano mediano.

Um espelho e exaltação do falso intelecto do nerd, que nunca sai do fluxo de palavras, silogismos, motivos e desejo, que é sempre forçado e contrived, porque está sob pressão de alguma necessidade mesquinha.

E é realmente grotesco.

É como se você tivesse uma garota que deseja, ela morre, mas usando uma Grande Magia você reanima seu cadáver, coloca maquiagem nela, reensina essa zumbi a falar, força-a a copiar todos os seus velhos hábitos, condiciona-a como você faria com um pombo para agir de maneiras que você lembra e gostava.

Mas no fim ela é apenas uma boneca reanimada de ação ao vivo, e isso é grotesco.

Isso é o que é a “IA”.

É uma fantasia de poder da conspiração dos interesses biológicos que une os nerds, o intelecto da “razão” — o partido que acredita em palavras vazias — o mediano, e os judeus do espírito humano na esperança de seu golem.

“A IA” é o golem daqueles que odeiam a vida...

É seu verdadeiro Messias e sua vingança.

A juventude e a beleza são universalmente odiadas em quase todas as sociedades humanas ao longo da história. Essas sociedades são governadas por velhos decrepitos e escleróticos.

Às vezes usam a imagem da mulher gorda, a “Mãe Terra”, para bater na cabeça dos jovens e fazê-los se submeter. Outras vezes promovem a feiura de todas as formas: feiura e perversão em costumes, escarificação, circuncisão, automutilação.

Costumes e autoridades religiosas que se preocupam com como você deve limpar seu traseiro, escovar os dentes, quantos dedos inserir no ânus para atingir tal ou qual “objetivo mágico-médico”, legalismos mesquinhos de toda espécie — a seita xiita entre os muçulmanos e o judaísmo rabínico são os mais parecidos com isso.

Tudo isso sufoca o verdadeiro entusiasmo religioso e a verdadeira ciência oracular, da qual podem evoluir artes de grande beleza. Frequentemente sua comida é pouco apetitosa e parece rochas cozidas.

Suas línguas — a maioria das línguas humanas é difícil de ouvir! O tagalo é quase uma tortura para escutar, embora eu não queira destacar essa cultura, não é a pior em termos de amor à feiura (na verdade, os filipinos podem ser um povo agradável, com um humor travesso herdado dos negritos há muito absorvidos em sua população).

Seu povo é feio: milênios de casamentos arranjados, para ganho financeiro, entre os indianos — originalmente um povo nobre — levaram a uma nação hoje de um bilhão que quase nunca vence competições atléticas, que ganhou menos medalhas de ouro desde sua criação do que a pequena Croácia desde 1992, onde tanto homens quanto mulheres são consanguíneos, feios, pouco sexys e quase deformados.

Não quero apontar o dedo para eles, pois não são os únicos, e essa feiura, a feiura física, é quase universal na raça humana.

A beleza é a reserva muito rara e preciosa de tribos que se esforçaram para promover a procriação por algo além do ganho financeiro, social e político.

Não, a promoção da feiura é quase universal e o amor à beleza é tão raro: entre as grandes civilizações, apenas os antigos gregos, os franceses, os japoneses e, em certa medida, os italianos são verdadeiros amantes da beleza e do refinamento, e basearam sua existência exclusivamente na promoção da beleza.

Quantas vezes na história culturas se tornaram feias e mesquinhas porque o interesse financeiro se sobrepôs à eugenia no casamento — e o amor livre, embora

não perfeito, é um pouco mais eugênico do que deixar pais trocarem filhas por ganho pessoal.

No ódio e desconfiança da beleza, sente-se que essas sociedades vivem sob uma enorme pressão de necessidades. Seu verdadeiro governante é o deus da gravidade e são dominadas por medos do futuro, ansiedades indescritíveis sobre dinheiro e matéria, e comportamentos brutos e importunos todos motivados pela necessidade, pelo desejo de agarrar, pela sensação que todos nutrem de que estão sendo explorados.

Eles sempre sentem que estão sendo desrespeitados.

O desejo por respeito é a verdadeira marca dos eternamente desprezados.

A desconfiança da beleza às vezes é vendida como a rejeição nobre do desejo material pelos santos ou pelos bondosos ou pelos contemplativos.

Mas isso é um absurdo, e você pode ver isso deste modo.

Culturas que odeiam a beleza têm outra peculiaridade que todas compartilham, o que é muito revelador.

Elas também odeiam privacidade e espaço pessoal, odeiam também a beleza nos bons e refinados modos.

Essas sociedades são baseadas numa solidariedade popular tal que é considerado normal invadir o espaço dos outros, absurdo exigir que se bata na porta; fazem sons animais ao comer — ou, da forma que tais pessoas são muitas vezes descritas quanto ao cheiro na história sempre que se encontram tais sociedades — tudo isso mostra do que realmente se trata o ódio à beleza.

Freud refere-se à dor interior que muitos de seus clientes experimentaram ao tentar mudar desse tipo de cultura medieval, coletiva, sufocante e feia para uma em que espaço pessoal e distância, refinamento e beleza fossem valorizados.

Trata-se do ódio à distinção ou superioridade, ódio ao princípio da diferença e distância entre indivíduos, que é, por contraste, tão valorizado por aquelas pouquíssimas culturas que amam a beleza.

E o ódio à superioridade vem da suspeita que os muitos nessas sociedades que odeiam a beleza sentem, de que, por não estarem sujeitos às horríveis pressões da necessidade e ansiedade sob as quais vivem, os belos e despreocupados zombam do que eles levam mais a sério.

Os belos ameaçam desfazer a regimentação à qual devem submeter sua constante necessidade grosseira por coisas.

É por isso que tais sociedades descem aos tipos mais baixos de depravação sempre que suas leis nativas são mesmo que ligeiramente relaxadas.

O Islã é o mais parecido com isso.

Os judeus, quando desprovidos da religião, assim como os persas que vivem sob a tirania da lei xiita, e principalmente o povo dos Estados do Golfo, todos retornam a uma condição bruta animal sem suas rígidas leis e tornam-se completamente dissolutos, como se dizia dos árabes antes do Islã.

E logo voltarão a isso.

Não preciso acrescentar notas para os nerds e pedantes: homens como John Milius são exceção a tais julgamentos, mas sua existência não tem a ver nem positiva nem negativamente com meu ponto aqui, que é sobre tipos gerais e as formas como estes se geram.

Estou falando de duas visões opostas da vida que se baseiam em duas necessidades biológicas muito diferentes e duas orientações biológicas muito diferentes.

Não pode haver compromisso entre os que vivem sob a pressão da necessidade e do aumento material, que são as sombras ambulantes dos mortos, e, do outro lado, os despreocupados, alegres, amantes do prazer e adoradores da beleza.

Um busca a preservação e expansão da mera vida, o outro busca a exaltação da vida.

Entre os gregos, o homem de poder era chamado *aner*, que era diferente da outra palavra usada, *anthropos*, que se referia apenas a alguma sombra indistinta, algum tipo de forma humanoide. O homem verdadeiro era raro, e a maioria dos homens não eram, e não são, homens verdadeiros! A palavra originalmente era usada apenas para semideuses e super-humanos como Aquiles, Diomedes ou Odisseu.

Na *Ilíada*, Diomedes, em seu momento de glória, é comparado a um leão cujo espírito foi despertado pela raiva da ferida, e dispersa os pastores e cães diante dele. Atena acendeu um fogo em sua cabeça e ombros e o marcou como possuído pela verdadeira força interior que existe em todas as coisas. Essa força explodiu dele naquele momento e brilhou acima de todos os outros.

O homem verdadeiro era um homem cheio de coragem e ousadia, que vinham de um excesso de ser. Essa ideia também era compartilhada por outras culturas arianas; o romano *vir*, o sânscrito e avéstico *nar*, o galês *ner*, e o proto-indo-europeu *Hner* referem-se, em última análise, a uma espécie de força vital capaz de força sobre-humana.

Há outra palavra relacionada, que diz respeito à juventude masculina: *ayu*; *ayu* se refere à força vital jovem que se renova a cada geração, que se move de vida em vida sem fim, persistindo para sempre. Está por trás de todas as palavras indo-europeias para juventude, força e poder juvenil. Aparece no latim *iuvēnis*, no sânscrito, e em todas as formas germânicas e inglesas.

Mas, acima de tudo, é essa mesma palavra, essa mesma ideia que está por trás do latim *aetas* e *aeternus*, por trás da visão de uma era, uma era cíclica, da eternidade. Quão cheia de significado é a ideia de que juventude e eternidade são a mesma palavra e ideia nessas línguas! As palavras gótica e germânica são as mesmas.

Essa ideia é muito vívida no grego! Nisso, as palavras *aiei*, que significa para sempre, e *aion*, contêm em sua raiz esse significado: de duração da vida, força vital, vigor juvenil. Esses povos viam o vigor da juventude como a verdadeira força motriz por trás da vida e de todas as coisas, renovando-se para sempre, reencarnando-se de novo a cada geração em plena força, embora as memórias dos homens e das sociedades possam desaparecer.

Se você quiser a expressão poética mais bela dessa visão, deve ver na *Ilíada* quando Homero descreve a morte de Euphorbus. Sua morte é comparada a uma árvore jovem em seu auge derrubada por um forte vento. Pitágoras, olhando o escudo de Euphorbus na Sicília, rompeu em lágrimas, lembrando que ele mesmo havia sido esse homem. Ele sabia do que estava oculto no outro lado do escudo.

Essa visão persiste: e é por isso que alguém como D.H. Lawrence poderia olhar os sarcófagos dos antigos toscanos e ver nesse povo amante do prazer e da beleza uma celebração de algo muito semelhante. Eles colocavam em seus objetos funerários imagens de festejos, banquetes, vida florescente abundante e grande alegria, festas com vinho, golfinhos saltitantes, para se lembrarem de que essa força irreprimível, a natureza, a juventude, continua renovando-se em cada geração e nunca é derrotada pela morte.

Da mesma forma, quando eu posto fotos de físicos belos e bonitos jovens, faço isso porque, ao contemplá-los, sou tomado por uma profunda calma e alegria — vejo neles o rejuvenescimento persistente dessa mesma força eterna que está dentro de todas as coisas. Vejo nessa força o projeto e a intenção ocultos da natureza, seu alcance para além de si mesma.

Seus desígnios são inexprimíveis e o que ela alcança e deseja é misterioso para nós, só pode ser entendido de forma imperfeita e por metáfora. Seu “plano” e desígnio está além da compreensão humana, mas é inquestionável que ela luta, contra inúmeras outras “facções” e forças centrífugas, pela produção e criação de uma criatura superior de algum tipo, um espécime de terrível beleza e poder.

Não tenho dúvida de que os deuses, se existirem, seriam apenas versões aperfeiçoadas e melhoradas dos belos físicos de jovens, assim como se mostraram aos oráculos gregos em sonhos. Eles foram os primeiros a descobrir a verdadeira forma biológica e física do homem, a forma correta, as proporções verdadeiras.

Também não tenho dúvida de que essa força, estando dentro de nós junto com outras, fez da história humana, da vida e de nossas próprias mentes o campo de batalha e o palco de sua ação, e que a passividade diante de seu poder é, portanto, absurda: ela nos chama para nos deixarmos possuir por ela, e para guerrear em seu nome contra seus inimigos.

Se você quiser entender o verdadeiro poder do *aion*, da eterna energia juvenil que é o universo, deve estudar o que resta de Heráclito quando ele usa essa palavra, e como ele a conecta à ideia de fogo, que é a essência de todas as coisas e de toda ação.

E ele está muito certo quando diz: “O melhor desejo é um só acima de tudo, a fama eterna e incessante entre os mortais; mas muitos se empanturram como gado.”

Isto é no que eu acredito.

Parte Dois: Parábola da Prisão de Ferro

31

Se você reconhece a patologia, a quebra, a vida desnaturada pelo que realmente é, isso pode lhe ensinar muito sobre a vida em estado saudável. Não há nada de errado em observar a vida sob estresse, contanto que você não a confunda com a vida em ascensão e liberdade. Quando você coloca algum tipo de cão de trabalho — como um terrier, ou até um fofo Jack Russell — em um apartamento na cidade, ele começará a tentar cavar o chão. Esse instinto está nele desde o nascimento; eles buscam o desenvolvimento de suas habilidades, e há poucas coisas mais tristes do que ver um animal frustrado dessa forma. Brincando de se tornar ele mesmo, mas reduzido a uma boneca e a uma atuação inútil. Carl Schmitt disse: *“Eles nos colocaram para pastar.”* Esta é a condição da vida no mundo moderno.

32

O mundo moderno não é ruim apenas por ser moderno; e ele é melhor do que algumas épocas do passado. Muitas partes do passado eram tão ruins quanto — ou piores que — a nossa situação, e pelos mesmos motivos. O moderno não é “nada de novo”: é o retorno de uma submissão e de uma degradação muito antigas, mas sob uma nova marca, promovidas por novos conceitos e justificativas. Se você quer ver o nosso futuro, olhe para a Europa como ela existia antes de 1600 a.C., ou para grande parte do mundo como foi até recentemente — e ainda é... a vida comunitária da casa comunal, com seus jovens dominados e quebrados pelos velhos e esclerosados, pelas matriarcas, pelo modo de “massa e fermento” na vida humana, que toma conta e subjuga toda aspiração mais elevada. “Cidades” astecas, com vinte idiotas dormindo e comendo no chão, manipulados em massa por sacerdotes sedentos de sangue e com olhos mortos. Não é diferente quando usam as doutrinas da Razão e do Logos para nos arrastar para essa vida.

Uma história da degradação moderna — Tantas coisas diferentes já foram escritas sobre os males da modernidade ou sobre a crise da nossa situação. Tanto à esquerda quanto à direita, muitos — talvez a maioria — sentem que algo deu terrivelmente errado. Mesmo aqueles que amam certos aspectos da nova era, como a tecnologia, desviam o olhar do nosso tempo banal e depositam suas esperanças num florescimento futurista que ainda não chegou. Estou um pouco cansado de tudo isso! Não quero apenas repetir mais difamações da modernidade, que muitos de vocês já conhecem. A maioria delas são notas de rodapé ou comentários ao Prólogo de Nietzsche em *Zarathustra*, onde ele descreve o “Último Homem”. O Último Homem foi erroneamente confundido com o burguês, embora Nietzsche diga que se trata de algo muito pior. Houellebecq — cujas explicações sobre o problema sexual da modernidade, sobre o *incel* — todas essas explicações são incríveis e verdadeiras, mas até ele apenas segue Nietzsche. Se você quer entender o verdadeiro problema do nosso tempo, pode ler aquilo, então, e eu não me alongarei sobre isso. Quero apenas tratar de um caso particular de domesticação, de degradação, de uma vida potencialmente elevada que foi frustrada, para ilustrar o problema moderno. A peculiar “história” de como se desenvolve a *queen*, o homossexual afeminado moderno, é muito reveladora. O problema do homossexual moderno é esclarecedor porque é o modelo segundo o qual muitos outros tipos de vida superior foram frustrados e distorcidos em outra coisa. Não se deixe enganar pelos propagandistas: o homossexual moderno não tem nada a ver com a “bissexualidade predatória” da Antiguidade ou com os ritos pederásticos encontrados em muitas sociedades. Por um lado, pessoas como a *queen* moderna sempre existiram, mas por outro, há agora muitos indivíduos que se tornam assim e que, antes, não se tornariam. É um evento muito infeliz na vida do animal. Camille Paglia diz que o homossexual moderno é produto das pressões da vida pós-industrial. O modelo dela para isso é o de um menino muito sensível, aberto a experiências estéticas de todos os tipos — talvez o tipo de garoto levemente neurótico e artístico que, há um século, teria experimentado sinestesia; tal menino se afasta das brincadeiras bruscas e da masculinidade “áspera” dos irmãos, do pai e de outros meninos da sua idade.

O afastamento dessa masculinidade ocorre ao mesmo tempo em que ele se aproxima demais da mãe, idolatrando o feminino: na puberdade, a distância ou o medo da masculinidade o leva a erotizá-la, enquanto se afasta das mulheres — seja por excesso de familiaridade, seja por excesso de reverência. Nesse ponto, ela está apenas metade certa, e a outra metade da história eu descobri a partir de uma mente estranha, cujos ensinamentos se espalharam entre alguns dos “sapos”. Ele se chama Harro MJ, mas acredito que esse seja um nome falso. Vou contar aqui algumas de

suas ideias, da melhor forma que compreendi. Ele conta — creio que seja a própria história dele, ou de alguém que conhece — sobre como o mundo moderno corrompeu sua natureza por meio de restrições e o transformou em homossexual. Mas acredito que sua história fale também de muitos outros, que não se tornaram gays, mas que, ainda assim, foram deformados de alguma outra maneira... pela mesma força.

A releitura que Paglia faz de Freud está correta, mas ela deixa de lado um elemento importante da história: o motivo pelo qual um garoto assim se afasta da masculinidade de seus colegas em primeiro lugar. Não é a implicância ou a rudeza da competição masculina, em si, que o faz se afastar, mas o caráter totalmente falso ou artificial dessas demonstrações, como geralmente ocorre em nossa época. Um garoto assim percebe o que seus colegas não percebem: o caráter condicionado e totalmente dependente da vida em nossa era. Não é a masculinidade, a disputa por status entre homens ou a rudeza física que o afasta... mas o fato de que toda essa “brincadeira” acontece em um espaço já controlado. Esse aspecto do nosso tempo é crucial para compreender.

Quando falo de algo como “espaço controlado”, isso não pode ficar apenas como uma palavra. Quando você compreende algo, quero dizer que você deve vê-lo e senti-lo como sente uma paisagem que conheceu na infância — saber navegar por todos os seus cantos, as diferentes alturas do terreno, as margens dos riachos, onde estão as árvores e como é estar no meio delas, quanto tempo leva para ir deste ou daquele grupo de faias até a fábrica abandonada — de modo que o mapa já esteja no seu corpo. Essa é a única maneira de realmente compreender algo.

Acredito que um garoto assim seja do tipo que enxerga através da farsa que os senhores da mentira penduram à frente, o jogo de sombras feito para deslumbrar as massas, e ele se desinteressa — talvez não da virilidade, mas do caráter bufonesco e iludido da masculinidade moderna. Ver o homem derrotado, transformado em servo e animal castrado para mulheres e mestres ocultos, é algo terrível. A disputa por status, as brigas físicas, as aventuras que os garotos deveriam ter em um estado de natureza... tudo isso, na natureza, serve como preparação para a vida — para uma vida de conquista e expansão. Os adolescentes romanos da classe patrícia já eram enviados em missões pelo Império no exterior.

O homem adulto ocidental moderno busca permissão para assistir outros homens jogando esportes, engolir óleo vegetal temperado, implorar por “coochie” em simulação de relação sexual, masturbar-se com plástico no pênis. Justamente um caráter nascido para a conquista, para a expansão, um tipo precoce de garoto que busca o desenvolvimento real e a verdadeira dominação do espaço ao seu redor, que entende no sangue que a brincadeira e a masculinidade existem para esse fim — justamente um garoto assim terá suas expectativas sobre a vida esmagadas e

frustradas assim que abrir os olhos. Isso pode ocorrer por volta dos seis ou sete anos, mas às vezes acontece antes. Esse garoto então passa a ter apenas desprezo pelos colegas que, sem perceber a sujeição em que estamos, continuam sob sua ilusão e aceitam a quebra que os senhores das sombras começam a impor ao espírito humano por volta dessa idade de despertar — aos nove ou dez anos, a “educação” já está quase completa em nosso tempo. Eles se submetem ao jugo, e sua falsa masculinidade simulada torna-se agora uma paródia da verdadeira virilidade, que, em um estado de ascensão, se desenvolve na vontade de realmente dominar o espaço ao redor, não em uma caricatura para benefício das mulheres.

Mas essa dominação não é possível quando o espaço já está possuído. Essa intuição de espaço possuído surge muito cedo: com os olhos abertos, é como se um espírito maligno habitasse tudo. Acho que há muitos tipos de garotos enérgicos e perceptivos que chegam a esse ponto, que se sentem repelidos pela autocastração moral e biológica de seus colegas convencionais, que sentem as sufocantes limitações do espaço moderno. O restante dessa história é mais particular ao garoto que, como resposta, se torna homo ou “trap”, e Paglia está certa sobre essa parte — a masculinidade rejeitada simplesmente por causa do distanciamento de outros garotos em geral, principalmente como resultado de uma certa hipersensibilidade natural. Mas há ainda a observação adicional de que, quando, já no final da adolescência ou em algum momento da juventude, esse garoto decide que é “gay”, isso não passa do ato final de um autoengano. O drama do seu espírito é reinterpretado em termos sexuais. Ele se convenceu de que a sensação de supressão e medo que o acompanhou por toda a vida se devia ao fato de que seus desejos sexuais ou sua “sexualidade” haviam sido reprimidos pela “sociedade”.

Ele esquece como esses desejos sexuais se desenvolveram em primeiro lugar, que esses desejos foram, na verdade, um resultado indireto da verdade que lhe surgiu em silêncio — a verdade da total sujeição e domesticação do espaço em que se encontrava. Ao tornar-se “gay”, ele acredita estar escapando daquela sensação primitiva de limitação e subjugação que sentia quando pequeno: reinterpretou todo o seu drama como uma história melancólica de sexualidade reprimida ou oprimida por normas sociais e políticas retrógradadas.

Com isso, torna-se um peão involuntário do próprio poder que, quando garoto, intuía ser o inimigo — a grande e sufocante sombra do nosso tempo, que sufoca toda forma de vida mais elevada. O gay é o soldado espiritual do novo regime, quando nasceu para ser seu inimigo. Essa é a parte incomum dessa constatação: alguns dos jovens mais sensíveis e perceptivos, talvez dotados de uma centelha de inspiração e de um espírito conquistador e expansivo, acabam se tornando a vanguarda daquilo que os sufocou e quebrou. Em outra época, eles sequer teriam se tornado gays.

A história de um garoto assim é a história de todos os tipos superiores em nosso tempo. Nem todos os gays têm essa origem — há Jeffrey Dahmer, há outros. E, claro, nem todos os tipos superiores se tornam gays, apenas uma minoria ínfima. Mas todos os tipos superiores, em nossa era, são afetados por um drama semelhante do espírito — o que acontece depois, a sexualização dessa alienação particular neste caso, eu uso apenas como o exemplo mais vívido.

Aqui, aparece essa ideia de um espaço ou território já fechado e possuído. E isso levanta a questão de quem ou o que é essa força. A resposta para esse problema não é simples, mas uma característica dessa nova condição na era moderna é que os “mestres” estão escondidos. É justamente por isso que essa condição de sujeição parece tão sufocante — eles se ocultam, e assim não há oportunidade para um desafio aberto e viril.

Esse problema pode ser entendido pelo exemplo de um tipo diferente... o tipo do “fantasma” (*spook*). Um exemplo vívido e instrutivo é o do submundo gay, que já não existe de fato em nosso tempo. Mas nos anos 1950, e um pouco antes, quando o sistema de tirania global estava sendo firmemente erguido, não deveria ser surpresa, considerando tudo que foi dito, que o submundo gay era o “negativo” da nova ordem mundial — sua peneira e válvula de pressão.

O submundo gay fazia parte do “resto”. O fenômeno da “homossexualidade” no mundo moderno toca questões políticas e sociais das mais profundas: sempre foi o mundo fantasma, o subterrâneo que sobrava e que os engenheiros da nossa era não conseguiam gerenciar ou contabilizar na construção do Leviatã. Esse submundo incluía muito mais do que os gays daquela época — e esse é o ponto. Mas os gays formavam uma espécie de “população de base” que permitia uma ponte fácil entre esse mundo e o nosso. Tornavam-no muito mais permeável a outros também: se você tinha namorada — talvez uma namorada artística — ela tinha um amigo gay; vocês podiam ir juntos a um bar desse meio-termo, e lá... talvez a dois contatos sociais de distância... lá estaria... um deles.

Mas agora, com o desaparecimento desse mundo, você não tem uma maneira fácil de sequer saber por onde começar. Seus limites eram vigiados, seus pontos de entrada eram monitorados, mas ele sempre existiu como um espaço de liberdade fora da onipresença da domesticação na civilização pós-industrial.

Não esqueçamos — repito — que o “submundo gay” dificilmente se resumia apenas aos gays, mas precisamente aquele mundo era penetrado por todos os tipos de desviantes, pervertidos, prostitutas, cafetões, empresários, donos de clubes noturnos, máfia, gangsteres, fantasmas (*spooks*), serviços de inteligência de todos os tipos — veja apenas a Dark Ocean Society e você entenderá.

A Dark Ocean Society do Japão é a chave para compreender toda a organização política e social moderna, porque sob a onipresença da domesticação e gestão da civilização moderna, por baixo de sua ordem superficial, permanecia o “mundo flutuante”, o mundo livre, como um oceano escuro e imóvel no qual se moviam monstros, incluindo os senhores e artífices dessa nova civilização. Eles ainda vivem nesse mundo, não no nosso. Nosso mundo é a casa da sujeição, eles vivem na propriedade da liberdade e do poder.

É apenas que, com o número relativamente grande de gays que existia, esse mundo era muito maior do que é agora, e mais variado, com seus pontos de entrada mais penetráveis.

O espaço noturno que os gays criaram para si mesmos, no qual tais tipos podiam ao menos sentir que tinham novas oportunidades de expandir e agir, foi destruído nos anos 1980, primeiro com a AIDS e, ao mesmo tempo, com o movimento de “direitos gays” e “identidade gay”, pelo qual eles vieram “à luz do dia” e se tornaram os piores e mais implacáveis executores do estado escravista global.

Mas chega sobre eles: você precisa entender! Uso isso como exemplo ilustrativo e verdadeiro do que acontece com todos os tipos superiores em nosso tempo. A grande maioria não se torna gay, mas a situação do gay é o exemplo mais simples e, portanto, instrutivo disso.

Qualquer pessoa nascida com uma vontade de conquista e expansão, qualquer espécime nascido para a coragem e a ampliação de limites, se sentirá frustrado agora, despertará em tenra idade para encontrar-se em um mundo permeado por uma sombra maligna e sufocante que busca apagar seu espírito e quebrá-lo. Como alguém responde a isso... isso é diferente. E as respostas são variadas.

Olhe para uma ninhada de filhotes, de qualquer espécie: alguns serão inquisitivos, brincalhões, buscarão experimentar, ultrapassar limites, sair do olhar dos pais e dos mais velhos, conquistar espaço; outros serão muito mais dóceis e carecerão de curiosidade. Os únicos que sobrevivem à “educação” moderna inteiros, sem falar no regime de medicação moderna, são precisamente aqueles da ninhada que nasceram dóceis.

E, mais importante ainda: quem pode olhar para os homens oprimidos de hoje e pensar que um garoto que carrega dentro de si a centelha do espírito conquistador não sentirá nada além de repulsa pela paródia clownesca da masculinidade deles! O que importa aqui é para que lado o espírito se volta, e se ele consegue sobreviver ao percurso de obstáculos da domesticação que a vida moderna e a educação moderna impõem aos melhores.

A “homossexualidade” em nossa era, em qualquer caso, é diferente de qualquer comportamento do passado: como fenômeno total, representa uma das maneiras características pelas quais alguns dos espécimes mais incomuns respondem à domesticação e são por ela quebrados. A homossexualidade moderna é uma forma de comportamento de vácuo e estereotipado.

34

Por mais triste que seja a história de muitos dos gays modernos, a história do transexual moderno é igual em todos os aspectos, mas pior. Isso também explica por que tantas “traps” são obcecadas por Hegel. Elas sabem em seu sangue — mas se entendem mal e esquecem quem as quebrou. A história do transexual moderno é a história do nosso futuro coletivo.

35

Caso a tirania que caiu sobre nossa era algum dia alcance o poder que deseja e então seja suficientemente desafiada a ponto de se sentir em perigo, as aniquilações em massa que serão executadas por comissários homossexuais, transexuais e, especialmente, lésbicos, excederão em escala e crueldade qualquer coisa que tenha acontecido até agora na história conhecida. Imagine comissárias lésbicas mulatas com o rosto e o corte de cabelo de um jovem Martin Sheen comandando os futuros Bergen-Belsens, instalações que se estenderão por dezenas de quilômetros.

36

Barbarismo e Civilização—É engraçado quando ocidentais se curvam à China ou às antigas cidades do Oriente Próximo e do Oriente como fontes de civilização, os padrões de vida urbana: “somos os atrasados, estávamos de tanga na floresta com o rosto pintado caçando javalis enquanto eles tinham cidades e escrita.” Isso é verdade, mas o ocidental esquece o que civilização realmente significa. Menos míope que outros, mas ainda míope, ele pensa, ao ouvir que os chineses viveram em cidades por cinco mil anos, que essas devem ser como as cidades de sua própria história. Há cidades e cidades. Mas o que era a escrita? A maior parte era para inventário ou o tipo mais tedioso de crônicas nacionais ou dinásticas. Listas e mais listas: o tipo de texto que entedia os jovens mesmo com a Bíblia. A parte mais antiga da literatura

grega vem da *Ilíada*, o catálogo de navios: os heróis e seus séquitos são narrados com grande floritura e poesia, então não é tão entediante, mas é salvo apenas pelo talento artístico de Homero. Mas quase toda “escrita” nacional era assim, e a maior parte da “escrita” permaneceu nesse estado por muito tempo. Os chineses sempre viveram em casas, sim, se isso é tudo que você quer dizer com “civilização”; mas sua história é marcada por convulsões de aniquilação. Basta olhar para sua história: a Revolução Cultural é a norma—extinção em massa de milhões de camponeses sem rosto em nome de refazer uma nova sociedade. Eles não são uma colmeia: ignoram os mortos na rua e desviam o olhar. Já conheci corvos que têm mais consideração por um de seus pares. Tudo para si mesmo, tudo para utilidade pessoal: um prazer na crueldade contra os fracos e contra os animais. Esse é o resultado final de milhares de anos de “civilização.” Não se deixe enganar pela suposta autoconcepção histórica desse povo.

Muitos períodos de esquecimento, quando apagaram e jogaram fora suas crônicas e até falsificaram totalmente sua história (pequeno exemplo mesmo hoje: ensinam que Genghis Khan foi um general chinês...) Isso é verdade para muitas outras civilizações. Até textos religiosos: deixando de lado o problema da tradução, o Alcorão é, como Schopenhauer afirmou, um livro tedioso de estupidez miserável e repetitiva, sem uma única ideia nova, “a forma mais pobre de teísmo.” Infelizmente, isso é suficiente para o nível das necessidades religiosas da maioria das pessoas. Não está claro que a escrita seja um grande avanço, para grande parte da história... seu valor é questionável. Somente bem tarde surgem algumas produções de gênio que resgatam a habilidade da escrita.

De maneira semelhante, diferentes sociedades significam coisas bastante distintas com “cidade.” No Oriente, isso sempre se referiu a um monte fervilhante de humanidade, com restaurantes apertados e fétidos, multidões compactas atravessando fezes e a imundície dos animais, coelhos e galinhas mantidos em gaiolas, órfãos maltratados, zumbido interminável de humanos gritando, vendendo mercadorias e cuspiendo fleuma nas ruas. Você ainda vê isso nas cidades do Extremo Oriente. Mesmo no Japão, com todo o amor pelo seu suposto ordenamento, há uma ameaça terrível nas ruas de Tóquio que leva muitos dos bons cidadãos para o asilo mental. O local de trabalho é um inferno e o sistema de transporte é caótico e sufocante, reduzindo todos novamente ao zero que sempre foram na cidade oriental... uma sombra mesmo em sua casa, onde a mulher habita todo o terror das antigas divindades familiares. O homem japonês recebe mesada da esposa, que muitas vezes o esgota fisicamente, pega sua verba do telefone, seu dinheiro do almoço.

A mulher governa o Vietnã, e o funcionário ou comerciante sem rosto que abre caminho na montoeira desta sociedade está submisso à sua esposa dominadora como um escravo. Matriarcado e anonimato são os princípios desses montes de biomassa —

nunca os chamem de colmeias! A colmeia é nobre: a colmeia pode ser uma obra de beleza e ordem, mas a cidade, a cidade em sua forma original, é a humanidade reduzida a um monte de ratos fervilhante.

Na colmeia, a formiga ou a abelha alcança o pleno desenvolvimento de sua natureza inata como operária, guerreira ou rainha, mas quem pode dizer isso da maioria das cidades na história — você acha que o homem carimbando papéis, conspirando para escapar da ira do autocrata de escritório de unhas compridas com cuspidor, que vende peixe defumado em jornais com luvas sem dedos ou pássaros com asas cortadas para macacas humanas zombeteiras, você acha que tal criatura é um exemplo de vida bem desenvolvida? E a possibilidade ainda mais deprimente de que, para a grande maioria, tal vida seja a expressão, a expressão completa de seu alcance e desejos inatos, ainda assim deve ser o caso de que foram seletivamente criados por seus mestres para essa forma degradada e zombificada.

Mas mesmo o planejador assustado e encolhido de rosto cinza e amarelado de Saigon ou Chengdu era, em sua ancestralidade remota, como os livres Yi negros que aterrorizavam os Han até cerca de cem anos atrás, ou os tibetanos de corpos poderosos e autossuficientes que se divertiram às custas deles por séculos. A existência para tal vida é um inferno, presa não apenas em uma sociedade miserável de anonimato, mas em um corpo criado para tal sociedade. Ainda assim, deve haver uma centelha que eles nunca podem extinguir, que ao menos pede que tudo isso pare.

Você entende agora o que é o Budismo? Não, olhe para o norte: para os manchus e outros povos tungúsicos endurecidos na taiga e no Ártico, para os mongóis amantes da liberdade que até hoje nada mais apreciam do que sair para o campo aberto sem estradas e consideram nossas cidades horripelantemente claustrofóbicas. Na verdade, quando você olha para a vida dos verdadeiros nômades, que estão sempre em movimento e em espaço aberto, eles nunca se envolvem no tipo de introspecção depressiva e questionamento da vida que você só vê em povos assentados e civilizados.

O Buda tornou-se um negador do mundo na cidade — veja sua conversão, o que o levou a isso! Foi a injustiça, mas acima de tudo a sujeira, o sufocamento repugnante da vida urbana, a visão da vida degradada e em sofrimento, que o levou à sua fuga... ele disse: “o lar é um lugar de sujeira.” E o que foi essa fuga, afinal, senão apenas uma tentativa de restabelecer a liberdade e a abertura da estepe, onde o homem pode novamente ser aquilo para o qual nasceu? Ele pensava que estava abrindo uma estepe do espírito, e na sangha, a irmandade de discípulos e monges, ele estava recriando aquela verdadeira sociedade secreta da estepe, a sociedade natural para um homem como ele, a irmandade de guerreiros e jovens livres!

Dessa forma, você também deve entender “o Ocidente”, ou na verdade a cidade do Ocidente.

A pequena e ordenada cidade dos italianos do norte, das cidades alemãs e suíças que Maquiavel elogia por quão bem administradas são, é inteiramente alienígena ao Oriente e, de fato, a todas as outras sociedades civilizadas que conhecemos. A própria ideia de cidadão é estranha à civilização enquanto tal.

No respeito à privacidade, à distância, à propriedade e à propriedade — no caráter pequeno e ordenado das cidades, na preocupação implacável da aristocracia com a qualidade biológica — você vê uma tentativa de mitigar os grandes males da civilização. Na verdade, você vê uma tentativa de restabelecer algum do caráter da vida bárbara e livre dentro da cidade, ainda que apenas para a classe cidadã, ou para a classe alta.

Se há alguma defesa da civilização, é esta: historicamente, ela deu a uma classe os benefícios plenos ou quase plenos da vida livre da estepe, da floresta e da montanha, ao mesmo tempo em que a livrava de alguns de seus inconvenientes — ao preço, é claro, da miséria para a grande maioria. Em quase todas as outras partes do mundo, exceto no Ocidente, a miséria dentro da civilização era universal, e a elite, tal como era, não redimia essa miséria: eles próprios permaneciam servís.

Uma cidade não significa nada, podendo até mesmo representar um retrocesso no tipo humano. Se todas as civilizações existentes fossem como a China Han, então a escolha entre barbárie e civilização seria facilmente feita em favor da barbárie, da vida livre mongol.

A cidade moderna é uma monstruosidade, mas ainda não se aproxima da miséria anônima da civilização oriental, da civilização padrão. É um lugar contraditório, mas percebe-se uma força contrária até mesmo na tentativa de preservar parques. Isso existe em Tóquio, em muitas cidades europeias e derivadas da Europa, como Buenos Aires — seus criadores devem ter sido obcecados em preservar algum pedaço da natureza dentro da cidade, e contrataram os franceses para embelezá-la — e em cidades não ocidentais que copiaram esse modelo.

Na disposição dos espaços públicos, das ruas e até da vida social, a cidade moderna não é inteiramente um retrocesso à miséria pré-moderna da civilização pura, mas sim uma tentativa de preservar ou ao menos simular um espaço natural para o homem se mover, expandir-se, praticar e aperfeiçoar algumas virtudes, por mais limitadas ou atrofiadas que estas sejam. No mundo moderno, o retorno da civilização pura é representado pela favela e pelos bairros de lata. Ela avança lenta, porém seguramente, sobre a cidade moderna ainda existente, que é de todas as formas um resíduo da dominação europeia do mundo, e de modo algum é a forma para a qual a vida está se dirigindo.

O futuro de *Blade Runner* é otimista demais, e mesmo o de *Elysium* não chega à verdadeira perversidade do nosso destino se nada for feito.

Mohammed Atta, um dos líderes do atentado de 11 de setembro, era estudante de arquitetura. Ele ficou profundamente impactado pelo que havia acontecido em Aleppo e pela corrupção da vida muçulmana que se vê desorientada na cidade moderna, não apenas por sua diferente moralidade, mas pelo arranjo de espaços e edifícios que perturba a vida dos fiéis.

Ele reagia à cidade moderna enquanto tal, não necessariamente às favelas, embora a expansão da vida moderna no Terceiro Mundo seja muito ambígua nesse aspecto; sempre há alguma “favelização”. As cidades do Oriente Próximo, do Norte da África, da maior parte do mundo muçulmano e até de grande parte do Oriente, eram, em todo caso, sempre organizadas de forma diferente do Ocidente, com bairros fisicamente isolados uns dos outros, conjuntos murados com pátios internos e, em geral, uma tendência a se afastar do espaço público e político, voltando-se para o espaço da família e do clã.

Isso não era resultado apenas da corrupção das autoridades, mas de uma sensação inteiramente diferente sobre o propósito da cidade desde o início. Há uma confusão sobre o que diferentes povos rejeitam no mundo moderno: eles não odeiam necessariamente, no moderno, a mesma coisa que você odeia. Eu preferiria aliar-me

ao hipster de esquerda do que à China! Os chineses, de fato, “apropriam-se” de tudo e fingem que inventaram.

38

Aristóteles diz que os gregos são diferentes dos europeus do norte e dos orientais. O asiático é civilizado, mas servil; o bárbaro europeu é incivilizado, ignorante, mas livre.

Nessa fórmula, costuma-se assumir que Aristóteles acreditava em um “equilíbrio” entre esses dois extremos e que os gregos eram melhores por estarem no “meio” entre essas duas deficiências. Na realidade, nem a visão de Aristóteles, nem a dos gregos de sua época — e até mesmo depois — via as coisas exatamente assim.

Não havia equivalência entre o bárbaro livre do norte e o asiático servil; pelo contrário, os gregos valorizavam e respeitavam muito mais o bárbaro livre do que o asiático. Isso fica claro por vários indícios: ainda na época das Cruzadas, quando Ana Comnena escreveu a *Alexíada*, ela se refere com certo horror, mas também com grande respeito, aos bárbaros ocidentais. Ela demonstra admiração por sua beleza física, bravura e, muitas vezes, por sua inteligência e astúcia.

Elogios semelhantes jamais eram feitos aos povos civilizados ou servís do Oriente Próximo. Essa mesma atitude existia também na época da Grécia clássica. Heródoto, entre outros, expressa grande admiração pelos citas e os vê como inovadores de um novo e magnífico modo de vida — o nômade — com o qual eles surpreenderam e derrotaram Dario e os persas.

Muitas vezes, lê-se sobre gregos clássicos que, vivendo nas margens do Mar Negro, “adotavam os costumes locais” ao menos por parte do ano e se juntavam à nação dos citas, movidos pela admiração por sua vida livre.

No Oriente Próximo, algo assim acontecia muito menos frequentemente — e, na maioria dos casos, nunca. Havia mercenários, artesãos e arquitetos que trabalhavam para o rei persa e outros governantes, mas eles não se “convertiam” culturalmente dessa maneira. A acusação de “medizar” (*to Medize*) se referia a um alinhamento político tomado por necessidade, e não a uma preferência cultural ou afinidade com um modo de vida.

Os atenienses empregavam citas como policiais na cidade, mas, exceto por algumas poucas famílias muito antigas que alegavam herança fenícia, não havia uso equivalente de orientais ou asiáticos, a não ser como escravos.

A beleza das crianças do norte da Europa é exaltada tardiamente na Antiguidade — crianças anglos à venda eram descritas como “não anglos, mas anjos”. Muitos heróis e deuses gregos tinham cabelos claros e olhos azuis ou cinzentos, como Afrodite, Atena, Apolo, Aquiles, Menelau e vários outros; muitos poetas antigos se referiam aos dórios como uma raça loira. É difícil acreditar que tal idealização teria sido feita para qualidades de povos vizinhos que eram desprezados.

Não, por tudo isso — e mais — fica claro que os gregos admiravam muito mais o poder e a liberdade do bárbaro do que o “modo civilizado” do escravo e sua falsa inteligência.

E o “equilíbrio” frequentemente atribuído a Aristóteles entre esses dois modos não é nada disso, mas sim uma referência ao que menciono aqui: que a civilização ocidental, a cidade europeia, é incomum porque tenta preservar a vida livre e bárbara dentro dos limites da cidade. É uma tentativa de exaltar e desenvolver certas tendências dessa vida livre que, presumivelmente, poderiam se beneficiar das artes, da ciência e do lazer que só podem florescer no ambiente urbano. Trata-se de uma exceção na história.

E, por “cidade estabelecida” e “vida estabelecida”, quero dizer: estabelecida com ESCRAVOS!

E não vamos esquecer que os gregos nunca abandonaram totalmente aquela vida móvel e nômade, mas a transporam para o mar — assim como, em grande medida, os povos germânicos também sempre fizeram, sendo tradicionalmente povos marítimos. Cidades gregas inteiras, como as dos fócios, preferiram embarcar em seus navios e se mudar para colônias tão distantes quanto a França e a Espanha, em vez de se submeter ao domínio persa — Marselha foi fundada por eles, mas também havia postos avançados ainda mais a oeste.

Os atenienses estavam prontos para fazer o mesmo para escapar da sujeição e, como os citas, lançar-se ao mar aberto em seus “carros marítimos” — o que, de fato, fizeram por um tempo.

O chamado da estepe aberta, a liberdade da nova estepe dos mares — isso nunca os abandonou.

Fica claro, por isso e por muito mais, o profundo desprezo que sentiam pela vida civilizada e servil do asiático, e o quanto respeitavam e até ansiavam pela vida do bárbaro livre.

Esse respeito se estendia, de certa forma, até mesmo ao etíope negro, sobre quem Heródoto fala de maneira tão elogiosa, especialmente quando o compara aos vizinhos egípcios.

Mas, nesse caso, havia muito pouca familiaridade com o africano — sua natureza era demasiado estranha para o grego — e havia a suspeita, sustentada por Aristóteles e muitos outros, de que o africano, assim como o árabe, era demasiado tolo para representar uma alternativa admirável.

Ainda assim, em espírito, eu diria que, até hoje, o europeu tem muito mais em comum com o africano do que com o “asiático” — entendendo por este o habitante da vasta faixa de terra que vai da China Han ao Oriente Próximo, abrangendo as regiões do planeta onde há muito predominam a agricultura fixa e servil.

Sei que muitos nerds que idolatizam o QI acima de tudo discordariam disso. O Oriente e a Ásia sempre foram o inimigo... já a África é, na maior parte, irrelevante.

O “africano” pode até mesmo ser um aliado e só se tornou um problema nas condições da democracia de massa moderna, quando foi manipulado e incitado por outros.

Alguns setores da direita moderna são “ambientalistas” — e até vão além disso —, mas, em geral, desprezam os “verdes” de esquerda e outros que ficam no meio-termo, pois esses não entendem o problema da civilização e da tecnologia.

O problema da esquerda moderna é que ela não busca defender a natureza, mas sim culpar o Ocidente pela condição atual do mundo. Isso acontece porque eles afirmam que o problema está no progresso tecnológico ou “civilizacional” em si.

Essas pessoas não compreendem que a vida predatória — a vida de inseto — é a condição padrão da humanidade, e que o Ocidente, junto com mais alguns poucos, desde o início tenta mitigar os males da “civilização pura” e trazer os benefícios da vida livre para dentro da civilização, na medida do possível.

O ambientalista de esquerda não é um defensor confiável da natureza: ele é “antirracista” em primeiro lugar e defensor da natureza em segundo. Na verdade, as duas coisas são incompatíveis. A China e a Índia são, de longe, as maiores fontes da poluição mais grave e evidente: a destruição dos oceanos do mundo com plásticos e lixo.

O desprezo pela vida animal é raro na Índia — Schopenhauer afirma que foi por isso que eles rejeitaram facilmente o cristianismo, ao saberem dos graves maus-tratos a animais praticados na Europa da época —, mas a crueldade e o abuso contra animais são extremamente comuns e predominantes na China e na maior parte do mundo não europeu.

Somente o homem indiano e, hoje, o europeu, se comovem com compaixão pelos animais, que são nossos irmãos e irmãs. A prática da agricultura industrial é um grande mal que precisa ser interrompido, mas, além do homem europeu, quem realmente se importa com isso? Outros parecem até sentir grande prazer na humilhação e tortura de cães e gatos.

Além disso, como é bem sabido, as hordas zumbis do terceiro mundo não se importam com parques públicos ou nacionais e são justamente as que os sujam e exploram, muitas vezes arremessando fezes — como aprenderam há muito tempo —, sendo filhos do ratel, que come as próprias fezes.

Como também se sabe, o *Sierra Club* e outras organizações ambientalistas costumavam se opor à imigração em massa, em parte silenciosamente por esse motivo, mas também porque o aumento populacional, por si só, já impõe pressões inaceitáveis sobre a natureza.

As populações da Europa e do Japão, sob a pressão da vida em alta densidade populacional no final do século XX, optaram por limitar sua fertilidade, e não há nada de errado nisso: são os governos — corruptos e sob o chicote de financistas dependentes do crescimento populacional — que impediram um recuo natural da população.

Portanto, a esquerda moderna, “antirracista” e pró-imigração, nunca poderá ser realmente ambientalista. E, além disso, ao promover o “primitivo” do terceiro mundo (que não é nada disso) e a falsa crença de que a vida lá é mais leve para o meio ambiente, acabam promovendo o cortiço, a favela, a “civilização”, a existência-padrão de gafanhoto da humanidade.

Ele argumenta que, embora o homem não ocidental viva “mais próximo da natureza” em termos de necessidades materiais, isso não significa que leve uma vida mais natural ou exerça menos pressão sobre os recursos: qualquer excedente é usado para se reproduzir indiscriminadamente e gerar mais indivíduos iguais a si.

Segundo essa visão, qualquer ajuda dada à África ou a grande parte do terceiro mundo não se traduz em melhora na qualidade de vida — nem mesmo em melhor nutrição —, mas é imediatamente convertida em mais filhos, que continuam a viver no mesmo nível de miséria.

A tese central é que o verdadeiro ambientalismo teria uma base racial e que, de fato, ambientalismo e racismo seriam indistinguíveis. Isso explicaria, segundo ele, por que há interminável discussão sobre “mudança climática global”: porque esse foco desviaria a atenção de problemas concretos e solucionáveis, como a destruição de parques nacionais, de espaços públicos, o abuso de animais e, principalmente, a devastação dos oceanos.

Todos esses problemas, para o autor, seriam questões de raça — e não de cidade moderna, progresso ou tecnologia. Ele ainda afirma que tentar limitar o progresso e “congelar” a humanidade em uma forma supostamente pré-moderna, como buscar restaurar “pequenas comunidades” no mundo atual, representaria um perigo grave e uma possível fonte de sujeição totalitária.

O verdadeiro entendimento dos camponeses você não vai conseguir com aqueles falastrões modernos que enaltecem a vida deles ou a do “nobre selvagem”; mas é mais provável obtê-lo a partir do conto homônimo de Tchekhov. Eles são um bando miserável, como gafanhotos sobre a terra. Você também pode ter uma boa ideia deles em filmes de Kurosawa, como *Os Sete Samurais*.

O camponês e o servo, o estado padrão da humanidade, tem, como o animal, o nariz voltado para a terra, pois é lá que se encontram os objetos de interesse, as necessidades da vida nua. Ele está longe de contemplar até mesmo as estrelas, que, segundo Homero, alegam o coração do pastor sozinho na montanha. Os habitantes dos vales e lavradores do solo são o protótipo de todos os modernos “bugmen” — não se engane.

Essa é a “estrutura” ou visão de mundo que transforma toda matéria e todas as coisas em meras utilidades. Não precisa de tecnologia para fazer isso, e nunca precisou. Em sociedades agrícolas primitivas, qualquer indivíduo inteligente seria imediatamente executado como bruxo: isso ainda ocorre na África, e existe o famoso ditado chinês sobre como os inteligentes devem ser mortos. Isso sempre foi assim em grande parte da vida dita “primitiva”, sob o domínio de antigas matriarcas poderosas e os dildos conceituais que elas usam para golpear a cabeça dos jovens.

O que é pior no mundo moderno é a reimposição dessa vida, que está ocorrendo por razões políticas e biológicas. O problema do nosso tempo nunca foi a tecnologia em si. Não há nenhum funcionamento interno da tecnologia que inevitavelmente leve à subjugação humana. Essa tendência existe apenas porque, ao permitir um aumento esmagador do número de indivíduos supérfluos, ela lhes dá poder — e a quem os atende — quando misturada à democracia.

O ambientalista de esquerda, entre muitos outros, está equivocado porque deseja que mais poder seja dado a essas pessoas. Ele ataca precisamente aqueles elementos do Ocidente moderno, da tecnologia moderna, até da cultura moderna, que podem mitigar em certa medida o domínio dos supérfluos e sua destruição da natureza, incluindo a natureza humana.

Posso imaginar poucos destinos piores do que se decidíssemos “viver mais próximo de nossos meios”, restringir e parar o progresso tecnológico e a inovação, reduzir tudo a “pequenas comunidades integrais”, restaurar as “formas tradicionais” em nossas circunstâncias. Compreendo os desejos daqueles da direita que anseiam pelas grandes partes do passado, mas entenda isto: qualquer tentativa assim no mundo moderno — quero dizer, promover a pequena vila, a vida rústica, a vida

modesta — não levará ao restabelecimento das glórias de épocas passadas, mas ao congelamento da corrupção moderna, à sua estabilização e permanência.

Você terá pequenas comunidades governadas pela ginocracia, para suprimir a verdadeira masculinidade e juventude, mas desta vez com o benefício de toda a tecnologia moderna já existente. Elas farão isso em nome da “virtude tradicional”. Serão cristãs, talvez, mas seu cristianismo será uma cobertura para o marxismo de uma forma ou de outra. Não importa a ideologia, religião ou “ideais” que você lhes atribua, eles ainda se comportarão da maneira para a qual nasceram.

O problema do mundo moderno, assim como o da degradação ambiental, não é a tecnologia, nem um modo de vida, nem uma ideologia, mas a onipresença e o domínio de um certo tipo de ser humano... e até que esse problema seja resolvido...

Não sei se os carcereiros desta prisão e proprietários deste espaço estão presentes ou não, mas suspeito que sim. Não penso que vivamos apenas em algum mecanismo impessoal emergente, um “sistema” que aprisiona todos, algo como “gerencialismo” ou “tédio pós-industrial”. Acredito que tudo isso foi conscientemente elaborado. É possível que grande parte da história conhecida seja falsificada. Nietzsche, entre muitos outros, insinuou isso.

Não creio que possamos algum dia saber quem são esses indivíduos, mas suspeito que eles caminhem entre nós como homens comuns. Uma vez conheci uma mulher de um ramo da família Rockefeller — e deixe-me dizer, isso é exatamente o que **não** quero dizer com esses poderes ocultos de que falo; você não conhece os nomes deles — mas ela ia a lojas de verduras ou ao metrô sem que ninguém soubesse quem ela era, sem joias, e tinha apenas desprezo pelos ricos conhecidos que precisam andar com séquitos e seguranças, e que estão sob constante vigilância da mídia e de outros.

O que eles poderiam querer, então, você pergunta, se não desfrutar e ostentar riqueza? Apenas isso, liberdade e poder, que todos os outros carecem. Eles vivem fora de toda lei e restrição; nós somos apenas o material e o alimento para sua fome. Seus esquemas são dementes: o filme *Mulholland Drive* revelou parte do que fazem, indiretamente e através de metáforas. Eles aprenderam a canalizar vários tipos de energia, por exemplo, a energia proporcionada pela atenção humana em grande número, e a alimentar certos tipos de máquinas com ela. A atenção que Hollywood recebe é captada e absorvida por uma máquina de grande poder, que a amplifica e a utiliza para algum propósito. Eles fundaram este rito com sacrifício humano e sangue humano, e é sobre isso que este filme trata.

Eles sabem como canalizar a energia sexual, por isso perseguiram Wilhelm Reich, mas roubaram sua tecnologia. A família Trump conhece os segredos de Tesla. Eles sabem muitas outras coisas: a ciência e o racionalismo são a “religião pública” do nosso tempo, mas os governantes acreditam em algo bem diferente. As massas ficam deslumbradas com a geladeira, o secador de cabelo, o telefone: vivem drogadas e hipnotizadas pelas garantias de que os magos que produzem essas coisas são engenheiros modestos que seguem procedimentos publicamente conhecidos e verificados, que são apenas homens discretos que dominam forças físicas comuns e dóceis. Seu conforto é uma certeza em sua fé na regularidade da natureza, que lhes tirou o medo e o assombro divinos. Enquanto isso, o mundo é governado por homens como Erik Jan Hanussen ou, na verdade, ele era apenas uma ferramenta de outros como ele, mas você não conhece seus nomes. Alguém usava luvas verdes em Hong Kong. Eles vivem no reino do poder e da liberdade.

A grande mentira da nossa época é que se trata da liberdade dos sentidos, da liberação dos desejos dos rígidos controles sociais e morais. Na verdade, até o homem da Idade Média vivia com mais desejo de vida, até mais desejo sexual, do que o homem moderno: ele também trabalhava menos. Durante a maior parte do ano havia dias de festa. O mínimo de trabalho era realizado para ter colheitas suficientes e pagar os impostos, que eram relativamente baixos. A maioria dos homens modernos mal possui a propriedade do pequeno proprietário medieval. A higiene era ruim e as doenças eram comuns, a mortalidade infantil muito alta: havia muitos outros problemas também. Não é meu período favorito.

Mas, uma vez que se sobrevive à infância, o trabalho é a grande dificuldade da vida, é a maldição de Adão: vá a uma pequena livraria na Tailândia e você encontrará completo caos entre os livros à venda. Se perguntar ao dono por que ele não organiza alfabeticamente ou de outra forma, ele dirá que seria muito trabalho e que já ganha o suficiente como está. Mas, nesse único aspecto, a “Merry Old England”, por exemplo, era um lugar de alegria, bebedeira e festas. Bebiam cerveja sem lúpulo, mas com gruit feito de urze e outras ervas: essa bebida era consumida o dia todo, enchendo-os de paixão pela vida... a cerveja daquela época era um estimulante e afrodisíaco.

Eles consideravam o bebedor de água da mesma forma que hoje olhamos para o hipster seco que mexe em rooibos sem cafeína e nos encara com olhos sombrios. Foram os puritanos que introduziram o lúpulo, precisamente para tornar a cerveja amarga e desagradável, e transformá-la de um estimulante em um sonífero que mata o instinto sexual no homem. Mas antes disso, o povo da Inglaterra certamente tinha uma vida sexual mais intensa, se é assim que se medem as coisas. Na verdade, é assim que você deveria medir, porque é sinal de outra coisa: uma vida de grande e verdadeira alegria ou paixão é uma vida receptiva a certos outros instintos e desejos, que também vêm da natureza, mas que os senhores modernos da mentira temem.

São esses outros instintos que eles querem suprimir, pelo menos para a plebe. A irritação sexual à qual a maioria é submetida é diferente do tipo de luxúria despreocupada, intensa e demoníaca que existia nos tempos pré-modernos e que ainda se encontra em bolsões do Terceiro Mundo. Essa paródia moderna do desejo drena toda energia; o outro desejo verdadeiro acende o coração com muitos outros entusiasmos selvagens: Paglia está errada, eles nunca permitirão que sua marca de “feminismo” floresça; isso derrotaria o propósito!

O propósito inteiro da educação moderna é suprimir esse entusiasmo, fazer você duvidar de si mesmo ao ouvir a voz de velhos amigos... incitando você... E sim, eles alcançam isso promovendo a tediosa e exaustiva irritação sexual que se encontra

entre os obesos, os “poliamorosos”, os velhos excêntricos das tribos que se excitam ao se expor às mulheres. Essa irritação generalizada também cega a maioria para a receptividade a esses outros desejos de que estou falando. A “telepatia” é a versão pública e mítica de algo real. É da mesma forma que muitas religiões ensinam a metempsicose, porque a verdade da reencarnação é impessoal demais e difícil demais de compreender.

Não é impossível que estejamos constantemente recebendo sinais dentro da unidade das coisas provenientes de muitos objetos inanimados, alguns possivelmente do outro lado do universo conhecido, mas ocasionalmente de pessoas que conhecemos, árvores e muitos outros objetos. Podemos ter um vínculo próximo nesse nível com indivíduos relacionados a nós, mesmo no futuro, ou uma intuição daqueles que o gênio da espécie pretende como nosso parceiro, porque deseja a produção de esta ou aquela criança em determinado momento.

O mais significativo dessas conexões “telepáticas” ocorre, de fato, quando duas dessas pessoas, supremamente compatíveis entre si em um caminho biológico, reconhecem uma na outra essa intenção interior ou esforço da natureza para a produção de algo — embora, é claro, pensem que se trata de algo muito diferente. No caso normal, isso quase sempre envolve homem e mulher, para a produção de uma certa criança que a natureza deseja trazer à existência. Mas, em casos raros, pode haver outras razões para uma conexão semelhante de vontade, como dois amigos destinados a realizar alguma tarefa juntos.

“Estendemos os braços com expectativa de satisfazer nosso desejo ou ilusão; enquanto isso, a natureza alcança sua intenção secreta”: assim é no nascimento de certas crianças, mas também de outras coisas. A suspeita de amizade que o “movimento pelos direitos gays” promove trabalhou para destruir isso.

As mulheres provavelmente são mais capazes de receber tais mensagens do que outros, porque nelas o intelecto está mais firmemente plantado no corpo e na vontade inata. Muitas vezes, isso significa que elas são, mais do que outros, escravas da utilidade, mas também significa que vivem mais no momento, menos sobrecarregadas por conceitos e abstrações, e têm maior acesso à percepção direta das coisas. Elas podem enxergar através de muitas mentiras e conhecer as intenções das pessoas antes que elas mesmas saibam o que querem.

Saddam Hussein era assim: ele era um transsexual em sua alma. Não todas as mulheres, mas há casos em que uma certa inclinação do espírito liberta seu intelecto das confusões de seus impulsos e do caos de seus hormônios, e ainda assim elas não perdem essa enraização na natureza que geralmente é mais difícil para os homens alcançar.

É por isso que os gregos e muitos outros povos antigos sabiam que as mulheres têm maior probabilidade de serem Oráculos e de conhecer o futuro, bem como as intenções dos outros (elas “sabem” o futuro por meio da percepção inata das intenções e do sangue alheio). Cassandra foi uma dessas profetisas, e até mesmo o grande vidente Tirésias teria se transformado em mulher por um período. Muitos xamãs praticam o travestismo entre diversos povos — os tolos interpretam isso como “direitos gays”, sem perceber a compreensão cultural da feminilidade.

A Pítia era uma mulher, e os antigos germânicos sempre consultavam mulheres antes de grandes decisões, porque elas podiam fornecer uma visão diferente e mais direta das coisas. Os senhores modernos da mentira alienaram as mulheres disso, promovendo o persona hiper-consciente, falante e neuroticamente obsessiva entre as mulheres escravas urbanas. Isso é uma paródia do pior tipo de homem.

Oráculos na natureza já são suficientemente raros, e quantos se perderam para nós porque foram enganados pelas serpentes que a seduziram, fazendo-a pensar que deveria imitar a autopercepção falante e nervosa do homossexual anão e “comediante”? Eles sabem quão impotentes estamos sem conhecimento do futuro; eles guardam isso para si mesmos.

Muitas vezes, em um país novo, eu ficava tão inquieto em um pequeno apartamento e tomado por um desejo de agir que, se bares e todo o resto estão fechados, eu ia para o albergue mais próximo e me tornava um incômodo. Fui expulso de vários desses lugares, e também de casas de fraternidade no passado, quando contei minhas teorias sobre controle da mente, sobre os números em listas telefônicas dispostos de formas sugestivas, sobre os hábitos dos cães selvagens africanos e a força da mordida e do pescoço das hienas. As pessoas gostavam das minhas histórias, mas os funcionários me observavam de lado com grande ciúme e queriam “chamar a segurança”.

Em shoppings, frequentemente um guarda pálido me perguntava: “Senhor, precisamos chamar a segurança?”, porque, enquanto caminhava, sentia-me tomado por um espírito rápido e exclamava todos os tipos de palavras de forma compulsiva, como na síndrome de Tourette. Eu ia provocar bares gays usando bigode à Hitler, e enfurecia os clientes com histórias de como os Nacional-Socialistas começaram como um movimento de direitos gays em um porão em Munique, e como isso é admirável.

A fome por espaço, a claustrofobia — a fobia mais nobre — não é “apenas espiritual”. Nada sério é apenas “do espírito”. “Do espírito” significa falso e gay — todas as orientações reais existem apenas no sangue e se manifestam, não apenas nos níveis elevados e gostos do espírito, mas na vida diária e nas necessidades cotidianas. Sempre quero estar no centro da sala, em frente a uma grande janela, quando preciso trabalhar, o que odeio fazer. Todos os pensamentos reais vêm apenas quando você anda ao ar livre, em pé, no ar fresco: eu sabia disso muito antes de ser consciente disso através de Nietzsche, que diz que você deve desconfiar de qualquer pensamento que teve dentro de casa.

Some-se a isso qualquer pensamento que surge na sua cabeça no miasma fétido da maioria das cidades. Some-se também ao fato de que, durante todo o dia, você é assediado e provocado pela maldade dos outros, que vem do desejo vulgar de poder demonstrado por secretários e trabalhadores de serviço. Trabalhadores de serviço frequentemente tentaram me oprimir. Larry David entende esse problema; mas ele ainda tenta ser “bonzinho demais”, apresentando sua luta contra a opressão da indústria de serviços de forma autodepreciativa, como auto-crítica. Eles são, na maioria, demônios vis.

Hoje mesmo, uma garçonete tentou pegar meu copo de café, mesmo tendo uma pequena camada no fundo, minha camada fria favorita... Eu disse a ela que não, que eu bebia aquilo, sinalizei com a mão, e ainda assim ela se inclinou, olhando nos meus olhos, tentando pegar, e eu pude ver no olhar dela uma mistura de desafio, luxúria,

luxúria masoquista, desejo de usurpar, desejo de me devorar vivo. Tive que repetir três vezes. Já tive que empurrar um atendente contra a parede, ele não parava de me seguir e comentar sobre o vinho.

Não pretendo ser um renascimento de Teseu ou Ájax, mas se algum homem assim nascesse hoje, ele estaria rápido em um manicômio ou morto. Só os pequenos de espírito conseguem prosperar. Dessa forma, eles corroem seu espírito de mil maneiras. Semáforos te treinam para a obediência como animal em gaiola, especialmente à noite, quando não há outros carros ao redor.

Tendo que estar no banco do passageiro enquanto um idiota dirige, eu não suportava esse amigo e perguntei se ele se importaria se eu me masturbasse enquanto dirigíamos entre duas cidades. “Sim cara, claro, vai em frente, sem problema...” ele concordou, então eu sei que não restava nada nele. É por isso também que eu vou aos bairros de luz vermelha mais sujos ou entro em cinemas pornô: gosto de ver trap injetando silicone industrial no peito, gosto de ouvir prostitutas trocando histórias sobre como a palavra “homossexual” vem de “um homem sexual”, e que os homos são apenas homens prostitutas hipersexuais. Eu acredito que isso é verdade.

Havia uma boate no topo de um cinema estranho que, durante o dia, funcionava também como local de pornografia. Decidi entrar uma vez com um amigo, e um velho, mais à frente na mesma fila, arranhou de forma que saísse bem na nossa frente e passou raspando em mim, agarrando minha virilha. Empurrei o rosto dele contra a parede e tive que forçar minha passagem pelo segurança, que tinha um hálito terrível e rosto cheio de cicatrizes como de goblin. Havia um morcego vampiro solto no saguão que tinha voado para dentro, mas isso era normal.

Do lado de fora, na rua, enquanto corria procurando um táxi, havia uma mulher negra defecando no meio da estrada. No cruzamento, em um Volvo cinza e maltratado, havia um motorista sem cabeça, e ao ver isso entrei em um estado de vertigem e fuga. Há quem fale sobre essa “loucura por trás das coisas”. O mundo real é muito diferente daquele que nos aparece na vida desperta, mas não é tão diferente a ponto de ser inteiramente alienígena ou abstrato, ou “filosófico” como você poderia pensar. Não é abstrato, nem feito de formas perfeitas e eternas, não está em algum outro lugar: é imanente, aqui, dentro das coisas, e é distorcido.

Não possuí nenhum significado moral que possamos compreender. Quando Heráclito fala que todas as coisas são uma, e todas as coisas são fogo, ele quer dizer isso: quando isso realmente se manifesta para você, há uma loucura demoníaca e violenta subjacente às coisas. O mundo real é semelhante ao aparente, mas estranho, diabólico, desordenado para nós. Sua ordem oculta, o fatal “X” por trás das coisas, alcança as coisas e mira além do nosso alcance como humanos: é por isso que Lovecraft sabia que era verdade, nosso mundo é moldado por um demiurgo que é um esquizofrênico cego e retardado. Sua origem, seus acontecimentos e seu destino estão no jogo e na guerra das facções mais horríveis, deuses esquecidos... para eles somos como ratos clandestinos em um navio.

Isso se manifesta de forma mais vívida em alguns sonhos, que, se tivessem continuidade, não poderíamos distinguir da vida desperta. Alguns, mas não todos, dos insanos conseguem ver partes desse mundo, mas todos são profetas ignorados, e cada vez mais em nosso tempo... a psiquiatria, uma fraude, enfraqueceu toda fé neles e deles em si mesmos. Em todos os lugares, o sinal está bloqueado.

Sempre fui atraído pelas seitas gnósticas mais sujas e imundas: os Carpocracianos, e mais tarde seus análogos, os Khlysty na Rússia, o covil maligno de Rasputin. Eles formavam grupos de mulheres ao redor de um grande mestre e feiticeiro que podia levá-las à loucura orgiástica: o renascimento das Mênades! O homem que lida de forma errada com isso acaba sendo devorado vivo, como Pentheus na peça de Eurípides (que, aliás, é inadequada). Os judeus tinham uma versão paralela, os Frankistas. Todos acreditavam que dentro de nós existe uma centelha de divindade aprisionada na matéria. Como a matéria e este mundo são obra de um Demiurgo maligno, as leis que governam a matéria e a vida humana, especialmente na Bíblia, são as leis de Satanás. Portanto, para se libertar, é necessário derrubar cada uma dessas leis, praticar todo ato de mal, todo crime, toda atrocidade: somente assim se abre o portão para fora do reino das sombras... só assim se encontra o Paraíso e se passa pelos anjos que guardam seus caminhos. Não recomendo esse caminho!

Alguns dizem que grande parte da esquerda é motivada por essa fé, em sua forma secularizada. No caso do frankismo, há peculiaridades históricas estranhas: muitos judeus proeminentes de esquerda, fundadores do mais agressivo movimento esquerdista, são considerados por alguns judeus ortodoxos de origem frankista. Foi o caso de Brandeis; não o pior, mas supostamente há muitos outros. Eu mesmo não acredito nisso, embora deva ser estudado. Sinto uma afinidade com tais seitas, mas não direta: preciso explicar. Em geral, você pode entender o gnosticismo em todas as suas formas assim: a fé hebraica se baseia na afirmação “vi que era bom”... a ideia de que o mundo foi criado por um Deus benevolente e que a matéria e o mundo são bons. Há poucas outras religiões assim: o Islã é uma delas, e Schopenhauer afirma que o paganismo grego e romano é o mesmo, embora isso não seja totalmente verdade. O otimismo grego é de um tipo completamente diferente do otimismo bíblico.

Mas o hinduísmo e o budismo veem o mundo como algo do qual se deve escapar; eles acreditam no nirvana ou moksha, que liberta do ciclo de reencarnações. Isso é mais normal e muito mais difundido na história. E, nesse sentido, é verdadeiro, já que o sofrimento supera claramente seu oposto: na vida de qualquer indivíduo, os momentos de felicidade são raros e passam rapidamente. Além disso, se você imagina o prazer de um animal comendo versus a dor e agonia do animal sendo devorado, não há engano... vê-se que o sofrimento excede o prazer ou a felicidade neste mundo por muitas magnitudes. Muitos ursos, alguns cães de caça africanos e outros mordem o animal antes mesmo de estar morto. O melhor, como disse, é ser morto por uma onça que te despacha com uma mordida rápida no crânio! Suas

mandíbulas são fortes, desenvolvidas para perfurar tartarugas. Acredito que seja o felino mais compassivo, mas a maior parte dos assassinatos na natureza não é assim.

Houellebecq fala de como, quando menino, não suportava a voz satisfeita, monótona e calma dos narradores de programas sobre a natureza, que tentam obscurecer as piores agonias dos animais, o assassinato em sangue. Segundo qualquer cálculo racional, a vida não vale a pena, pois a dor supera em muito o prazer. Niilistas fortemente medicados tendem a negar isso — os abençoados e felizes sabem que é verdade... mas também sabem que a razão e a racionalidade são falsas.

O gnosticismo é impulsionado pelo problema do sofrimento, ou pela compaixão por aqueles que sofrem, e tenta absolver Deus da responsabilidade por este estado de coisas. Às vezes diz que o Deus da Bíblia foi adormecido, ou se prendeu, ou está acorrentado em uma gaiola, e que um usurpador tomou seu lugar. Outras vezes afirma que o Deus descrito em Gênesis não é o Deus verdadeiro, mas um demiurgo, e que o verdadeiro Deus enviou seu emissário Jesus para derrubar o domínio desse demiurgo. Existem muitas variações, e algumas mencionam não um demiurgo, mas noventa e nove, tudo para remover a responsabilidade da Divindade pela criação deste mundo de mal.

Deveriam simplesmente ter se tornado budistas ou hindus e parado de tentar salvar a mitologia de Canaã! Talvez, em seus primórdios, a fé cristã fosse igual ao budismo, e isso agora se perdeu nas confusões de seitas odiosas que distorcem a história. É fácil pensar que esta é a religião de uma era desesperançada, um subproduto da decadência do Império Romano e um sintoma de desespero ou sofrimento. É muito pior que isso! O problema para o homem, assim como para outros animais, não é estresse ou sofrimento, mas a sensação de que não se pode escapar: o desespero e pânico da exaustão e aprisionamento.

Além das fronteiras do mundo habitado conhecido, a oikoumene, havia oceanos intransponíveis, incluindo o grande oceano terrestre da estepe, e o Saara na outra direção. China e Índia eram conhecidas, e o comércio existia, mas isso era apenas um conhecimento vago que, em teoria, poderia estimular o senso de conquista e aventura. Havia, em outras palavras, muitas fontes possíveis para o sentimento de que além do mundo conhecido ainda permanecia o inexplorado. O mesmo desconhecido que chamou o espírito de empreendimento dos portugueses, espanhóis e outros europeus que partiram em missão colonial de conquista e descoberta do mundo já existia no final do período romano.

Mas a vontade ou espírito não estava lá, havia apenas exaustão em todos os lados, a mesma exaustão que explica a história inútil da China, Índia e de todos os lugares de agricultura antiga. Guerras civis e golpes palacianos sempre continuarão, mas o espírito humano é quebrado pela habituação a uma domesticação prolongada demais,

e nada genuinamente grande, no corpo ou no espírito, acontece novamente após um tempo. Essa “habituação” inclui, é claro, os “hábitos do sangue”, que levam à reprodução e superprodução do supérfluo.

Uma vez que um grande poder impõe domesticação sobre seus vizinhos e sobre si mesmo, surgem confortos, e muitos nascem já exaustos desde o nascimento, e invocam sobre si os governos e religiões dos exaustos e estressados. Certamente os obstáculos externos que enfrentamos agora são muito maiores: o espaço sideral para nós não é atravessável nem mesmo em teoria, e não conhecemos nada do outro lado do espaço vazio... tudo fora do já conhecido parece estéril.

E ainda assim, repito, esse tipo de limitação física não é a verdadeira causa da exaustão espiritual que anseia por algum tipo de escape. É próprio da vida doméstica apresentar o mundo como um espaço fechado e possuído, e embora a humanidade se adapte, em geral, a essa condição, tanto biologicamente quanto culturalmente, ainda permanece uma centelha da tendência oposta mesmo nos mais humildes. Eles não podem deixar de experimentar este novo estado de coisas nas civilizações tardias senão com temor, a suspeita temerosa... uma suspeita estranha... de que o mundo é artificial. Começam a perceber que esta estufa em que vivem é a criação malévola de um demiurgo que gosta de observar nossos sofrimentos, que Ele e seus subordinados se alimentam deles.

No futuro remoto, caso o mal da inovação humana continue sem controle, realmente viveremos no mundo que os gnósticos temiam, e a centelha da vida vital e da energia que é dom da natureza a todos os povos jovens nascidos de seu ventre permanecerá aprisionada em “matéria mal configurada”, matéria totalmente estranha aos seus desejos e funcionamento inatos, mas moldada para benefício de outra coisa. De muitas formas, o mundo que habitamos já antecipa este inferno vivo dos gnósticos, e a resposta daqueles em quem a dor da civilização e da modernidade é mais avançada, os transsexuais, ajuda involuntariamente a desvincular a realidade da natureza e a tornar nossa domesticação progressiva mais totalitária e agressiva.

E ainda assim, para vocês, que desejam lutar contra a tirania crescente, lembrem-se: em condições de crise, a opção “Carpocraciana”, a atração precisamente pelo criminoso e desviado, pode ser muito grande... mas... aqui se está à beira do abismo. E a forma como você interpreta o chamado desse instinto...

Estou interessado na falsificação da história e possivelmente da geografia. Acredito que a humanidade é extremamente estúpida e perversa; não se pode confiar em uma palavra que se recebe. Não tenho dúvida de que suas religiões são verdadeiras, mas você pode ter certeza de que alguma facção maliciosa não se infiltrou na hierarquia de sacerdotes, ou nas autoridades religiosas, ou nos impressos de livros, e inseriu todo tipo de coisa que não estava lá originalmente?

Por exemplo, todas as cópias em eslavo antigo da Bíblia na Rússia costumavam ter pesadas interpolações gnósticas. Isso explica a multiplicidade de seitas que surgiram lá, incluindo aquelas que se castravam, e outras como os Dukhobors, que zombam da nudez elevada e nobre praticando a nudez dos deformados. No Ocidente houve coisas semelhantes: como você acha que os cátaros encontraram tanta aceitação no norte da Itália e no Reno? Não era apenas um novo ensinamento, mas práticas muito antigas e fórmulas antigas que encontraram um terreno fértil entre uma população já preparada para recebê-las. Algumas eram pré-cristãs, enquanto outras se espalharam junto com a Igreja primitiva, preservando elementos do cristianismo inicial misturados com maniqueísmo, magianismo e outras coisas ainda mais estranhas.

Por que você então assume que as principais religiões que sobreviveram não são, de fato, falsificações? O Islã poderia muito bem ser uma dessas falsificações: o Alcorão é uma miscelânea de absurdos e possivelmente era originalmente um livro devocional cristão siríaco, reeditado muito mais tarde. Maomé seria o nome deles para Cristo, e a fé originalmente era uma versão do nestorianismo, difundida pelo rei persa, não pelos árabes. Toda a história da cruzada de Heráclio contra a Pérsia, bem como a queda da Pérsia em “batalhas” contra os árabes, pode ter sido inteiramente fabricada por ambos os lados, embora, é claro, essa mentira tenha sido esquecida há muito tempo. Que evidência histórica ou arqueológica existe realmente sobre a existência de Maomé?

Mas você tem ideia de quão especulativas são, em geral, as conclusões tiradas da arqueologia? Basta ler, por exemplo, o tipo de “evidência” usado para estabelecer a equitação nas grandes estepes antes de 1000 a.C. — alguns poucos ossos, talvez nem cinco ou seis, que pareciam se assemelhar a freios. A vida é curta; renascer como homem é incerto e pode acontecer bilhões de anos a partir de agora: confiar sua única vida a esses patéticos mentirosos?

Olhe para Tucídides, que é um grande homem e gênio de sua época: ele busca superar Heródoto, e esse padrão é seguido em toda a antiguidade. Cada grande historiador se esforçava para superar seu predecessor como rival. Você acha que eles

inventaram algumas coisas? E quanto aos estudiosos, escribas, monges vaidosos — o “nerd” como tipo — quão propensos eles seriam a mentir? Mentem muito mais do que você imagina... o nerd, mais do que um Tucídides, é possuído por mendacidade infinitamente maior, além de vaidade, ciúme, rancor e mesquinharia.

Não acha que essas pessoas, que por muito tempo, na forma de monges, foram os únicos guardiões e copistas de textos da antiguidade, estariam dispostas a alterar textos, acrescentar e até inventar livros e autores inteiros? Corroborações de “terceiras fontes” seriam relativamente fáceis de fabricar também. De qualquer forma, Josefo usa essa rivalidade entre escritores gregos para lançar dúvidas sobre as histórias gregas em geral, e nisso ele não é totalmente irrazoável.

Claro, onde ele erra é ao supor que os arquivos centralizados de outros povos, como egípcios, babilônios ou os seus próprios, são mais confiáveis. Nietzsche se refere à falsificação da história de Israel que ocorreu algum tempo antes de Josefo — e acredito que ele se referia aos Macabeus. Não há registro externo da existência dos judeus antes do reino dos Macabeus — Heródoto nunca os menciona. Mas há evidências de que a falsificação a que Nietzsche se referia é ainda mais tardia.

Muito da antiguidade pode ter sido inventada por seitas ou ordens de cristãos ou até mesmo judeus, para fazer parecer que suas religiões artificiais e utilitárias tinham algum fundamento na natureza humana ou foram previstas por sábios do passado. Quando, na realidade, toda a energia deles era dirigida a suprimir o espírito natural do homem, a reverência inata do homem pela magnificência dentro dos animais e das coisas.

No fim, nada pode ser confiável que você não possa ver e sentir por si mesmo.

Não sabemos se toda a antiguidade, ou talvez grandes porções dela, foi totalmente inventada por monges medievais ou por humanistas italianos do Renascimento... ou se algum erudito excêntrico em Constantinopla ou um monge na Ibéria acrescentou livros inteiros e passagens a Platão ou a outros. Quando Nietzsche diz que Platão “estudou com os judeus” no Egito... o que ele realmente quer dizer?

Poderia ser, como alguns sugerem, que os judeus são na verdade uma invenção recente, uma seita dos árabes em Córdoba, e que esse grupo criou partes de Platão ou Aristóteles... ou corrompeu fortemente suas obras... talvez trabalhando com grupos dispersos de monges na Europa e com o Vaticano depois? O que é o Vaticano — e se ele não existia antes, digamos, do ano 1200, como você poderia ter certeza? Machiavelli menciona que São Gregório queria destruir completamente e apagar toda a cultura pré-cristã, e que esses homens de barba em robes negros destruíam templos em fúrias históricas, esmagavam estátuas, queimavam livros. Como você realmente sabe quão bem-sucedidos eles foram, ou quando isso realmente aconteceu?

Como você sabe que o legado do mundo antigo, que Maquiavel afirma que eles preservaram apenas por necessidade — por compartilharem o latim como língua comum — não foi quase inteiramente corrompido por suas “transcrições”? Toda nova forma de vida entre os humanos busca apagar a memória de seus predecessores, reescrever a história e, talvez, fazer isso literalmente, corrompendo os textos em si. Há alguma evidência de que os desleixados e infelizes “doutores da Igreja primitiva” sequer existiram? Agostinho é quase certamente uma ficção completa, e nunca existiu tal homem — seu “grego” rudimentar é nonsense nessa área, sendo mais provavelmente o grego improvisado do monge medieval, talvez vivendo em algum lugar da Borgonha.

Não é preciso ir tão longe. Ouvi outras teorias menos estranhas, mas ainda assim insólitas: que o Novo Testamento foi escrito por uma mulher judia, como uma paródia da tragédia grega. Foi um esforço para subverter a vida e o poder romanos, o “privilégio romano”, por meio da história da Paixão — o deus morto como inversão do culto de mistério grego em torno de Dionísio. Isso soa familiar em nosso tempo, quando há monstruosas farsas históricas... incluindo a chamada e inteiramente falsa “Guerra Fria”, durante a qual os Estados Unidos financiavam e armavam a União Soviética o tempo todo?

Se Nietzsche acreditasse nessas coisas, ele nunca as colocaria em seu próprio nome ou as diria abertamente — mas poderia ser que, quando diz que Platão não é

grego, ele realmente quis dizer isso? Platão, ou pelo menos muitas das obras de Platão, seria invenção de um polímata bizantino ou de um beneditino?

Tais especulações são o oposto de confortadoras, especialmente em um mundo onde as consolações e certezas da religião são raras. A história tomou, de certa forma, o lugar que a religião tinha, oferecendo estabilidade a um mundo perdido em confusão, caos e incerteza. Eu quero esse caos, porque o que desejo trazer prospera nele. A continuidade da história, senão seu progresso, é o último fio que o homem secular, científico, sem âncora no universo, nessa rocha flutuante, no jogo de forças titânicas e estrangeiras... é a última conexão com qualquer sanidade. Eu quero um mundo de psicose, quero o fim da sanidade dele.

E se não houver base firme no que recebemos da história, e a continuidade que pensamos ter é na verdade um caos confuso — que eventos da antiguidade foram confundidos com eventos da Idade Média, por exemplo? Achei a sugestão de Fomenko, de que as Cruzadas e a Guerra de Troia seriam o mesmo evento, tão desorientadora que tive que agir de forma veemente e rigorosa naquele dia. No lounge, quando o segurança me perguntou se “eu estava drogado”... eu empurrei sua testa em um gesto de majestade e poder. Fui brutalmente espancado por seus capangas no beco.

As especulações de Anatoly Fomenko, assim como a chamada “hipótese do tempo fantasma”, que afirma que três séculos foram adicionados erroneamente à nossa cronologia... isso é pouca coisa. É muito pouco — dessas dúvidas fui levado a outras muito mais horríveis. Vivi uma vida errante e, às vezes, ficava confuso por uma estranha semelhança entre certos cantos de ruas, o cheiro de prédios que supunha diferentes, a semelhança assombrosa de duas ruas que, anos depois, não consigo mais distinguir, ou se, na verdade, sonhei com elas.

Acredito que é necessário investigar, por exemplo, se a Cidade do México não é, de fato, a mesma que Bangkok, e se a chamada península da Baja não é a mesma que a Malásia. A semelhança de pratos como mole e curries tailandeses apenas reforça essa hipótese, assim como a língua kwak dos oaxaquecos e chiapenses... é a mesma que a laociana. Ouvi rumores de que, à medida que se avança do Porto Príncipe para o interior, começa-se a ver as luzes de Manila, e que as ilhas do Caribe não são diferentes das Filipinas. Ambos apreciam porco grelhado, arroz com queijo, delícias como espaguete com ketchup e hot dogs ou spam, e, dizem, outras coisas também.

As favelas de Bangkok são iguais às da Cidade do México, e o Camboja é o mesmo que Guatemala (Honduras é totalmente falsa). Assim, diz-se em alguns círculos, quando Colombo chegou a Cuba, na verdade era Cipangu, ou Japão, e ele realmente descobriu a Ásia. Todo o Novo Mundo (e muitas outras áreas do mundo também)

seria, portanto, uma fraude de primeira ordem. Xangai pode ser acessada em duas horas a partir de Manhattan por trem-bala secreto.

E se você perguntar como tantos viajam de avião, bem, não é tão difícil existir um acordo entre os relativamente poucos pilotos ativos para manter isso em segredo e usar rotas indiretas para fazer o tempo de voo parecer muito maior. Se não quiser ir tão longe, lembre-se de como eles podem, mesmo assim, manter continentes ou ilhas inteiras em segredo — você não tem permissão, até onde sei, de se aproximar dos polos Norte ou Sul, e não está fora de questão que exista um refúgio tropical em ambos. Há um estimado estudioso de Bangalore que aponta que o ano nos Vedas tem seis meses de luz e seis meses de escuridão.

48

Mas você acha que estou promovendo a ideia do “bom selvagem”? Você entende que suas visões do que seria o “bom selvagem” não passam de uma miniatura de uma China excessivamente espiritualizada, uma China espiritual em escala menor? Eu sei que não existe tal coisa como o bom selvagem: Mark Twain atacava o Índio Vermelho como um mentiroso infiel e trapaceiro.

Bem, tudo bem. Isso não me incomoda: minha ideia de poder nobre e vital é diferente. Mas... escolha a visão de nobreza que quiser, não importa, você não a encontrará entre os primitivos, como regra. Você idolatra camponeses, admira selvagens insulares vivendo “em harmonia com a Natureza”. Peço que veja o que aconteceu com Margaret Mead, e como os polinésios a enganaram — a maior parte do que ela escreveu sobre suas visões de vida e liberdade sexual era bobagem inventada para fazê-la parecer tola.

Do mesmo modo, tolos como Gimbutas e outros que acreditam que a humanidade em algum ponto remoto viveu sob um matriarcado benevolente, “em equilíbrio com a Natureza”, novamente, pura bobagem. Em toda parte, historiadores e arqueólogos descobrem que o que se pensava ser matriarcado não era nada disso.

Você vê isso na *Odisséia*, onde é claro que o direito de sucessão pertence a quem é marido de Penélope, e o filho de Odisseu, Telêmaco, não tem garantia de herdar o reino. A sacerdotisa local dos ritos de fertilidade, do florescimento das estações da terra, que assegurava que as colheitas brotassem do solo — sacerdotisa da deusa ou dos espíritos locais — quem a casasse recebia prestígio ou legitimidade como rei. Isso é verdade, mas eram os homens que decidiam quem ela casaria e, assim, quem governaria o reino.

Em toda parte que se procura algum tipo de matriarcado formal, percebe-se que, na realidade, nada disso existia, mas algo muito parecido com isso. Quando se encontra poliandria, como entre alguns habitantes do Himalaia, trata-se de homens compartilhando uma mulher por falta de recursos ou por outra circunstância. Como poderiam as mulheres governar, afinal, sendo tão fisicamente mais fracas e aparentemente incapazes de se organizar politicamente sem os homens?

Mas... existe uma forma de governarem. Assim, os “desmistificadores” do matriarcado estão certos, mas não enxergam suficientemente as relações sociais entre primitivos, e mesmo entre civilizados, para perceber que uma forma de matriarcado é real. Já mencionei um tipo antes. Entre chineses e sicilianos, por exemplo, o lar é conduzido pela avó.

Quando muitos modernos suspiram por “vida comunitária” e falam de lares intergeracionais, parecem esquecer que isso significa sujeição a uma senhora de vontade férrea, uma Dragão ou Górgona. A moça moderna, ao desejar a comunidade familiar pré-moderna, imagina obter apoio emocional e social das primas e servos da avó, mas a realidade é subjugação total à sogra.

No sudeste asiático moderno, cujos ancestrais viveram em “cidades” orientais por gerações, o homem é completamente dependente da esposa — qualquer estudo antropológico anterior a 1970 mostra a verdade sobre a vida social asiática. Na África, os homens são totalmente subjugados por matriarcas de maneiras complexas: as mulheres produzem todo o alimento sem ajuda, e os homens dependem delas para a ração diária de mingau de grãos. Às vezes buscam caça para quebrar a monotonia, mas vivem majoritariamente como agricultores dependentes de mulheres fortes que cuidam de suas pequenas parcelas de raízes.

Toda a vida social nessa região é gerida por sociedades secretas. O poder político aparente é frágil e sem significado: sociedades secretas interligadas, baseadas na manipulação de magia negra e branca, são a verdadeira fonte de decisões importantes, na vila e na cidade. As mulheres desempenham papel central nessas sociedades ou as governam diretamente; há longa tradição de respeito à mulher como oráculo, natural e inevitável. A sacerdotisa da água Yoruba, em êxtases sobre a jiboia, recebendo visões, não é muito diferente da Pítia. Mas enquanto a Pítia se submetia ao solar e juvenil Apolo, tal conquista do poder subterrâneo nunca ocorreu na África, nem em muitos outros lugares.

Assim, existe um tipo de matriarcado, mas funciona de forma oculta, enganando tanto a “esquerda” quanto a “direita”. No fim, a “esquerda” está mais correta: a veneração dos poderes titânicos da terra, da Grande Mãe, conecta-se a uma forma de matriarcado. Onde erra é imaginar que isso leva a liberdade, representa liberação das

restrições da civilização moderna, da especialização, da submissão à autoridade moral, da alienação moderna e de tudo o mais que gostam de culpar.

Na realidade, tudo o que você odeia na vida moderna, que faz dela uma Prisão de Ferro — e eu concordo que é uma prisão — representa o retorno da noite interminável do matriarcado. Retorno literal em todos os sentidos! Nietzsche diz que na Europa moderna vemos a reafirmação dos modos de vida pré-ários: o retorno do socialismo, da casa comunal, do feminismo, e que isso ocorre também internamente, onde os instintos superiores do espírito são suplantados pelo retrogrado e pré-histórico.

A vida na vila e entre primitivos é de submissão total, domesticação completa e quebra absoluta. O matriarcado que existe, exercendo enorme influência social e moral, manifesta apenas essa quebra dos homens. A solidariedade comunal absorve e apaga qualquer distinção pessoal ou inteligência, tarefa relativamente fácil para a maioria; o problema real é o que fazer com os jovens. Eles representam ameaça às tradições estabelecidas e à torpor fisiológico que beneficia os velhos e as mulheres.

O problema social nas tribos primitivas, assim como nas sociedades civilizadas e não livres, é o que fazer com os jovens, sua agressividade, seus instintos sexuais: precisam ser quebrados e subjugados pelo bem da tribo. Isso é relativamente fácil para a maioria, mais difícil para o restante, e, quando impossível, o destino do excluído é a morte.

Engana-se quem pensa que jovens são necessários para proteção contra ameaças externas. Sociedades de povos assentados, primitivos ou civilizados, aceitam o risco de subjugação por tribos estrangeiras. Em uma área, se várias tribos seguem o mesmo caminho de auto-domesticação, o risco é mínimo; alguns poucos “guerreiros” bastam. Mesmo sob grande ameaça externa, sociedades governadas por mulheres, velhos e imbecis, preferem subjugação a permitir liberdade e poder aos jovens.

Eles estão corretos: sujeição a estrangeiros raramente significa extermínio, enquanto permitir liberdade aos próprios jovens destruiria seu modo de vida. Submissão a estrangeiros traz apenas impostos esporádicos, fáceis de contornar — os camponeses escondem suprimentos e até campos. A rotina de humilhações, perda de honra, raros estupros, perda de soberania significam pouco; a vida comunal continua e até prospera sob submissão.

Essa é a condição das “velhas civilizações” da humanidade, especialmente China e Índia. Os Han enfrentaram terríveis ameaças externas do steppe, frequentemente conquistados por poucos cavaleiros dispersos que eram superados em número. Não se importavam: a vida comunitária estóica e inalterada continuava, seja Jurchen, Mongol ou Yi Negro. Na Índia, após a era sacerdotal e a senescência, também se

degenerou: conquistados todo verão por aventureiros e senhores da guerra do Hindu Kush e além. Submissão lhes convinha.

Os chineses esperavam pacientemente: “o dia virá em que o conquistador também se cansará, seu sangue gasto; então se juntará a nós, o povo.” Estavam certos. Esta é a famosa assimilação da civilização chinesa, a assimilação dos exaustos e gastos. Não há outra forma de entender os chineses senão como redução do animal humano à mera vida: não são civilização no sentido usual, mas população perpetuamente sujeita, uniforme e indiferenciada, que busca subjugação e a reforça.

Índia e outros povos seguem o mesmo padrão. Os chineses preferiam isso à alternativa: permitir que seus homens afirmassem liberdade e soberania. No século XV, quando começaram a ter marinha, perceberam o fermento e desordem que isso trouxe e suprimiram imediatamente o projeto. Sociedades assim não mudam, mesmo querendo: os interesses da mera vida estão entrincheirados. A vida assentada exige quebrar os jovens desde cedo, castrá-los física, mental e espiritualmente.

Isso ocorre até nas menores tribos. Quando se tornam civilizações, assemelham-se à China Han ou às cidades-sumidouro dos astecas, babilônios e outros. É por isso que pessoas como Evola, Jung, Guénon e seguidores se enganam. Só existe isto: a vida é atrofiada e deformada pela tradição ou, raríssimas vezes, permite ascensão da vida. Como regra, a vida é atrofiada e deformada pelos humanos.

Por isso os humanos são repugnantes como animal e devem ser superados. Esta é a “vida livre e primitiva” do bom selvagem, este é o “matriarcado” que mantém a fé na natureza de forma “sustentável”. A sociedade da cabana de palha, de fato, é raramente sustentável: depreda recursos naturais, é cruel com animais e tirânica com pessoas. Paródia desse tipo de sociedade é o filme *The Beach*.

O domínio da fraqueza não é bom, mas de incrível crueldade, até canibalismo. O canibalismo é o modo da vida levedada, ao qual o animal humano degenera sob essas condições de ginocracia. É o caminho eterno dos humanos subjugados à Vênus de Willendorf e às “mães-terra”, porque essa facção da natureza é putrefata e sanguinolenta, buscando dissolver toda vida superior, espiritual e biologicamente, no lodo amorfo do pântano primordial.

Se você viajasse pela Europa por volta de 3000 a.C., encontraria matronas neolíticas de olhar bovino e cabelos negros supervisionando vastas aldeias de longhouses, com cinquenta ou cem humanos por cômodo, com ovelhas e cabras, imersos em seus dejetos, cultivando a terra, comendo aqueles considerados “escolhidos pelos deuses” — homens ou mulheres de espírito vital — e podendo até lhe bater com um dildo lingam, questionando seu privilégio como viajante.

Essa é a condição da maior parte da humanidade até recentemente, e é a miasma sufocante à qual o mundo moderno retorna rapidamente, por dentro e por fora.

Mas chega dessa prisão. Suponho que você queira saber um caminho de saída ou, pelo menos, ouvir sobre um modo de vida diferente?

Parte Três: Homens de Poder e a Ascensão da Juventude

49

A vida atinge o seu auge não na aldeia de cabanas de palha governada por matronas malucas, mas no estado militar. Na Grécia Arcaica, na Itália do Renascimento e na vasta extensão da heróica Idade da Pedra, no meio da Idade do Bronze dos grandes carros de guerra, viveram em grande número homens de poder e magnificência. Em todos os aspectos somos inferiores a eles. Fisicamente, espiritualmente e em intelecto, eles nos superam completamente. Dou um exemplo: nossos atletas de elite, nossos operadores das forças especiais, nada são em comparação com eles. Encontramos ossos paleolíticos, o fêmur, tão robusto que nada em nossos corredores ou halterofilistas chega perto. Esses homens eram capazes de velocidades sustentadas inimagináveis hoje.

Você já ouviu falar de Maratona, mas não conhece toda a história. O verdadeiro feito físico não foi apenas o soldado que correu cerca de trinta quilômetros até Atenas para avisar o povo. O feito real foi de todo o exército que, em plena praia, vestido com armaduras de bronze pesadas, enfrentava o inimigo. Após o desembarque dos persas, os gregos avançaram correndo de mais de um quilômetro de distância. Os persas ficaram espantados ao ver aquela linha de bronze reluzente correndo em sua direção, com o grito de guerra ecoando. Esses homens percorreram essa distância em armaduras pesadas, carregando também lanças de mais de dois metros. Empurraram os invasores de volta ao mar. E, logo após esse esforço colossal, marcharam — ainda em armadura — de volta a Atenas sem pausa, para impedir que os persas realizassem um desembarque oportuno lá. Não acredito que nenhuma unidade militar moderna conseguiria igualar tal feito — e esses eram cidadãos comuns de Atenas.

Mais ainda: eles nos superavam igualmente em mente e espírito. Os sofistas conseguiam memorizar cinquenta nomes ou mais apenas ouvindo-os uma vez. Alguns tinham o dom da visão remota, aquilo que os rosacruzistas tanto desejam, e que os serviços de inteligência soviético e americano tentaram, em vão, redescobrir. Aqui temos a vida em seu auge. Você conhece sua grande arte, ciência e literatura — ou pensa que conhece. Mas antes de tudo, eles eram homens de conquista, exploração e aventura. Ésquilo fez gravar em sua tumba que havia lutado em Maratona, não que havia escrito suas peças. O homem livre é um guerreiro, e apenas o homem de

guerra é um homem de verdade. Devemos olhar para suas vidas e feitos como inspiração, e antecipar com grande entusiasmo o retorno de tal vida.

Temo, porém, que no fim os exemplos desses homens antigos, de mão forte e poder, sejam desanimadores para muitos de vocês. Porque não é fácil replicar suas conquistas e poder em nossa era. E também porque, para falar a verdade, muitos de vocês são frouxos em comparação com eles, no sangue. Mas acho que é bom lembrarmos que, diante deles, somos como quem veste saia. Mesmo que você não consiga imitá-los em tudo, porque vivemos numa época de repressão total, ainda pode tirar inspiração de seus exemplos e tentar viver de modo parecido... tentar viver de acordo com uma Mentalidade da Idade do Bronze.

Não me entenda mal. Isto não é um livro de autoajuda e não posso dizer a você como viver — ninguém pode. O que me preocupa é a sujeição da vida e a asfixia da vitalidade. Quero mostrar que não precisa ser assim, e que você não precisa se limitar a coisas pequenas. Acima de tudo, deve buscar o grande objetivo: a independência física e militar. Somente o guerreiro é um homem livre. O único governo legítimo é o governo militar; todo o resto é hipócrita e destrutivo para a verdadeira liberdade. Você deve mirar alto! Una-se aos seus amigos no caminho do poder e saiba que nada tem o direito de detê-lo, e nada poderá detê-lo!

Digo isso especialmente aos homens militares e àqueles que se tornarão. Há algum tempo, conversei com outro sapo sobre o Generalíssimo Alfredo Stroessner. Ele foi ditador do Paraguai por quarenta anos. Dormia à uma da manhã e acordava às quatro; além disso, fazia uma sesta de duas horas à tarde (isso antes do ar condicionado — e a sesta é necessidade nos trópicos). Passava o resto do dia trabalhando incansavelmente por seu país e para conter a seita comunista, cruel e satânica, que teria massacrado seu povo — mas também fazia isso por sua própria glória!

O sapo me disse: sim, essa determinação é admirável, mas é preciso ser específico. Não adianta encorajar as pessoas a se esforçar assim para ter sucesso no *World of Warcraft* ou na carreira de designer de interiores — não há honra nisso. Concordo! Mas, quando olhamos para aquelas eras em que a vida estava em ascensão, vemos que a grande vitalidade do sangue era a mesma do grande objetivo que perseguiam. E embora vivamos no mais degradado de todos os tempos, ainda é possível, como você verá, romper esta Babilônia e deixar o fogo eterno da juventude levá-lo às alturas do poder.

Na sua própria vida, você pode romper esse domínio e ascender ao caos da alegria e da destruição. E no nosso futuro já vislumbro, como uma imagem tênue no horizonte distante, sobre o vasto oceano em um entardecer violeta — vejo as ilhas da

Hiperbórea, na beira desse Leviatã, onde poderemos fundar novos postos avançados e subjugar essa grande besta a partir do exterior.

50

Imagine um Mitt Romney, mas diferente... um Romney que realmente fosse capaz de agir como aparenta, e fosse digno de sua aparência. Imagine um Romney mais jovem que incita a nação a uma nova guerra, contra a Índia, apenas pelo poder de sua carisma e de seu discurso. Então ele parte em um navio para liderar os exércitos na conquista da Índia. Mas logo surgem rumores de que Mitt organizou um jantar satanista de Missa Negra em Nova York. Além disso, as pessoas acordam um dia e descobrem que alguém profanou o Museu do Holocausto e o Memorial Lincoln... os rumores se espalham de que foi Mitt e seus amigos, em preparação para derrubar o governo. Assim, ele é chamado de volta do comando para ser julgado. Em vez de retornar, Mitt foge para a Rússia, onde se torna um importante conselheiro de Putin. Mas logo ele precisa sair às pressas quando descobrem que ele mantinha em segredo um caso com a esposa de Putin. Então foge para a China, onde, mais uma vez, milagrosamente se torna uma grande força política e conselheiro, adotando com facilidade os costumes e a língua chinesa. Depois de algum tempo, ele deixa a China e acaba vivendo no Afeganistão com os tribos locais, como um deles, em uma de suas fortalezas de barro, onde finalmente é encontrado pelas forças especiais americanas — e ele morre lutando, investindo contra eles repetidas vezes com uma metralhadora, vestindo sua gloriosa armadura preta e dourada e um headset parecido com os de *Duna*.

Exatamente assim, e mais, foi a vida do antigo Alcibíades de Atenas. Inconcebível! Mesmo alguém tão versátil e espalhafatoso como Trump está muito longe dessa possibilidade em nosso tempo, embora ao menos torne esse tipo de personagem de certo modo crível. Não há nada parecido em quase nenhuma outra era da história. Alguém como Talleyrand é famoso por ter trocado do reinado para a república, depois para Napoleão, e de volta, sendo de certo modo bem-sucedido sob diferentes formas de governo, e isso já é raro o bastante para torná-lo famoso. Mas tudo isso foi dentro de um único país.

A façanha de Alcibíades é ainda mais surpreendente pelo fato de que, naquela época, as culturas eram realmente diferentes, seus modos de vida completamente estranhos uns aos outros, e ainda assim ele se destacou em todos. Creio que isso se deve ao fato de que, em Atenas, onde cresceu, ele escolheu o deus da paixão erótica como seu patrono. Ele era um jovem muito belo, admirado e perseguido por todos os homens e mulheres. Rejeitou as investidas do pedófilo-pederasta pelásgio Sócrates —

uma história que Platão então inverteu e distorceu como o mentiroso e bajulador de fenícios que ele era.

Alcibíades se destacou nos esportes e, na escola, se recusou a tocar flauta porque isso deixava as bochechas inchadas e ridículas. Outros meninos o seguiram, considerando que a harpa era nobre, mas que tocar flauta na música era coisa de escravos e puxa-sacos.

À medida que crescia em poder, seu escudo trazia Eros com um raio nas mãos, o que scandalizou os homens mais velhos. Dessa forma, ele mostrava ser discípulo da força vital irreprimível, devoto do jovem deus da paixão sexual e da destruição total; mostrava que nenhuma lei ou palavra dos homens se colocaria em seu caminho!

No princípio era o verbo?? NÃO! No princípio era o fogo demoníaco que irrompe em homens como Alcibíades, que derruba as cidades dos homens e expõe todas as suas tolices! Esses homens são enviados pela natureza para nos castigar e ser nossa Nêmesis. Eles são a grande purificação.

Sua história é contada por Tucídides e Plutarco, embora você deva saber que este último é um famoso mentiroso. Mas eu acredito que deve haver entre vocês alguém tão colorido quanto Alcibíades.

O mistério do rigor mortis é muito revelador!

Por que a carne morta fica rígida?

Mas foi feito um estudo em que colocaram carne morta e rígida em um banho de ATP, o mestre da energia das células, e os músculos amoleceram e relaxaram.

O estado fisiologicamente energético é o estado relaxado. A carne que está rígida ou frouxa está gasta, mas a biomatéria energética vibra em repouso pronto: você vê na pele luminosa de jovens muito saudáveis essa maleabilidade relaxada na carne, como Pietro Boselli.

Eu escrevi uma carta para ele, pedindo que permita que dezenas de jovens mulheres toquem em sua pele suave, brilhante, cheia e vibrante como borracha, tudo em público.

O mundo moderno exaure e, ao fazê-lo, torna tudo rígido ou transforma em uma massa difusa.

Fisiologicamente, ele promove os estressores: estrogênio, serotonina, hiperventilação, superexcitação – as marcas da exaustão energética.

Segue-se a isso também uma rigidez espiritual e intelectual, a orientação do ideólogo, do ativista social, mas também de toda a nossa classe intelectual de direita e esquerda, assim como daqueles que trabalham no mundo corporativo e na maior parte do exército.

Eles são rígidos e constrangidos porque, em resumo, vivem em medo absoluto – medo de perder algo. Eles têm muito pouco a perder, mas ainda assim vivem nesse medo, e é por isso que, quando se trata de um possível ganho ou, pior para eles, de uma possível perda, reagem com desespero, congelam de terror e hiperventilam.

Nossos políticos são todos assim, tremendo de medo da mão que os esbofeteia. Todos já estavam tão cansados de suas platitudes robóticas, que repetem por timidez e porque são todos controlados; e é por isso que um homem como Trump, que parece não se importar, que encontra alegria nesse desafio e energia nesse relaxamento escandaloso – seduz.

O mundo moderno é, em resumo, um estraga-prazeres. Mas os antigos gregos eram bem diferentes, e também diferentes daqueles homens sisudos e cheios de pompa com sotaque inglês que os interpretam em dramas de época.

O que eles admiravam era uma despreocupação e uma liberdade de restrições que nos chocariam, e que incomodam especialmente o esquerdista carrancudo e o conservador encenador de papéis.

Houve um Hipoclídes de Atenas, dito ser um dos mais belos jovens: Heródoto conta essa famosa história de um homem admirado por todo o mundo da época. Ele foi, com dezenas de outros jovens de várias cidades gregas, tentar se casar com a filha de um autocrata muito importante e rico na Sicília.

Esse homem decidiu testar os pretendentes, para descobrir qual seria o melhor marido para sua filha: hospedou-os por um tempo, tratando-os com festas luxuosas enquanto os testava em feitos atléticos, sagacidade, conversa e outras habilidades.

É sinal da grandeza desse povo que os casamentos não eram concebidos puramente como alianças políticas ou financeiras, mas que sua aristocracia prestava atenção à qualidade biológica nas uniões.

Pouquíssimas nações têm a liberdade diante do medo de que falo; apenas alguns povos tiveram o senso de erguer seus focinhos do chão, olhar para as estrelas e considerar algo além da utilidade da vantagem imediata em casamento e filhos.

O modo como nossa elite hoje se casa e se une, a propósito, não tem nada de “eugênico”: duas pessoas já desgastadas nos seus trinta anos, casando por motivos “práticos”... isso não gera filhos fortes.

Os corpos de pessoas de meia-idade me nauseiam, e asseguro que também nauseiam a natureza.

Hipoclídes estava se tornando o favorito do pai, por todas as suas grandes qualidades, sua linhagem ilustre, sua aparência e seu charme na conversa.

Mas na última festa, Hipoclídes se embriagou e decidiu começar a dançar sobre a mesa. Depois começou a dançar de cabeça para baixo, apoiado nos braços, mexendo as pernas!

Bem, você sabe que os homens daquela época não usavam as roupas ridículas e restritivas que usamos hoje, como calças, então o pai se ofendeu com o espetáculo.

Ele disse: “Hipoclídes, você acabou de dançar fora do casamento” ... mas a resposta foi:

“Hipoclídes não se importa.”

Nessa frase está toda a atitude dessa bela, imprudente aristocracia pirata que colonizou e conquistou o mundo conhecido.

É uma atitude que perturba todos os moralistas do nosso tempo, tanto de esquerda quanto de direita.

Hipoclídes foi lá para se divertir, para mostrar e usar seus poderes, suas excelências e sua superioridade biológica — mas essas duas coisas são a mesma! Ele não se importava com o ganho ou a perda de uma esposa. Ele não foi lá para agir como um macho submisso, pronto para dançar ao som de um esclerosado.

Ele era tão descuidado com sua própria propriedade quanto com a dos outros — isso também é o que Tácito diz sobre os homens mais nobres entre as tribos germânicas, que viviam apenas pela alegria da guerra e da batalha. Isso era o que os grandes entre os gregos admiravam.

Outra história mostra a mesma coisa: é também a atitude de Diógenes, o Cínico. Quando Alexandre, o Grande, se aproximou de sua banheira e lhe perguntou o que ele mais queria no mundo, Diógenes disse para ele sair do caminho, parar de bloquear o sol... ele só queria apanhar alguns raios de sol!

Agora compare isso com um de nossos intelectuais servilistas e filósofos, e como seus espíritos medíocres ofegariam ao se aproximar até de um burocrata médio constipado — quão distinto! Que honra! Alexandre disse que, se não tivesse sido Alexandre, gostaria de ter sido Diógenes.

Não sei se posso recomendar que você seja como Diógenes ou Hipoclídes. É difícil, talvez você tenha que nascer assim. Posso dizer que é algo melhor a se aspirar: uma despreocupação divina que vem de abraçar a força vital, e isso é o que esse grande povo amava. Qualquer coisa verdadeiramente grandiosa deve ter um pouco dessa despreocupação divina.

Não é o cristianismo que também dizia “dai-nos o pão nosso de cada dia” — implicando que isso é suficiente e você não deveria se preocupar com mais nada, nem mesmo pela semana? Nietzsche elogia a pobreza, a independência e a boa disposição. E esses eram homens muito pobres: mas os filhos de Deus não precisam de mais nada!

Schopenhauer explica a despreocupação e a frivolidade alegre das mulheres pelo fato de que vivem no e para o gênio da espécie.

Embora inconscientes disso, elas estão cheias de seus objetivos ilimitados que vão muito além do indivíduo, com suas pequenas ansiedades e preocupações: a chegada da próxima geração é a questão mais séria.

Elas vivem na espécie.

Nelas, a espécie se rejuvenesce.

É claro que estou falando das mulheres no melhor caso, e a maioria dos exemplares são malformadas.

Por que são malformadas?

Foram ensinadas a odiar suas próprias naturezas e instintos, e em alguns casos esses instintos foram distorcidos ou transformados em outra coisa: como alguém disse recentemente, foram “Bernankefied” no traseiro.

As mulheres modernas abandonaram essa grande vantagem, para poderem se tornar cópias neuróticas de funcionárias de escritório gays.

Elas abandonaram o grande poder concedido em seu sangue.

Se você não acredita, lembre-se de um pombo-correio que conhece o caminho... certamente ele se perderia se visse um mapa e tivesse que pensar sobre isso.

O que vem do sangue é o melhor.

Mas é difícil ouvir esse chamado do instinto hoje, porque você é ensinado a desconfiar dele.

Abandonando-se ao instinto, uma vez que se tem disciplina e prática através do corpo, um homem pode atravessar um abismo em uma corda bamba com passo firme: a esquerda fala muito sobre se soltar, sobre não ser mais reprimido.

Se ao menos eles entendessem o que isso realmente significa!

Vou mostrar a vocês homens que realmente não tinham nenhum bloqueio, que não eram reprimidos de forma alguma.

Um nome era Clearchus, e ele era um general espartano.

Foi enviado por Esparta à cidade de Bizâncio, no Bósforo Negro. Pediram ajuda.

Ele chegou lá como conselheiro militar, mas logo deixou de responder a Esparta: usou seu poder e tramou convidar os homens proeminentes, senadores e ricos da cidade para uma reunião, onde foram enforcados.

Ele tomou suas propriedades e conquistou a soberania naquele lugar!

Após Esparta enviar um exército para expulsá-lo, ele ofereceu grande resistência em batalha difícil, mas foi derrotado.

Então Clearchus conseguiu escapar enquanto a cidade estava sitiada; à noite fugiu em um navio com o tesouro, de uma cidade vizinha que também havia tomado.

Eventualmente, ele fugiu para a Pérsia.

Mas na Pérsia ele não apenas desfrutava das riquezas que conquistara com a força de sua mão.

Esse homem era movido pela paixão pela guerra e aventura.

Ele convocou muitos mercenários de todo o mundo grego e conduziu este exército através de muitas empresas ousadas na Trácia e no centro do Império Persa, onde, entretanto, morreu devido a traição — ali ele foi descuidado... você deve ser cuidadoso e saber usar a raposa tanto quanto o leão em você!

Conto sobre outro homem, elogiado por Maquiavel como guia para a vida, um tipo de coach de vida.

Ele fala de Agatocles, da antiga cidade de Siracusa, uma cidade grega na Sicília.

Esse homem subiu de origens humildes, através das fileiras do exército, por sua grande bravura em batalha e mente astuta planejando estratégias e emboscadas.

Eventualmente, foi nomeado general máximo da cidade, onde, novamente, totalmente sem inibições, convidou o senado completo e todos os notáveis para uma reunião, onde seus soldados os mataram.

Ele tomou o prêmio do poder nesta cidade.

Depois, com muitas lutas, derrotou os cartagineses que assediavam os gregos na Sicília, desembarcando na África e lhes dando um golpe sangrento.

Governou de forma segura e com grande glória.

Conto essas histórias porque mostram a vida de dois homens que eram semelhantes, que sabiam realmente se soltar, que não eram contidos por pequenas inibições.

Esses são homens que realmente sabiam desfrutar de sua liberdade, e não eram limitados pela opinião dos outros.

Qual foi o slogan da última década na América?

“Sim, você pode!”

Este é o slogan da última década na América, pelo menos, e não vejo razão para que você não leve essa ideia às suas conclusões — afinal, nenhum dos homens muito morais que governam aquele país viu algo de errado com esse slogan.

Certamente, eles devem querer que você o tenha “internalizado”.

Lembre-se de que essas pessoas pequenas como Bill Gates, Zuckerface e Bezos são totalmente dependentes.

Eles realmente não podem fazer com sua riqueza o que você pensa que podem... por exemplo, nunca poderiam simplesmente matar um homem e tomar sua esposa, mas até o governante do menor país africano tem esse poder, essa verdadeira riqueza.

Quando sua felicidade e riqueza dependem da força de outro, você não é realmente seu próprio homem... nem pode desfrutar dos maiores prazeres da vida.

Clearchus e Agatocles sabiam disso: mostram um dos caminhos; são realmente homens autênticos que seguiram seu próprio caminho!

“Sim, você pode!”

O pirata e a fortaleza —

“Trabalho nunca foi prazer para mim, nem a economia doméstica, que alimenta bons filhos.

Mas para mim, os navios a remos eram prazer, e a guerra, e lanças bem polidas e flechas.”

Assim fala Odisseu, interpretando o pirata.
Este é o lema e a vida do pirata.

Você entende o que é um pirata?
Muitas vezes me perguntam: por que a Idade do Bronze?
Porque é a era heroica que você vê na Ilíada e na Odisseia, sim, mas não esqueça o que herói realmente significa.

Tucídides diz que os homens daquela época gostavam da pirataria, e não viam nada de errado nisso — e isso é verdade.
E o que é o pirata, senão a forma original do homem livre e de toda vida em ascensão!

Quão patético é, quando hoje lhe falam sobre “viver a vida”, ou “ter uma vida” — essas pessoas não sabem nada sobre o que a vida verdadeira significa.
Compare a intensidade de Alcibíades, aquele super pirata, ou do que estou prestes a descrever aqui, com a “vida” que você é incentivado a “ter” hoje.

Quão inútil é o vangloriar-se dessas criaturas ansiosas que vivem de remédios, vinho barato, e os fétidos vapores de status e aprovação que imploram uns aos outros.

Schopenhauer diz que, em algum ponto no passado, todos os animais eram herbívoros, mas então algumas espécies decidiram arriscar a própria vida com suas mandíbulas, tornando-se predadores audaciosos, vivendo da caça.
O predador é sempre o animal mais inteligente.

Em cada decisão de se tornar caçador ou pirata, um homem ou um povo mostra grande audácia e embarca em grande liberdade.
O herói não é escravo dos muitos, que se sacrifica por eles; o homem comum fica impressionado com esse tipo de “sacrifício”, porque nunca faria isso por si ou por outros.
Mas isso é o herói reduzido a um cão fiel.

O lobo não busca “sacrificar” nada, mas exercer seus poderes sobre o território. Nós retiramos os lobos, leões e leopardos de entre nós quando filhotes e os quebramos com ideias falsas, condicionamento maligno e, recentemente, drogas que teriam lobotomizado um Da Vinci, um Alexandre, um Frederico, o Grande, ainda jovens.

Então, a energia que lhes resta é canalizada para trabalho mecânico por dinheiro. O trabalho e o comércio são formas de sujeitar você à mera vida e à sua preservação: quando os superiores são corrompidos para uma vida de trabalho e finanças, lentamente caminham para sua própria destruição a longo prazo.

Posso dizer que o lazer é a fonte de todas as grandes coisas. A preservação da vida é tediosa; a liberdade de suas exigências é necessária para toda ciência elevada, arte e literatura, assim como para toda vida bela, todas as aventuras, todo desenvolvimento do corpo até os ápices da beleza.

Uma das razões pelas quais o mundo moderno não tem grande cultura é que os filhos dos ricos têm uma consciência tão pesada por não trabalhar, que todos se esforçam como os outros para subir uns sobre os outros em empregos comuns.

Há apenas cinquenta anos, a maioria listava “esportista” como profissão principal; isso foi em tempos recentes, com um pouco mais de beleza e mais arte. Mas... mas... é errado olhar apenas para este aspecto da vida, porque assume que temos mais familiaridade com ela do que realmente temos.

Não é só que não “merecemos” ter uma cultura superior — embora também seja isso — mas que o propósito de tal coisa é completamente estranho a nós. Do ponto de vista da cultura e do refinamento reais, somos tão bárbaros quanto o rebanho mais obscuro do Khwarezm, onde as mulheres coçam seus pelos púbicos em público... somos apenas mais domesticados e insípidos do que eles.

Então, quando menciono lazer, não imagine que me refiro ao que você entende por lazer. Não é apenas lazer; você não precisa apenas de lazer para a vida superior, mas especificamente de lazer para preparação para a guerra.

Para escapar da sujeição de nosso tempo, você não pode mais recorrer à ciência ou à arte: você esqueceu seu propósito.

Elas foram desarmadas, e quase toda participação nelas hoje se resume a um tipo de culto de carga.

Quem pode sequer pensar em um verdadeiro cientista ou artista entre nós?

Creio que faz cerca de um século que um existiu.

Veja como Cellini criou seu Perseu, em que estado de espírito estava, e quão distante isso está de nossos “artistas” medíocres.

Paglia diz que o artista é um obsessivo, com mente próxima à de um perseguidor ou serial killer, e ela está certa: veja a monomania de Newton, ou o caráter de pessoas como Balzac ou Baudelaire.

Violentos obsessivos.

Nossos medíocres são medíocres porque carecem de toda intensidade e fé em si mesmos e no que fazem.

Eles nem mesmo são niilistas; carecem de convicção no niilismo também: apenas lhes falta intensidade, estão secos por dentro.

Por isso, neste livro não promovo a vida do cientista, artista ou escritor, porque em nossa era isso degenera em hobbies e formas de passar o tempo, sem valor real. Quem promove essas coisas sem motivo, faz isso apenas para tornar você inofensivo e para mostrar aos outros, na mídia ou fora dela, que eles também são inofensivos.

O que as eras passadas entendiam por lazer é muito diferente do que entendemos. Se robôs libertarem a humanidade do trabalho, não haverá florescimento do intelecto ou das artes e ciências.

Não basta não estar preso ao trabalho, porque os aposentados e os NEETs são assim, assim como a maioria dos acadêmicos e muitos outros, mas todos não fazem nada de valor.

Foram reduzidos a um estado constrangido e dependente, e este é o problema.

Pessoas constrangidas e dependentes não têm pensamentos reais: pelo mesmo motivo que nações sem indústria não entendem mais para que “inovação” e invenção servissem.

Portanto, nossa ciência e tecnologia também é apenas mais perda de tempo.

Cervantes completou Dom Quixote na prisão, Spinoza era lapidador de lentes, Diógenes era sem-teto, e muitas outras grandes realizações foram feitas por pessoas mais pobres ou em condições materiais piores do que hoje.

Ainda assim, não se pode negar que a vida do americano médio é a de um escravo sobrecarregado e estressado: mas o descanso que viria ao libertá-lo disso seria apenas isso, descanso simples, se não viesse também com masculinidade e soberania.

Não há substituto para liberdade e poder — nem mesmo a sensação de liberdade do poder substitui o real.

O pirata, o verdadeiro guerreiro — não o soldado moderno sujeito a um eunuco de alta patente — é o único homem livre, e é essa liberdade, a liberdade primordial da

Idade do Bronze, que alguns devem recapturar antes que qualquer outra coisa possa ser feita.

Ouçã o que Tácito diz sobre os antigos germânicos: eles preferiam conquistar pela batalha as coisas da vida, e consideravam vil e mesquinho trabalhar a terra e suar, em vez de ganhar a vida com a lança e arriscando o sangue.

Caso contrário, passavam muito tempo em festas e ócio.

Os jovens mais nobres entre eles, se sua tribo estava em paz, iam a outras tribos em busca de guerras, porque a falta de aventura era odiosa para sua raça, e apenas arriscando o sangue conquistavam distinção.

Essa também era a atitude do cavaleiro medieval, do chevalier, do Ritter, dos cavaleiros que consideravam a vida do servo e da comunidade vil e suja, digna de escravos, castas baixas e mulheres: estavam sempre prontos para cavalgar em busca de novas coisas e aventuras de glória e perigo.

Então você vê, não basta dizer “essas pessoas eram libertas das necessidades da vida; tinham lazer.”

Era um lazer de tipo muito específico.

A aristocracia romana, como Nietzsche diz, tinha o lema *otium et bellum*, lazer e guerra — essas sendo as únicas maneiras corretas de vida para um homem de poder e liberdade.

No *Viagem ao Fim da Noite* de Céline, creio que ele diz em certo ponto que sua senhoria, uma mulher modesta, tinha desprezo aristocrático pelo trabalho; isso era apenas um vestígio ocioso, e ele zomba disso.

Na época dele, a última flor da aristocracia ariana havia sido extinta, como diz Nietzsche: na Revolução Francesa, uma revolta de massa de escravos raciais remodelou a Europa e a levou ao caminho descendente.

Depois houve outra revolta aborígene periférica em 1917, que mergulhou a Europa numa guerra civil da qual ainda não se recuperou.

Mas no livro de Céline, o protagonista, em sua busca inquieta nesse mundo de lixo...

ele procurava aquela chave oculta, a verdadeira liberdade no espaço aberto que poderia conquistar.

Onde encontrar a fronteira?

Há muitos lugares, mas o caminho não é fácil.

Nas nações, o lazer do estado escravo deve ser assegurado, e esse lazer deve ser imediatamente usado na preparação para a guerra.

Na cidade grega, o homem de poder passava o tempo na caça, no ginásio, no estudo da história militar e estratégia, de todas as formas preparando-se para a guerra.

Muitos, ao pensar na era grega, pensam em solidariedade e ordem militar, muito diferente do que falo aqui... pensam na linha de hoplitas e sua disciplina.

Pensam nessa era como uma em que o indivíduo se submete à cidade e às leis, à disciplina das fileiras: e conectam esse aparente igualitarismo à prática da democracia em nosso tempo.

Dessa forma, querem se autoparabenizar.

O homem moderno é então chamado a fazer um “sacrifício” semelhante, e culpado por seu egoísmo.

Isso é confuso.

No início, o hoplita, o homem que lutava com escudo redondo pesado, lança alta e armadura pesada, não vinha como “ferramenta” da república ou democracia, como os soldados modernos são ferramentas do estado escravo.

Se você quer ver o espírito da Idade do Bronze, olhe para o antigo cântico de bebida, nos refeitórios de Creta e Esparta:

“Esta é minha riqueza: minha lança e meu escudo.

Com isto, espremer o vinho doce da videira.

Com isto, sou chamado mestre dos servos.

Aqueles que não ousam ter lança e espada, e escudo de couro fino para proteger a pele, todos se curvam a meu joelho e se submetem, chamando-me mestre e grande rei.”

Essa era uma música real: um canto popular entre os homens dominantes.

Formavam pequenas companhias de aventureiros que, cedo, tomavam o estado da aristocracia montada — igualmente predadores piratas.

Algum tempo depois, ao tomar o estado e se estabelecer como governantes, submetiam-se aos rigores e disciplina de um programa de treinamento rigoroso.

Mas apenas no sentido de que um atleta entra em treinamento em equipe, especificamente para se tornar forte e pronto para uma tarefa, sem nunca perder de vista essa tarefa específica.

Quando vemos as cidades gregas em seu auge na era clássica, governadas por aristocracias ou, em alguns casos, democracias, vemos cidades onde tais homens assumiram o controle e construíram um estado para si mesmos, com o propósito de treinar para a batalha e a supremacia em combate.

A mesma altivez e desejo de poder físico que você vê na canção nunca os abandonou.

No caso da democracia, a única diferença é que os marinheiros também são adicionados à assembleia governante de homens armados.

E então você pode entender o significado do antigo “espírito público”, que não é isso, mas sim homens livres aceitando os rigores do treinamento juntos, para preservar sua liberdade pela força contra igualmente ativos e hostis estrangeiros e contra subordinados raciais em casa.

Qualquer “unidade” racial dos gregos era, portanto, apenas a unidade orgânica de cultura ou língua, mas nunca se tornou política: tais pessoas nunca tolerariam perder a soberania nos estados que eles e seus ancestrais recentes estabeleceram para proteger sua liberdade e espaço de ação.

Mas traçar paralelos com nosso tempo é absurdo: esses homens nunca se submeteriam a abstrações como “direitos humanos”, “igualdade” ou “o povo” como alguma entidade amorfa englobando os habitantes do território ou cidade.

Eles veriam corretamente isso como pura escravidão, que é nossa condição hoje: nenhum homem real aceitaria a legitimidade de tal entidade, que, para todos os efeitos práticos, significa que você deve, por razões imaginárias, deferir à opinião de escravos, estrangeiros, mulheres gordas sem filhos, e outros que não têm participação no poder físico real.

Como é possível que todos tenham participação igual no estado e plena exigência sobre seus recursos, quando de fato não possuem força física real?

Se você refletir sobre essa questão, entenderá também a natureza de nossa sujeição neste tempo.

Pois não são essas pessoas que têm culpa, mas um poder oculto que as usa como pretexto.

A “democracia” moderna é totalitária e perversa, e tenta submeter os melhores à regra das massas de rejeitos biológicos e, especialmente, à regra daqueles que podem agitá-las.

Os militares que constituem sua defesa externa e forças policiais internas, em princípio, nunca deveriam aceitar essa condição.

Que aceitem, é um grande ponto de interrogação: como é possível? Para quê, e como concordaram com isso? O que há nisso para eles?

A vida antiga que descrevo aqui, a mentalidade da Idade do Bronze, é de completa liberdade e poder.

Há um caminho oculto para você também que permanece...

atrás do mercado, começa nos matagais de pequenas florestas...

sobe por muitos caminhos íngremes em direção ao ar da alta montanha, à vida na ascensão, não corrompida pelo miasma do homem fermento e dos banheiros nos

vales dos rios...

a vida na Argo de Jasão pode ser recuperada... e por alguns poucos no mundo moderno, já foi...

54

Amizade Grega —

Você talvez pense que eu promovo a crueldade de um político-máquina com paletó marrom manchado de atum, ou de um intriga de escritório mesquinho, ou de um designer de interiores malicioso com voz ascendente que trai colegas para conseguir contratos.

Tolos, vocês acham que estou aqui para promover um “modo de vida” ou moralidade!

Nenhum princípio ou ideia é útil hoje, todos serão remodelados e tomados por pessoas como essas.

Autoajuda é completamente inútil, e não é sobre isso que este livro trata: ao contrário, eu gostaria mais de caminhar para a autodestruição e livrar-me deles.

Só me importo com muito poucos que, sendo constrangidos em sua natureza predatória por este zoológico a céu aberto, devem olhar para o passado para entender o que é possível.

Quero dar encorajamento a alguns que são de certa forma, em seu sangue, e incentivá-los a se tornarem a mão purificadora da natureza.

Entre seus instintos, você encontrará o anseio por amizades fortes, que o mal moderno tenta extinguir.

E eles têm boas razões para tentar, porque tudo o que foi grande no passado foi feito através de amizades fortes entre dois homens, ou fraternidades de homens, e isso inclui todas as grandes realizações políticas, todos os atos de liberdade e poder político.

O zoológico moderno quer, em vez disso, que você seja um “indivíduo” fraco e isolado.

Em muitas cidades gregas havia clubes aristocráticos ou fraternidades, sempre lugares de grandes planos, grandes ideias e fermento espiritual.

Ali eram feitos grandes planos políticos, planos de colonização e exploração de novas terras e cidades, planos de conquista, ações contra os desígnios de tiranos e plebeus.

Onde está seu baluarte hoje contra Babilônia, quando tudo isso foi tornado ilegal para você?

Na vida de Cellini, você vê como é diferente um homem realmente livre: quando insultado, ou quando um de seus amigos ou familiares é ferido, ele reúne cinquenta bravos para um ataque ao inimigo, algo impossível em nossos estados hoje, não apenas pelo imenso poder do mal que sufoca, mas também porque você não tem amigos que poderiam ou iriam ajudá-lo.

Uma fraternidade de homens nesse formato é a base de toda vida superior em geral: há uma certa loucura, um entusiasmo que também existe numa comunidade de verdadeiros cientistas ou artistas, que segue esse mesmo padrão. É totalmente proibido em nosso tempo: totalmente ausente nas universidades, onde a ciência foi sequestrada.

Mas que destino pode ter a ciência aqui? Tudo nos laboratórios corporativos, nas universidades, assim como nos laboratórios governamentais e nas instalações militares e de inteligência que ainda realizam algumas tarefas científicas... tudo militam para esmagar o espírito da ciência.

A dedicação, severidade, foco e entusiasmo necessários para sustentar uma verdadeira empresa científica são proibidos porque incomodam mulheres e fracos: a presença de “salas de amamentação”, e um ambiente onde tais salas poderiam sequer ser construídas... a supressão de debates vigorosos, a promoção de um “ambiente não hostil” de fofocas e camaradagem trivial, a sujeição dos cientistas a administradores, recursos humanos com fibromialgia, à esmagadora banalidade do cotidiano, tudo isso reduz o jovem cientista a lama doméstica novamente e destrói suas aspirações e vontade.

O assalto é muito pesado no Vale do Silício e em outros redutos de pesquisa, onde, no entanto, nenhuma inovação séria estava sendo feita em primeiro lugar: a tecnologia já havia sido reduzida ao desenvolvimento de aplicativos de fotos íntimas para adolescentes.

A ciência cessou há muito tempo e foi castrada...
Será que renascerá?

O barbarismo purificador de que falo aqui deve primeiro varrer o mundo: não é mais possível ciência, nem qualquer outra coisa, em um lugar onde todas as esferas da vida foram submersas na grande mãe do Fermento.

Mas isso não é realmente sobre ciência ou arte, repito, você está muito longe de entender o que essas coisas deveriam fazer em primeiro lugar.

Você sabe como, para os gregos, todas as aspirações superiores passavam por amizades fortes entre dois homens que juntos se dedicavam a uma tarefa maior?

Em Tebas, Epaminondas e Pelópidas reformaram o estado e estabeleceram uma democracia baseada na seita pitagórica — essa última parte não é importante. Eles acreditavam em algumas coisas peculiares, como reencarnação, a veneração do “lado esquerdo” e também de feijões e outras leguminosas, que eu não entendo muito bem.

Mas foram eles que estabeleceram a famosa “Banda Sagrada”, a unidade militar de elite que quebrou o poder de Esparta. Esse grupo era formado por amigos próximos, e você sempre terá amor e compaixão demais por um verdadeiro amigo para vacilar na coragem diante dele — mas duvido que você entenda o que tal amizade significa ou que já tenha tido um amigo assim!

Em Atenas, os dois amigos Harmódio e Aristogeiton derrubaram a tirania através de seus esquemas e bravura: é por isso, sabe, que todos os tiranos e totalitários desconfiam de fortes amizades entre homens.

Acima de tudo, isso é temido pelas lésbicas de meia-idade e pelos deficientes que são usados como guardas por nossos estados-prisão. E sim, eu sei dos rumores de que essas amizades eram sexuais, mas acredito que isso é mal-entendido e exagero promovido pelos homonerds do nosso tempo, por razões que explicarei mais tarde.

O modelo para todas essas amizades foi a de Aquiles e Pátroclo: Homero nunca insinua que tal amizade fosse sexual. É apenas pela pobreza de nossa imaginação que pensamos assim, porque não conseguimos conceber amor tão intenso entre amigos sem algum benefício carnal ou material em jogo.

Foi por sua amizade com Pátroclo que Aquiles embarcou em sua grande fúria: foi pelo amigo que ele não toleraria viver uma vida longa e inglória em casa... escolheu, em vez disso, uma vida curta e gloriosa, e uma morte violenta cheia de promessa e beleza.

Os amigos podem incitá-lo a isso! Quão vergonhoso é arrastar a vida como um cão e morrer sob supervisão de estranhos em um hospital, que te odeiam, em vez de morrer no auge da juventude, pelo amigo, e deixar para trás um corpo belo!

A forma original de tudo isso foi o par divino de aurigas: Cástor e Pólux, ou para os arianos, os gêmeos Ashvin, e para os saxões, Horst e Hengist, o par do condutor da

carruagem e o arqueiro — você entende que esta é a verdadeira raiz de todas as aspirações superiores da Europa?

Os aurigas que dominaram a Europa por volta de 1500 a.C. dependiam desse vínculo próximo entre dois homens para sua organização militar; e provavelmente esse povo teve suas origens últimas em amizades desse tipo.

O estado espartano, em qualquer caso, dependia inteiramente em sua educação juvenil dessa associação de dois amigos, como cavaleiro e escudeiro. Foi essa aristocracia conquistadora que realmente destacou a Europa do pântano em que o resto do mundo sempre esteve preso...

E para os gregos, e todos os grandes homens da Idade do Bronze, e não apenas os gregos, amizade não era apenas uma forma de “temperar” a sede de poder e aventura que alguns de vocês certamente abraçarão, mas um pré-requisito absoluto para isso.

Acima de tudo, não é um dever.

A amizade é uma relação social de um tipo que está além de toda “ética”, entende, e se você alguma vez pensar nela em termos éticos, você a interpreta mal.

É um grande prazer entre dois, muito diferente do prazer sexual entre homem e mulher, mas da mesma espécie, na medida em que é agradável, e nunca se sente como “ética”, que é para vacas.

Houve algumas tentativas em nossa era de reconstituir essa forma de amizade, por exemplo, o famoso ensaio de Montaigne.

Houve outras tentativas também, você encontra belas palavras sobre amizade em Nietzsche, em Zarathustra, e então, acima de tudo, há os modernos movimentos escoteiros, que vêm da Alemanha e do mesmo espírito.

O primeiro movimento assim foi chamado *Wandervogel*, mas houve vários outros, todos baseados na experiência da natureza, na promoção da camaradagem e do nacionalismo.

Isso incluía os movimentos da guarda juvenil judaica que se tornaram sionistas, os Escoteiros e outros nos Estados Unidos, claro.

Entre os judeus, a promoção desse tipo de camaradagem e amizade foi um grande milagre no início do século XX, porque ia contra sua cultura do shtetl apertado, de nerds dominados por mulheres, velhos e pelo medo.

Foi um grande ato de superação para eles, e muitos têm razão que, de certa forma, a criação de Israel é o ato mais “antisemita” já concebido.

É, em qualquer caso, um grande modelo para outros mostrarem que o restabelecimento da antiguidade é plenamente possível, embora não haja motivo real

para que americanos ou europeus tenham qualquer consideração pelo bem-estar desse país.

Em seu caso também, porém, em nosso tempo, o espírito da pirataria já se foi, e eles ficaram tão moles que, nas ruas de Tel Aviv, você tem “judeus” iemenitas com estilo rastafári se aproveitando de garotas asquenazes, e, em geral, um sentimento de torpor.

A condição de outras nações modernas é pior. Em nosso tempo, a amizade é proibida entre meninos na escola, fraternidades reais são, para todos os efeitos, banidas, e os movimentos escoteiros são forçados a aceitar mulheres — e mulheres destroem totalmente qualquer grande amizade.

Na vida privada, amizade entre homens modernos isolados e derrotados é inimaginável.

Homens são iludidos a pensar que sua esposa também pode ser seu melhor amigo (e isso, é claro, faz com que suas esposas percam respeito por eles).

Além disso, tantos têm medo, com razão, da forma como tais relações foram sexualizadas entre homens, e nunca têm certeza se um amigo em potencial tem intenções sexuais...

Ao mesmo tempo, gays representam uma paródia domesticada e castrada da amizade.

Onde recuperar a amizade verdadeira então?

Nesse caso, mais do que em outros, como poderiam impedir você, se apenas aprendesse a ouvir o instinto e seguir o prazer dos desejos?

Não há nada, em princípio, que o estado possa fazer para impedir você, se se entregar à amizade verdadeira.

Tudo o que disse é um tipo de condicionamento, um condicionamento muito forte, mas é tudo uma forma de controle psicológico que, em princípio, deveria ser fácil de quebrar.

Tudo o que você precisa fazer é ceder ao desejo de grandes coisas.

A verdadeira base da Idade do Bronze, da era das grandes aventuras... tal coisa é questão de sangue e espírito, e para aqueles poucos entre vocês que são adequados para isso, deve ser tão fácil de recuperar quanto a despreocupação que vem de se encher com o fogo da força vital.

Você só precisa abraçar seus próprios instintos sem reservas e entender que, na dedicação comum a uma causa maior, um grande amigo é inestimável porque vocês se estimulam mutuamente e se guardam na missão.

Mentalidade Superman —

Dentro de todo grego nobre havia uma sede insaciável de poder, e isso significa poder para se tornar senhor da vida e da morte em seu estado.

É difícil entender o que isso significa ao olhar ao redor hoje, porque não há nada parecido nos grandes exemplos que você possa ter ouvido.

Muitos de vocês podem pensar em ditadores da Coreia do Norte ou de algum banheiro público do mundo, ou nos grandes estados totalitários do século passado, mas vocês estariam errados.

Esses homens não eram realmente livres ou poderosos; de muitas maneiras, eram reféns de seus próprios serviços de segurança.

Alguém como Stalin estava preso em um fluxo de eventos onde sua liberdade de agir existia apenas no reino do assassinato, e apenas do assassinato, e qualquer pequeno passo fora disso significaria sua ruína.

Ideologia é tão cansativa!

São “sistemas” de controle que exigem a mobilização de toda a sociedade; e as demandas desse controle superam em muito as capacidades de um único homem.

Em uma monarquia, ele poderia delegar essas tarefas a ministros e se preocupar com outros projetos, mas alguém como Stalin ou Mao realmente não podia fazer isso.

Você deve entender que toda verdadeira grandeza é parasitária em relação à matéria, por exemplo, o cérebro e o sistema nervoso são parasitas do corpo: para que algo bom aconteça, a capacidade do hegemônico deve exceder as demandas feitas sobre ele para atenção, gestão e controle.

A analogia aqui seria um corpo com órgãos inferiores tão grandes e poderosos, suas demandas de controle tão esmagadoras, que o cérebro mal seria capaz de lidar com a tarefa e permaneceria inteiramente a serviço deles, embora governando ou tiranizando-os.

Esse é o tipo de “ditador moderno” que você conhece.

E os tipos de homens atraídos para isso hoje também são bastante diferentes: são o tipo de ideólogo rigoroso que você encontra todos os dias entre aqueles que são “espírito público” e “serviço público”.

É uma espécie de professora agressiva. É um tipo inferior de criatura.

O que estou falando é totalmente diferente de serviço público, mas busca viver como parasita do estado e da substância de suas várias facções, perseguindo

interesses e desejos completamente diferentes.

Eles têm interesses alienígenas aos seus.

No mundo moderno, essa condição não é alcançada por ditadores de estados totalitários, mas por certos outros que descreverei em breve.

Na verdade, os grandes estados totalitários que você conhece não eram tão diferentes dos nossos, ou das “democracias liberais”: vivemos no mesmo tipo de estado, apenas mais próspero, e a maldade do poder é indireta e oculta.

Mas não é menos monstruoso.

Se alguém é livre, certamente não é ninguém que você vê ou conhece.

Nenhum grego de quem falo, em qualquer caso, teria gostado de ser capacho do estado de segurança nacional e industrial e de suas milhares de demandas.

Tais homens viam o prêmio da soberania como um meio... um poleiro de onde poderiam permanecer vigilantes sobre o estado e territórios distantes, e mergulhar como águia pelo prêmio; num único voo, o rei das aves captura sua presa ensanguentada com garras rápidas.

Eles eram verdadeiros artistas: pegue, por exemplo, Periandro de Corinto.

O nome desse homem significa literalmente “super-homem”.

Em nenhum momento de sua vida como rei de Corinto ele conteve sua sede pelos caminhos mais sombrios: diz-se que copulou com sua mãe, que violou o cadáver de sua esposa, e muito pior.

Ele fez todos os garotos da ilha de Corcyra serem castrados.

E, tendo feito tudo isso, ele foi memorializado como um dos Sábios, ou Gênios do mundo antigo.

Filósofo e poeta, escreveu um épico sobre os mistérios da natureza... que se mostravam a ele sozinho nas tardes, quando as longas sombras faziam as margens azul-esverdeadas daqueles mares sussurrarem para ouvidos prontos para ouvir.

Também apoiou a arte e filosofia de outros no estado, mas apenas por uma generosidade descuidada: estive em sua corte, toquei harpa, e ele uma vez jogou uma cortesã bem usada em meu colo com um gesto de desprezo.

É verdade que estabeleceu sua cidade como um grande posto comercial, trazendo grande riqueza.

Também construiu a primeira ferrovia da história — uma forma de transportar mercadorias através do istmo de Corinto; na época, uma grande inovação.

Fez muitas outras coisas... fundou colônias no exterior, construiu templos, repreendeu os nobres e elevou a classe média, mas você deve perdoar esses atos, ou melhor, não interpretá-los mal.

Ele nunca fez nada disso “para o bem”, por dever ou necessidade, mas sim essas ações fluíam daqueles que consideramos vícios, como um tipo de excesso. Tudo vinha de seus instintos de conquistar e expandir o domínio de sua ação.

Nascido para o poder em seu estado, poderia ter escolhido um caminho mediano. Se tivesse desfrutado excessivamente honras... prestígio... segurança. Eram dele para possuir, facilmente. O grande perigo para uma casa passa quando o filho consegue suceder o pai no trono. Mas ele renunciou a tudo isso, realmente sem razão. Escolheu um caminho de aventura, mas... escolheu também um caminho de sofrimento.

Em tudo que fez, havia uma espécie de sofrimento artístico e desgraça grotesca, que parecia querer impor a si mesmo... para tornar a vida interessante, ou para superar até mesmo essa última afronta. Matou sua própria esposa, e sei por quê. Ela estava grávida, e embora ele tivesse copulado com ela, num sonho recebeu a notícia de que durante o ato uma pequena serpente se prendera a seu membro. E que um monstro nasceria.

Depois, diz-se que seu filho foi assassinado pelas mesmas pessoas de Corcyra que Periandro havia tornado sujeitos de seus estranhos experimentos, mas o fizeram porque amavam o jovem. Mas isso é absurdo. A verdadeira razão era que ele estava tentando engravidar todas as mulheres da ilha. Assim, Periandro sonhou que se tornaria progenitor de uma “prole de serpentes”.

Ele via o cargo político apenas como um meio de autossuperação e autoperefeição, como forma de transformar-se em uma obra de arte viva. Dessa atitude veio para os cidadãos muito bem e também muito mal. É de se esperar que tais homens apareçam como monstros para os outros.

Em todo caso, o que fez dificilmente foi o pior. Outro homem que posso citar, um tirano ou rei, como queira, casou as mulheres de seu estado com escravos: por meio dessa inversão de valores, que aprendeu com Platão, garantiu sua infâmia e poder.

Você entende o que significa a *República* de Platão? É uma fórmula para tais homens liberarem sua loucura completa no mundo. Ensina-lhes certos truques para expandir o domínio da luta pela autoperefeição a todas as áreas da vida social. Platão mesmo diz que o desejo secreto de todo grego era tornar-se tirano, e Nietzsche entende toda a grandeza desse povo, sua exploração dos mares e limites do mundo, sua fundação das artes e ciências... tudo isso como apenas uma extensão desse desejo secreto no coração de cada grego nobre.

Era também o desejo secreto no coração dos grandes artistas franceses, e é, simplesmente, o desejo inaprendível por trás de todas as grandes coisas. Se você o tem, não deve de forma alguma contê-lo.

Isso porque a natureza humana é fraca e facilmente desviada, e só quando movida por esse tipo de obsessão monstruosa e focada nas alturas do poder encontra motivação para superar o macaco sujo e mentiroso dentro de nós.

É necessária também certa distância de si mesmo. Um olhar “clínico” sobre si, sobre suas falhas, é exigido para essa mentalidade. Em nosso tempo, isso pode ser alcançado em parte abraçando o espírito da verdadeira ciência, enquanto para o homem da Idade do Bronze era fácil abraçar, porque via os acontecimentos, inclusive os grandes movimentos do espírito, os sentimentos que o perturbavam, como manifestações de vários deuses, pelos quais não era responsável, e que podia julgar e avaliar externamente. Sua visão, contudo, estava correta.

Por isso, quando você vê homens como Periandro, deve entender que sua busca especial não era tentar alcançar o “bem público”, nem um desejo inútil de dominar outros ou exercer vontade para satisfação mesquinha: eles viam os outros como ferramentas ou objetos numa missão de autossuperação.

Tentava transformar-se em obra de arte, sua vida em uma reencenação dos grandes movimentos das estrelas, ou das paixões secretas dos deuses. Da mesma forma que o estado grego em geral foi concebido como obra de arte pelos cidadãos.

Periandro entendia sua posição como rei apenas como mais um meio: aqui a ciência, aqui a arte poderiam ser livres de todos os limites e governar sem impedimentos, embarcando em grandes experimentos.

E ainda assim, de tudo isso você vê algo muito estranho... O desejo secreto de todo grego... a mentalidade da Idade do Bronze... era ser adorado como um deus! Esse é o alvo secreto a que essa sede sem limites de poder mira!

Há muitos outros exemplos. Entre os espartanos, encontra-se o grande general Lisandro. Transformou os espartanos de potência terrestre em grande marinha, derrotou os atenienses e encerrou a Guerra do Peloponeso: depois, viajou de cidade em cidade como libertador, em grande turnê de auto-glorificação. Foi o primeiro a ser adorado como deus nos altares.

Procurou isso a vida inteira, e era o prêmio de suas vitórias.
Havia outro homem improvável, Brasidas, general espartano de uma geração antes de Lisandro, de caráter muito incomum.
Libertou muitas cidades por sua força de personalidade e pelo carisma mágico que emanava de seu corpo.

Espartano, homem de batalha e da ciência da guerra, conseguiu vencer também por persuasão e palavra: só tal homem, com desprezo pelas palavras, pode realmente entender para que a fala serve.
Era do tipo que, quando encurralado, o espírito forte nele se ergue como javali selvagem que ruge no peito quando cercado por caçadores, e investe para matar.

Da mesma forma, Brasidas se destacou ao aliviar cidades sitiadas.
Morreu a morte mais gloriosa, no meio de batalha vitoriosa, quando avançou para o centro do inimigo com sua guarda de elite.
Foi adorado como deus depois na cidade de Anfípolis.

Não é surpresa que homens desse tipo saiam de Esparta: o lugar que fez as demandas mais severas a si mesmo produziu também os mais brilhantes.
Eles se tornaram fora da lei e impuseram facilmente a intensidade de seu carisma mágico aos estrangeiros.
O verdadeiro poder não exige esforço: atrai todos ao redor como um campo de força.
O poder de caráter e do corpo atrai outros em órbita como por magia.

Na *Iliada*, você vê os maiores guerreiros se erguerem para lutar até mesmo contra os deuses.

Quando Diomedes está prestes a entrar em sua grande fúria, Atena, a de olhos brancos, aparece para ele e sussurra em seu ouvido.

Ela lhe lembra das grandes façanhas de seu pai e insufla força em seu peito: diz para avançar sem medo entre a multidão inimiga em sua carruagem e, nesse estado exaltado, afasta de seus olhos o véu que antes ocultava os deuses.

Ela lhe diz que, se aquela meretriz Afrodite aparecer, ele tem o poder de feri-la.

E Diomedes faz isso sem nenhum medo!

Mesmo a deusa do amor é derrubada diante da força despertada de um guerreiro em fúria.

Aquiles, também em seu grande momento, repreende o deus-rio e o faz submeter-se.

Isso reflete uma grande verdade: nesse estado de espírito exaltado, o homem verdadeiro recebe o dom da percepção ampliada e consegue ver coisas que os outros não veem.

Isso é o que se quer dizer quando se afirma que o gênio vê o mesmo mundo que nós, mas nele enxerga coisas que não podemos, assim como vemos coisas que um cão ou uma formiga não conseguem.

De fato, o tempo em si muda completamente quando a vontade se eleva a essa altura: o guerreiro, de certa forma, pode ser dito que se ergue fora do fluxo de eventos em que somos mantidos como prisioneiros.

Nesse estado, ele aparece amplificado, ungido, e outros que não têm acesso às mesmas coisas começam a orbitar ao seu redor, física e espiritualmente: na Bíblia, também se vê, no meio da batalha por Jerusalém, que “a Casa de Davi será como Deus, como o anjo do Senhor” diante de muitos, que se submetem em reverência a esse grande dom.

Da mesma forma, em seus momentos de grande glória, Atena acende no pescoço, cabeça e ombros dos guerreiros um grande fogo visível de longe.

Ela faz isso por Diomedes e Aquiles quando eles liberam sua força em fúria selvagem: uma grande fogueira explode sobre seus corpos e atrás deles.

Esse é o poder irresistível do carisma e da força que atrai todos como se fosse magia: para o homem isso não é menos verdadeiro do que para aves migratórias em missão, para matilhas de lobos em caçada, para colmeias de abelhas; em todos os casos, os muitos começam a orbitar ao redor do hegemônico ungido como por magia. É uma compulsão biológica, e um grande bem.

E você deve entender uma coisa: o fim da missão de Aquiles foi a destruição total da cidade de Troia, o fogo derretendo os tijolos de suas ruas, seus homens mortos, suas mulheres e crianças vendidas como escravas.

Isso era considerado direito dos conquistadores ao longo da história do mundo grego, ou pelo menos durante seu período vital de ascensão.

Assim, esse povo mais humano e refinado da antiguidade achava absolutamente necessário satisfazer, mesmo que com horror, o instinto predatório e lupino do homem.

Somente a guerra trazia rejuvenescimento à sua natureza.

Quando Alexandre arrasta os corpos dos governantes de Tiro para fora dos muros da cidade em sua carruagem e circula a cidade, ele copia o que Aquiles fez a Heitor quando a cidade de Troia foi aniquilada.

Nietzsche vê nisso um excesso, algo lamentável... mas eu digo, ele quer dizer outra coisa.

Quando a cidade é destruída, seus deuses são destruídos: você deve lembrar que cada cidade tinha deuses tutelares e espíritos protetores.

Os romanos, antes de conquistar uma nova cidade, prometiam aos deuses daquela cidade que os honrariam e respeitariam dez vezes mais do que os habitantes.

Quando uma cidade ou cultura é destruída, os deuses são destruídos com ela.

A destruição das cidades pelo fogo, que os maiores guerreiros da antiguidade assumiam, era uma forma de guerra divina.

E isso só era possível porque tais homens também sabiam ouvir a voz dos deuses e se deixavam possuir totalmente por uma loucura divina.

Isso lhes dava força sobre-humana e atraía outros para seus planos por instinto.

Essa entrega à natureza e ao instinto — este é o modo da Idade do Bronze!

E você também pode aprender a cultivar essa psicose exaltada dentro de si.

Não vejo razão para que, se devem ocorrer epidemias de todos os tipos de doenças, o mesmo não possa ser verdade para o que chamamos de “doença mental”.

E você vê repetições disso ao longo da história e até hoje: entre primitivos no Sudão, quando se deixam possuir pelo medo de que judeus errantes espalhem bananas que modificam o pênis, ou que apertos de mão possam destruir seus genitais, ou coisas semelhantes.

É engraçado, mas em todas as erupções desse tipo de superstição vejo um significado divino e grande potencial.

Na Europa havia a mania chamada Dança de São Vito, e na Grécia antiga os cultos de Dionísio espalhavam a loucura das ménades, transformando mulheres em vorazes, canibais.

Digo isso de maneira “sex-positiva”!

Acredito que qualquer criança nascida desses excessos provavelmente será abençoada, porque aqui o gênio da espécie pode fazer escolhas sem qualquer interferência.

Isso não é um endosso a nada de nosso tempo: não existe nada assim atualmente, é apenas encenação.

Você foi abandonado pelos deuses.

Somente uma orgia global de fogo despertará seu apetite pelo retorno.

Você zomba dos imperadores romanos “decadentes”?

Nas histórias horríveis de Suetônio, você encontra o protótipo da “monarquia fora de controle”, de imperadores loucos que usam a posição apenas para satisfazer desejos arcanos e criminosos.

Não escrevo para defender tais coisas, mas a condenação não é moral — como poderia ser, quando minha reação ao ler os excessos de Calígula, Nero ou Tibério é sentir grande perda, ou inveja do que poderiam fazer e eu não posso?

Calígula teve a ideia genial de formar uma longa linha de navios no mar, colocar plataformas sobre eles, preenchê-las com terra, para cumprir uma profecia de caminhar sobre a água entre dois pontos.

Reuniu o exército na costa voltada para a Britânia e ordenou que, em vez de invadir, coletassem conchas do mar.

Chamou isso de grande saque para o povo romano e o Senado, e jogou algumas moedas aos soldados dizendo: “Vão felizes! Vão ricos!”

Ele capturou dois gauleses, mas os fantasiou para parecerem teutões e encenou uma “caçada” obviamente transparente para fingir que os havia capturado diante dos soldados.

Todos riram e reviraram os olhos, com certeza.

Mas ele estava absorvido na história de sua própria divindade.

Em Roma, costumava trancar o Coliseu nas horas mais quentes e recolher as tendas para que o povo sofresse com o calor, e gestantes não pudessem sair.

Às vezes substituía os shows de gladiadores por lutas patéticas entre aleijados e animais deformados; trancava os celeiros para deixar o povo passar fome sem motivo algum.

Era o maior troll de todos os tempos.

Quando os judeus de Alexandria vinham reclamar da guerra civil na cidade, ele ignorava os apelos e perguntava por que não comiam porco.

Olhe para Elagábalo: essa tendência levada ao extremo.

Esse homem era um imperador-armadilha, pediu aos médicos que fizessem uma operação de mudança de sexo.

Acredita-se que fosse devoto de Cibele e, como os sacerdotes insanos desse culto... queria se castrar.

Em vez disso, tornou-se prostituto no palácio, exibindo-se publicamente sobre quanto ganhava.

Commodus tornou-se gladiador e se orgulhava de seu manejo da espada, embora tais coisas não sejam tão estranhas em nosso tempo — e devem ser celebradas! Nero foi pioneiro do casamento gay: a primeira vez como noivo, a segunda como noiva; fazia os antigos senadores ouvirem enquanto imitava os sons de uma jovem esposa sendo desflorada atrás das portas.

De todas suas façanhas, achei mais fascinante quando vestiu uma máscara de leão e, tendo amarrado vários homens e mulheres nus em sua mansão na ilha, atacou-os com a fúria de uma besta, mordendo corpos e genitais em frenesi.

Não celebro nada disso, mas penso que, quando em nossa era elites são acusadas de comportamentos semelhantes... isso não está certo.

Nós nos lisonjeamos. Queremos pensar que são mais interessantes do que realmente são... é mais fácil imaginar que somos governados por demônios do que por incompetentes que normalmente estariam vendendo peixe defumado ou administrando bares de vodka fora de Minsk.

Não queremos admitir que somos tão medíocres em vícios e desvios quanto em grandeza, e pelas mesmas razões.

Vemos essas “elites” antigas sendo presas, e quase sempre por algo ao nível de um show de macacos, masturbação em cinema pornô, exibicionismo, expondo armas de destruição em massa a empregadas.

É difícil entender o que se passa nesse tipo de “decadência”, mas é diferente dos excessos dos piores imperadores romanos, que mesmo quando transgêneros pareciam mais masculinos e corajosos que nossos perversos.

Penso se não seria possível enxergar a história de modo totalmente diferente: tudo o que pensamos hoje é do ponto de vista do povo, e a narrativa é sobre progresso ou retrocesso em relação a eles; ou, no máximo, como ciência, higiene, tecnologia, responsabilidade moral, igualdade ou desigualdade avançam ou não.

Mas a história pareceria muito diferente se vista pelo olhar de um conhecedor de espécimes superiores, julgando-os como bois ou garanhões premiados.

Nesse caso, você descartaria os tipos de aberrações como os imperadores mencionados, julgando-os defeituosos... mas por razões totalmente diferentes.

Aprenderia a ver a história sob a perspectiva da vida e da biologia... como um grande bestiário... e descobriria o necessário em nosso tempo para abrir caminho aos trópicos e selvas perdidos... o lar dos deuses... que pode retornar... e retornar...

Sempre amei as estátuas dos **kouroi**.

Posso afirmar com segurança que, ao contemplar sozinho uma dessas estátuas por três horas (alguém me deixou entrar sozinho no museu), consegui ejacular sem tocar em mim mesmo.

Mas não tive pensamentos sujos ou indevidos durante todo o tempo.

Essa experiência me fez refletir... se é possível ejacular sem tocar, seria possível também se matar pela própria vontade, da mesma forma, sem fazer nada?

Os kouroi têm longa história, você talvez já tenha ouvido. Inicialmente, foram copiados de modelos egípcios, mas se tornaram muito mais realistas nas mãos dos artesãos dos gregos arcaicos, também mais robustos e musculosos.

A pose ainda é estilizada e o sorriso que possuem é enigmático, quase como se você sentisse que poderiam esmagar uma pedra em sua cabeça ou atravessar seu esterno com lâmina de ferro, mantendo aquele sorriso pétreo, quase autista, olhando nos seus olhos.

Dois irmãos desse tipo tiveram que carregar a mãe para uma festa religiosa. É a história de **Cléobis e Biton**, gêmeos. Ela não podia chegar sozinha, então eles a carregaram em uma espécie de liteira, subindo com força os degraus do templo. Chegaram a tempo da procissão sagrada, mas ambos morreram devido ao grande esforço.

Heródoto diz que **Solon** contou essa história a **Creso da Lídia**, um dos primeiros reis autocráticos que conhecemos na história. Creso conquistou seu estado pela força, com a ajuda de guerreiros de elite, e foi quem criou as primeiras moedas para pagar seus mercenários. Governou sem limites e seguiu o caminho do poder, inspirando muitos a ações semelhantes.

Mas Solon, o sábio pai fundador de Atenas, famoso legislador, foi visitá-lo. Creso pediu que ele contasse sobre pessoas que viveram vidas felizes, e Solon contou a história dos irmãos.

A narrativa completa diz que, depois que os gêmeos realizaram o grande feito e entregaram a mãe a tempo da festa sagrada, ela pediu à deusa Hera, a quem era devota, uma grande recompensa.

A deusa concedeu que os filhos gêmeos deitassem no templo para um sono profundo, sem jamais acordar.

Essa é a ideia grega... de vida feliz.

Essa história confundiu Creso e provavelmente te confunde.

É estranho ver até onde os gregos levaram a compreensão estética da vida e do mundo.

Não há lição moral aqui. Qualquer moral, por exemplo sobre dever para com os pais ou a tradição, poderia ser contada de outra forma.

O incomum aqui é o desfecho.

Há apenas biologia: é melhor que o fim e o ápice coincidam.

Uma bela morte no momento certo é a única chave para compreender uma vida, seu único “significado” oculto.

Morrer após grande feito para a glória da cidade, da família e dos deuses é uma bela morte, mas é ainda maior morrer na própria juventude, no auge de suas forças e do ápice de seu poder.

Uma bela morte na juventude é grandiosa: deixar um corpo belo, e o melhor estudo dessa busca se encontra nos romances de **Mishima**, verdadeiro conhecedor.

O príncipe cristão mais glamoroso para mim sempre foi Conradino, Rei dos Romanos e Rei de Jerusalém. Ele foi injustamente morto na Itália pelo usurpador Carlos de Anjou com a contrivência de um Papa corrupto. Vinha de uma família ilustre. Seu avô foi o imperador Frederico II Hohenstaufen, chamado Stupor Mundi e celebrado por Nietzsche. Sua beleza era dita resplandecente, como a de seu meio-irmão Manfred, que mantinha grande parte da Itália pela força do carisma e das armas enquanto Conradino ainda era apenas um menino. Ao atingir treze ou quatorze anos, Conradino partiu com seus poucos, porém poderosos cavaleiros para reconquistar seu trono legítimo em Roma.

Ele derrotou o usurpador e entrou na cidade. Montando à frente de sua coluna de cavaleiros em plena armadura, com as bandeiras imperiais erguidas — foi um dia glorioso, e todo o povo saiu às ruas para saudar seu amado libertador e cobriu o cortejo com flores. A manifestação de amor por esse garoto foi algo que não se via desde a era do Império, e isso alarmou o Papa e todos os prelados escleróticos tanto quanto seu avô havia feito, se não mais.

Conradino tinha apenas treze ou quatorze anos, mas recusou todas as ordens de esperar e nunca ouviu os conselhos tímidos de seus assessores que tentavam contê-lo em seu auge. Ele entrou em Roma como conquistador do mundo. Depois, vieram desastres: seu exército perdeu uma grande batalha no sul, apesar de uma primeira investida bem-sucedida, principalmente devido à inadequação de alguns auxiliares. Foi capturado por traição, e então Carlos de Anjou, com a ajuda de juristas corruptos, encontrou um pretexto legal para julgá-lo e decapitá-lo junto a um amigo.

Você poderia pensar que isso foi muito ruim, e certamente teria sido melhor morrer no meio da batalha, mas muito pode ser desculpado pela sua juventude. E deve-se dizer que ele nunca se comprometeu ou implorou por sua vida. Sua execução foi tão absurda e injusta que desacreditou permanentemente Carlos de Anjou, o usurpador, e também desmoralizou esse tipo de “legalismo” papal que deve soar familiar hoje. Mais ainda, desacreditou a própria Papado agressivo que promoveu um homem que os povos da Sicília e da Itália — assim como da maior parte dos estados alemães — viam como arrogante, quase autista e injusto.

Carlos sempre foi movido pelo ódio nascido de ser desprezado na juventude por sua mãe e outros parentes. Ele era um homem movido por desejo esclerótico de poder e ambições grosseiras, enquanto Conradino era carregado pelo carisma nativo de sua família, por sua beleza, coragem despreocupada. Ele avançava para o trono mundial confiando ingenuamente em seu próprio glamour. Saiba que, apesar de toda força, traição e artifícios, todas as sanções e honras públicas, o povo não se deixa

enganar: reconhece o verdadeiro homem de poder e distingue-o do usurpador deformado. A execução de Conradino foi lamentada por toda a Alemanha e grande parte da Itália.

Os “robôs” que governam nosso mundo também desejam ser amados ou temidos, e tremem porque o povo não os respeita. Eles também, as nações do nosso tempo, buscam o retorno da juventude, de um Conradino. Para os povos da época, sua história representava a promessa da juventude, da beleza e da pureza de intenções extirpadas pelos velhos e feios. Ao fim, a memória do jovem príncipe foi vitoriosa. Não muito depois, os povos da Sicília conspiraram com a Casa de Aragão, parentes de Conradino, e destruíram o poder de Carlos em uma revolta. Isso marcou o fim da ideia de “monarquia universal” pelo Papado... e o início da consciência nacional na Europa.

A memória de Conradino foi valorizada como promessa de beleza e juventude, memorializada em épicos e poesias, que rejuveneceram os povos da Europa e os despertaram. Embora tenha morrido sem alcançar seu objetivo, morreu como mártir da Europa contra a Ásia, e inspirou o nascimento do novo estado — trampolim para a conquista mundial que viria na era da exploração e colonização. O Cristianismo é uma fé versátil, capaz de muitas interpretações. Acredito que Conradino foi o príncipe mais cristão, mas também poderia muito bem ter sido o avatar renovado de Apolo na Europa, evocando memórias antigas. Foi o espírito de fogo e juventude renovando os povos através de seu poder magnético e pelo sacrifício de seu sangue. Em momentos de torpor, podemos sempre retornar a esse espírito dos antigos gregos como um tônico.

Cruzados como Cortés e Pizarro, Fernando de Soto, Drake e Raleigh, Magalhães e Balboa igualam em ousadia, inteligência, grandeza de espírito, engenhosidade e feitos qualquer um dos grandes homens dos gregos e romanos. A história da era heroica da exploração ainda precisa ser contada por completo, e talvez um de vocês, um dia, escreva um grande livro ou faça grandes filmes. Digo também agora: para aqueles que desejam fazer a diferença e têm algum talento artístico ou visual, o cinema é a chave dourada para as mentes das massas. O que Mel Gibson faz vale por mil livros ou “ativismos” do seu lado. Aprendam a fazer filmes, se puderem, e podem começar com vídeos.

De qualquer forma, há apenas um grande épico que conta a história de forma adequada: o grande poema de Camões, um homem nascido para a pirataria e a alta aventura. Este homem perdeu um olho na guerra em Ceuta contra os mouros; depois viveu como brigão e vagabundo na Lisboa imperial, entrando em duelos e brigas um atrás do outro, compondo poesia, embriagando-se. Sua mãe o salvou da prisão, mas ele foi recrutado para o serviço na marinha e exército coloniais. Chegou a Goa e, de lá, participou de muitas aventuras militares e diplomáticas, como um homem de baixa patente, mas de alto espírito. Durante tudo isso, escreveu seu grande poema “Os Lusíadas”, e quando naufragou no Mekong com sua namorada chinesa, salvou o texto acima da cabeça para protegê-lo da água.

Hoje, ninguém mais o lê, e sua vida daria um grande filme. Mas ele está certo: as viagens desses novos cruzados igualam qualquer grande expedição, até mesmo dos mitos e lendas do passado. Aqui temos a Argo de Jasão recriada, e não apenas uma vez, mas em todas as nações do Ocidente. A glória da Inglaterra durante esses anos talvez nunca seja igualada por qualquer outro povo. Até os reis de Portugal, que iniciaram a era da colonização e exploração, tinham sangue inglês. A inquietude gótica das estepes vibrava nos senhores da Ibéria com energia titânica.

Antes da grande viagem de Vasco da Gama ao Oriente, espiões — e falo de apenas um ou dois homens — partiram sozinhos em expedições pelo Egito e pelo Mar Vermelho, no coração da Arábia, disfarçados, para coletar informações cruciais para a expedição que viria. Ancorados nas praias da grande massa euroasiática, esses homens, em apenas cem anos, passaram de navegar alguns quase-balsas que mal conheciam, a exploradores de novos mundos e fundadores de impérios globais que duraram séculos. Você deve entender o quão incrível foi essa façanha: não havia tradição de navegação em Portugal ou Espanha, quanto mais na França ou Inglaterra... tudo teve que ser feito do zero.

Você sabe o que é respeitar o mar? Se já viajou em um ferry, mesmo relativamente calmo como o Adriático, em um dia de vento, uma grande balsa moderna, do tamanho de um quarteirão, balança para os lados. Você não está acostumado. O Atlântico tem ondas de três metros ou mais como norma, e esses homens viajavam em navios de madeira com tecnologia do século XV; é loucura não ter temor disso.

E ainda assim, ele chegou à Índia, encontrou especiarias, encontrou macacos, fez o Zamorim submeter-se com grandes canhões. Seus investidores lucraram milhares por cento. Apenas sete anos depois, outro conquistador, Almeida, retornou com uma grande armada que espalhou destruição pelo Oceano Índico. Ele queimou Mombaça, mesmo estando em menor número, devido à arrogância dos governantes árabes — imagine o fedor que se espalhou até o Japão! Este homem derrotou uma enorme armada de otomanos, árabes e mamelucos na Batalha de Diu, para vingar a morte de seu filho: e este foi um momento histórico. O espaço mesmo no mundo mudou.

As grandes rotas terrestres de comércio foram agora contornadas pelas nações marítimas da Europa Ocidental, que dali em diante começaram a dominar o Oceano Índico e o Pacífico. Você entende que a América também tinha um grande destino neste projeto? Quando os colonos fundaram Jamestown, digamos, passaram apenas duzentos ou duzentos e cinquenta anos desde esse ato até o tempo do Comodoro Perry: o povo americano dominou o continente e avançou para a Ásia através dos mares rapidamente. Isso teria acontecido ainda mais rápido se não fossem retardados pelo domínio da Inglaterra... uma vez independentes, sua expansão foi veloz (a Constituição, a ideologia, a doutrina dos direitos, é tudo bobagem e pouco teve a ver com isso... durou mal até mesmo durante a vida dos fundadores da América, que buscavam apenas domínio e liberdade de espaço para expandir).

O grande destino da América sempre foi a conquista do Extremo Oriente e a dominação da China, algo que obcecou as mentes mais brilhantes da época. Tudo isso agora foi esquecido, e o grande destino da América foi frustrado — ao menos por enquanto.

O que você sabe, então, sobre homens como estes, ou sobre Afonso de Albuquerque, que seguiu Almeida, capturou Hormuz e Mascate com sete navios e abriu o caminho para as lendárias Ilhas das Especiarias? Prefiro, como de costume, não falar desses homens: estão tão longe de suas possibilidades que seu exemplo é quase deprimente. Quero, novamente, encorajá-lo com alguém dessa era, um homem mais ao meu gosto, e mais dentro do que é possível, do que está prestes a se tornar possível novamente.

Este é o brilhante braço-direito de Cortés, Pedro de Alvarado. Era de família cavaleiresca do sul da Espanha, mas tinha cabelos ruivo-claros, o que maravilhou os

Mexicas: acreditavam que ele era filho do Sol, e o chamaram Tonatiuh, a juba do sol. Tinha coragem ilimitada, despreocupação e também crueldade sem limites. Cortés deixou-o temporariamente no comando de Tenochtitlan, onde massacrou todos os nobres astecas no Grande Templo durante um banquete... sem motivo algum.

Durante as batalhas, destacou-se por cargas insanas no meio do inimigo, superado em número por centenas de vezes, mas nunca perdeu o ânimo; ia direto aos seus líderes decorados de flores e os derrubava, espalhando medo entre a multidão. Não acredite nas mentiras sobre pólvora. As armas eram muito básicas na época, e em muitas ocasiões os espanhóis sequer possuíam armas de fogo. A armadura, as lanças, as lâminas de aço de Toledo, a disciplina e o conhecimento adquiridos em décadas de luta contra os mouros — tudo isso era muito mais importante. E, acima de tudo, a coragem e ousadia, a mesma que levou Pizarro a derrubar um império com um contingente de treze homens.

O que quero dizer sobre Alvarado é isto: uma vez conquistados territórios, ele jamais parou. Sua sede por espaço, novos mundos e novas conquistas era sem fim. Em suas cartas, vê-se que este é seu único interesse. Embora feito governador de uma vasta região — os atuais estados de Guatemala e Honduras, estas são suas criações —, não demonstrou qualquer interesse em governá-los. Tirava deles o máximo de dinheiro possível, nunca pagando impostos à Espanha, sempre planejando novas aventuras e conquistas. Este homem era um pirata nato: pouco antes de sua morte, planejava uma grande expedição para conquistar a China e as Ilhas das Especiarias. Alvarado foi um algoz da civilização, e isso é justo e bom. Deus envia tais homens para castigar a humanidade. Quero que você seja assim: ouvir esses instintos em si.

Quando foi colocado à frente de territórios, Alvarado poderia muito facilmente ter se estabelecido como governador; a maioria dos homens o faria. Seduzidos pelo prestígio e honra, cumpririam o papel: a vaidade os enganaria, fazendo crer que poderiam governar bem. Talvez você consiga governar bem, ou talvez não. Mas Alvarado sabia quem era. E nunca tentou ser mais do que aquilo que era. Seja uma coisa. A pureza de propósito único é a verdadeira masculinidade. Ele sabia que era uma fera predadora nata, e nunca fingiu ser mais ou menos do que isso.

Esse senso seguro de si mesmo o tornou insanamente atraente, mesmo para os nativos que oprimiu e massacrou: apesar da crueldade, não podiam deixar de se sentir atraídos por seu charme, sua postura elevada, sua magnificência escandalosa. O adoravam como a um deus. Os outros espanhóis também estavam em reverência. Você deve ver que a natureza abençoa todos os homens que têm fé em seu próprio sangue e instintos... a natureza lhes concede magnetismo extraordinário. Alvarado é o avatar de nossa nova era, e prevejo isto: em cinquenta anos, cem Alvarados

florescerão do profundo bestiário tropical do espírito. Eles varrerão a fraqueza deste mundo.

62

Bob Denard mostra que o espírito do pirata da Idade do Bronze pode existir também em nossa época. Ele pode florescer completo e sem edições. Você não tem desculpa! Este homem talvez não seja o que você espera. Quão diferente ele é dos burocratas pretensiosos que vemos, dos políticos com sua linguagem rebuscada, seus enfadonhos sermões morais, seu cuidadoso posicionamento, timidez e a rotina à qual se submetem. Homens que abraçam princípios morais elevados em público geralmente são desprezados por muitas pessoas comuns; elas percebem a falsidade à distância.

Ele começou como soldado comum com os franceses no Vietnã, mas foi julgado por um tribunal militar depois de incendiar um bar — parte de uma disputa, entende? Alguns homens surtam escrevendo uma reclamação, outros se metendo em brigas de bar, outros queimando o prédio. Depois disso, ele vagou pela África, encontrando trabalhos esporádicos a serviço de nababos e potentados locais, todos completamente corruptos e incompetentes. Ele disse uma vez algo como: “É importante nunca ser ‘ambicioso’. Homens de ‘ambição’ são perdedores. Aja e sintasse como um vencedor, e coisas boas, amigos e vitórias virão.”

Ele participou de aventuras por toda a África: golpes em Benin, no Congo, movimentos separatistas como em Biafra (a influência francesa sobre a Nigéria inglesa) e assim por diante. Sua maior façanha foi derrubar o governo das Comores quatro vezes. Cada vez, a França teve que enviar forças especiais às ilhas para expulsá-lo. Caso contrário, ele certamente teria se tornado um governante hereditário. Teve muitas esposas e conquistou muitas propriedades pelo poder de sua mão. No fim da vida... bem... essa vida durou tempo demais. Ele deveria ter morrido defendendo seu território, mais jovem, sem mergulhar na demência e dor que o levaram na velhice. A França retribuiu seu serviço com perseguição; não mais necessário para lutar contra comunistas na África, sua vaidade e ferocidade tornaram-se um passivo.

Agora, se você precisa de grande elevação moral, se a guerra deve estar a serviço de uma boa causa, pode considerar seu serviço no Congo, em Katanga e depois contra os rebeldes Simba. Em Stanleyville, ele, junto a apenas alguns outros mercenários brancos, libertou milhares de reféns de estupro e massacre certo nas mãos dos selvagens Simbas. De muitas maneiras, ele defendeu os restos da civilização que

ainda permaneciam na África após a descolonização. Nesta última missão, foi acompanhado por um homem de temperamento semelhante, o Coronel “Mad Mike” Hoare. Este é outro grande exemplo do renascimento moderno do vitalismo da Idade do Bronze.

E outro exemplo de por que você é um fracote. Um dândi irlandês-inglês, ele era um cavalheiro entre soldados, mas um homem antes de ser cavalheiro: manteve-se ao longo da vida focado, brutal e frio no meio de conflitos onde estava em desvantagem de milhares para um, cercado pelas hordas zumbis dementes dos trópicos. Este homem entendia o comunismo pelo que era: a infestação de vermes que ele tinha a missão de exterminar, um evento biológico, não ideológico, político ou histórico.

Após a guerra na Birmânia, ele trabalhou em safáris e, como Denard, ganhou experiência a serviço de vários governos africanos. Liderou uma unidade de elite de mercenários no Congo, e na mesma operação que Denard, foi responsável por libertar Stanleyville e salvar cem freiras e missionários de estupro e tortura. Depois disso, liderou muitas missões na África, uma nova fronteira. Posteriormente, envolveu-se em um golpe abortado nas Seychelles. O fracasso não é desonroso, desde que você esteja fazendo uma grande aposta por grandes ganhos. Não é certo julgar tais homens pela “justiça” de sua causa.

Alguns de vocês, nerds e quase toda a classe meio-educada, pensam que quando Nietzsche fala de “além do bem e do mal” ele está propondo que não há possibilidade de avaliar homens ou eventos. A moralidade é necessidade absoluta para o povo. Há outra moralidade, que revela uma hierarquia biológica. Do mesmo modo, um padrão diferente se aplica aos humanos comuns, e outro aos verdadeiros homens que estão dispostos a viver no perigo e que não se importam com suas vidas animais. Homens como Denard e Hoare são uma grande tentativa da própria natureza: mostram que mesmo em nossa era há homens que desejam inscrever suas vontades em bronze para as eras, que querem que suas criações terríveis perdurem por séculos. Devem ser julgados pelo que estavam dispostos a arriscar em espírito — e também pela corrida sem igual que devem ter sentido dentro de si ao perseguirem seus altos objetivos.

Mesmo há poucos anos, o filho de Margaret Thatcher, Mark, recebeu uma sentença na África do Sul em 2005 por uma tentativa de golpe na Guiné Equatorial. Ele foi denunciado e preso no aeroporto. Você deve entender que os pequenos cretinos intrometidos que comandam o Ocidente sempre interrompem grandes planos e ações. Eles acabaram com muitas aventuras promissoras por sua intromissão... são delatores, sempre observando, nunca dormindo, sempre

sussurrando. Homens valentes, que vivem sob o signo do leão, são parados antes de agir. Um caminho diferente é necessário.

Mas quero dizer: não se engane, mesmo em nossa época existem homens de caráter adamantino, que lutam como Capaneu diante de Tebas, prontos nus com fogo no braço para queimar a cidade. Eles aparecem ora como vilões, ora como heróis para o povo, mas você deve aprender a esquecer apenas o desejo do povo e ansiar viver perigosamente e realizar grandes feitos, para o bem ou para o mal. O perigo de nosso tempo não é que ele torne as pessoas más, mas que torna tudo pequeno e medroso.

Neall Ellis, em seu confiável helicóptero Mi-24 Hind, conteve sozinho os rebeldes na guerra civil de Serra Leoa e salvou inúmeras vidas. Há pouco glamour em seu trabalho, e no fim isso pouco importou; mas em seu fiel Hind voador ele deve ter se sentido como uma besta de rapina mergulhando sobre o inimigo. Trabalhou para a empresa Executive Outcomes — um nome que poderia parecer uma consultoria de segunda linha num parque empresarial. Mas era uma companhia de mercenários que acabou com a guerra civil em Serra Leoa e ameaçou estabelecer uma nova ordem em toda a África. Por isso, foram detidos pela ONU, por gangues de advogados e financiadores internacionais que temem o poder dos novos Povos do Mar.

Por quanto tempo poderão impedir tais homens de alcançar seu destino? Na guerra da Rodésia, você tinha companhias de poucos fazendeiros brancos, criados no mato, que emboscavam exércitos do Zâmbia e Moçambique com milhares de homens. Eles atacavam sorrateiramente, infligiam baixas terríveis e escapavam ilesos. Muitas histórias assim: procure pelo ataque de Nyadzonya. O potencial para aventuras e conquistas como o homem europeu raramente experimentou no passado ainda existe, e não tenho dúvida de que nos próximos anos tais oportunidades se tornarão cada vez mais frequentes.

O grande Leviatã vacilará, cedo ou tarde. A era de barbárie que vem não será, como tantos de vocês urbanos temem, dos gângsteres e hordas sujas dos esgotos do mundo, mas de veteranos de classe média e trabalhadora, homens com experiência militar, que sabem atirar e organizar. Os tolos que acham que os oligarcas conseguirão controlar esses homens por muito tempo devem olhar para a sorte dos Sforza e muitos outros, e lembrar que dinheiro não é páreo para a força das armas combinada com o charme.

Quando Theodore Roosevelt tinha, penso, quase setenta anos, foi em expedição à Amazônia, então ainda em grande parte inexplorada: chamou-a de última chance de ser menino. Esta expedição levou à sua morte; e foi uma boa morte. Seguiu os passos de homens de poder como Lope de Aguirre... e nunca perdeu o desejo em seu coração pelo Eldorado.

Parte Quatro: Algumas Flechas

63

Dar “liberdade” às mulheres — uma impossibilidade.

Com a libertação das mulheres no século XIX, o Ocidente deu a si mesmo uma infecção da qual não pode se recuperar sem as convulsões mais terríveis e as medidas purgativas mais radicais.

O que a “liberdade” das mulheres significa na prática é a dominação da humanidade pelos demagogos, que podem reunir as camadas mais baixas do espírito.

Porque não existe mundo em que “as mulheres” possam agir como uma unidade política.

A libertação das mulheres significa liberdade e poder para financistas, advogados, fornecedores de confortos dentro e fora do governo, patrões que prostituem sua esposa e filhas.

Foi o maior enfraquecimento e autossabotagem que uma civilização já impôs a si mesma.

Mas, no fim, isso é tão diferente assim da democracia em si?

Sim... porque a “libertação” das mulheres transforma a democracia em uma doença terminal... uma que não apenas põe fim a um governo particular, mas à própria civilização.

Se você se pergunta como a humanidade caiu dos grandes tempos da Renascença e da era das explorações até nossos tempos de mediocridade e repressão...

Só posso lhe dizer isto: nossa era é a norma na história.

São necessários grandes esforços e muita sorte para superar o macaco sujo e o rato dentro de nós.

A maioria da humanidade nunca deixou o regime da deformidade, e não é surpresa que esse pântano esteja voltando.

É apenas um retorno ao normal.

Dito isso, parece haver algo especialmente ameaçador nos desenvolvimentos de nossa época: a onipresença desse Leviatã, a impossibilidade de escapar dele.

Onde quer que você possa se tornar um eremita, é lembrado dele; ele invade tudo.

E assim, o próprio sucesso dos grandes homens de quatrocentos anos atrás — sua fundação de um novo mundo, a grande expansão do conhecimento e do saber humano — acabou preparando o palco para nosso mundo de lixo.

Eles tiveram mais sucesso do que poderiam esperar, e esse sucesso foi o que permitiu a proliferação dos tipos mais baixos da humanidade.

Na natureza, a parte vital da humanidade governaria e, no início de muitas sociedades, é isso que acontece: fraternidades militares de homens governam, e a força física, assim como a força de personalidade, o carisma, atraem os demais para a órbita daqueles que os possuem no mais alto grau.

Tudo isso se dá por uma atração natural e secreta, por instinto.

Há uma magia no carisma que faz isso, e a organização militar-monárquica, o governo do chefe de guerra, nasce do desejo disso presente na natureza de todos, não de reflexão e abstração.

Infelizmente, algumas coisas conspiram para pôr fim a essa condição original da humanidade, que em si mesma não é nenhum paraíso e é cheia de conflitos, sofrimento e problemas.

Essas coisas são, antes de tudo, o próprio sucesso desses homens em garantir as condições de vida e conforto para o resto da comunidade.

Segundo, a ascensão, dentro dessa paz, do sacerdote, do xamã, do conspirador e da matriarca, que lentamente usurpam o poder das fraternidades de jovens e de seus capitães.

Espinosa explica a corrupção do povo judeu exatamente dessa forma: a “República” hebraica era, de fato, um regime militar do tipo que descrevo aqui, um governo dos capitães.

Mas os sacerdotes tomaram esse poder e corromperam a nação para a fraqueza.

De modo semelhante, algo aconteceu aos arianos na Índia e em muitos outros lugares.

Esse estado de coisas não precisa ser assim: homens da religião e do poder têm muitos interesses em comum e podem governar juntos.

Mas frequentemente acontece de os homens do poder se tornarem decadentes e deixarem o Estado à deriva nas mãos daqueles que não sabem governar — e que começam a ressentir-se deles por essa abdicação.

As mulheres também se tornam muito agressivas, quando a masculinidade verdadeira e tranquila atrofia.

Se você imagina que as mulheres no mundo muçulmano, por exemplo, são doces e femininas... são viragos famintas, de vontade de ferro.

A feminista muçulmana será uma figura de grande importância entre elas.

Os homens na Arábia se tornarão efeminados.

A avó vietnamita ou chinesa mantém o joelho no pescoço do genro.

Assim, vemos em toda parte que os próprios confortos e a segurança produzidos pelos melhores homens levam à usurpação da sociedade por aquelas partes do espírito humano orientadas para um modo diferente de vida — e que esse modo, como um fermento, acaba prevalecendo... e geralmente prevalece muito rapidamente.

E no Ocidente, cujo destino especial foi confundido com a História ou o Progresso de toda a espécie, esse desenvolvimento ocorreu através da promoção do *logos* ou da razão, e de todas as manifestações disso: a adulação de palavras vazias, do legalismo como guia para a vida social e política, do culto à ciência que está muito distante da ciência real.

Tudo isso tem servido de fachada para a ascensão do humano-bloco, das camadas mais baixas do espírito, e está entregando não apenas o Ocidente, mas toda a humanidade, a uma condição de fragilidade doméstica e servidão.

De forma muito concreta, você vê no feminismo o retorno do matriarcado pré-ariano.

A grande “Mãe Terra”, originalmente uma espécie de criatura meio-humana meio-barata, resplandecente com horríveis ovos como de uma grande centopeia amazônica... isso busca reabsorver você.

De todas as coisas que você culpa pelos tempos decadentes em que vivemos, o feminismo e a “libertação” das mulheres são tanto a causa próxima quanto a causa última.

Nunca se tentou algo tão ridículo quanto a libertação das mulheres em toda a história da humanidade.

É um ato de completa insanidade, disfarçado de “lógica”, “razão”, apresentado nas mais absurdas construções legalistas sobre supostos “direitos.”

Os socialismos modernos, a expansão do poder do Estado que esmaga toda iniciativa e toda vida, a hipocrisia de toda a vida política em nosso tempo — tudo isso deve ser atribuído à participação das mulheres na vida política.

Não reclamo da “liberdade” ou da “degeneração” que supostamente vem desse arranjo.

Tudo isso é distração e autoengano.

O Estado em que vivemos é tão repressivo quanto qualquer tirania oriental.

Mas sua hipocrisia é esconder sua força sob a ilusão de ideais igualitários e de procedimentos legalistas aplicados de forma inconsistente.

Não são as mulheres realmente sendo livres, mas sua “liberdade legal”, uma ficção prática, usada por um poder oculto para oprimir, despojar, intimidar e extorquir.

Foram necessários cem anos de mulheres na vida pública para que quase destruíssem totalmente uma civilização.

Mas seria tolice pensar que esse problema pode ser resolvido tirando o poder de voto das mulheres, “forçando-as” de volta ao lar ou algo do tipo.

A presença das mulheres na vida pública é uma lança de duas pontas e pode ser virada contra o inimigo com certa facilidade.

As mulheres, afinal, ainda podem, mesmo na condição mais degradada, ser levadas a invocar suas paixões mais profundas por um grande líder.

Elas votaram em Hitler, Mussolini e muitos outros, com certo entusiasmo.

O inimigo que as “libertou” fez uso de uma grande arma: aumentou imensamente seu poder e introduziu uma guerra dentro da casa e da vida de cada homem.

Mas esse inimigo também fez uma aposta e, acredito, no fim, um erro... porque as mulheres, mais do que outros, incendiarão seus corpos com paixão por um salvador e estarão dispostas a abandonar o medo e o amor pelo conforto dos quais o Estado moderno depende... elas, mais do que outros, movidas por um entusiasmo selvagem e estúpido.

Como foi possível que as mulheres se tornassem “livres” em algum momento do século XIX... como surgiu essa agitação? De onde vem a ginecocracia que governa, não apenas de forma velada como nas sociedades tribais, mas que agora também pretende estar na esfera pública e exigir “direitos”? Quem estava lá em primeiro lugar para conceder direitos... e de que serve um direito se ele não é também um privilégio? A resposta para tudo isso é um pouco mais desagradável. Só porque as mulheres perderam todo respeito pelos homens da época é que pôde haver qualquer pretexto como o feminismo ou o “sufrágio feminino” em primeiro lugar.

A perda de respeito em geral marca a era moderna desde 1800 ou algo assim: a perda de respeito pela autoridade, por exemplo, que veio quando industriais e banqueiros substituíram a nobreza guerreira. Por mais “decadente” que esta última tivesse se tornado, essa classe nunca perdeu realmente sua graça de maneiras, sua beleza, magnificência e glamour: isso fazia o homem comum mais disposto a se submeter, ou a aceitar tal liderança. Mas quem poderia aceitar o governo da criatura econômica sisuda que assumiu a liderança dos Estados no final do século XVIII?

É por isso que Napoleão foi um enigma para tantos: ele representava um homem fora de seu tempo, algo completamente inesperado na era da mediocridade da classe média e da “democracia” hipócrita que estava então surgindo. Por essa razão todos os espíritos mais elevados do século XIX, todos os grandes artistas, escritores, jogaram-se aos pés de sua memória: ele parecia representar a possibilidade de aspirações mais elevadas em nossa época. Você pode ler Stendhal para sentir esse espírito.

Napoleão foi uma fuga da dominação do “bugman” que estava então começando a tomar as nações. Agora, não imagine que eu vá atacar “a burguesia”... decaímos tanto até mesmo em relação ao nível da burguesia daquela época... em nosso tempo a desolação é quase completa. É por isso que é tão ridículo ouvir esses “conservadores” tagarelando sobre honra, glória, sacrifício, ou qualquer outro lixo assim. O respeito em todas as instituições, em todas as classes de liderança e em toda autoridade tradicional já se perdeu há muito tempo, e com boas razões.

É impossível para os homens apagados comandarem qualquer respeito do povo... e ainda menos de suas mulheres. O feminismo, então, é a revolta das mulheres contra o ultraje da democracia. Elas têm estado em revolta contra a incapacidade do “bugman” de comandar autoridade ou respeito. E você deve entender que não há fundo para essa “liberdade” ou revolução. Não haverá nenhuma oportunidade de dizer “eu avisei”: elas nunca vão “aprender a lição” com sua tolice. E ressentem-se da insegurança em que você as colocou.

A calamidade que certamente virá ao seguir esse caminho não será um “momento de aprendizado” para ninguém. Elas ressentem o “beta”, mas você está errado em pensar que algum dia foi diferente. Não... grandes civilizações e culturas nunca foram fundadas nem mantidas vivas por “betas”. Os nerds que tomaram grande parte da direita lavaram seu cérebro com essa visão, mas ela está errada. As mulheres nunca amaram o lojista, o mercador tímido de voz anasalada, e não, nem mesmo o relojoeiro ou artesão. Elas sempre amaram o cavaleiro, o marinheiro apaixonado por ideias selvagens do mar, o aventureiro e o pirata.

E é certo que amaram esses homens, e que, com a chegada do governo do “bugman”, elas tentariam buscar sua “libertação” de homens indignos e da sociedade entediante que eles estavam construindo. Que esse ressentimento tenha sido manipulado pelo poder satânico que governa nosso tempo, e que através desse impulso pela liberdade a mulher tenha se tornado mais escravizada do que antes... é irrelevante.

Você não será capaz de fazer as mulheres “verem a razão” e amarem uma “civilização beta” — uma invenção da multidão HBD cuckold do nosso tempo. As mulheres vão amá-lo se você for um guerreiro. E ajudarão, através do mecanismo completamente imbecil da democracia, a eleger homens de glamour e carisma, que são nossa única esperança imediata contra a máquina que comanda nosso mundo de lixo. Trump, com todas as suas hesitações, é apenas o começo. Ele mostrou o caminho no que diz respeito à mulher.

A massa também é uma mulher. Agora imagine um homem com o carisma de Trump, mas que não seja apenas dependente dos generais, mas um deles, e capaz de governar e intimidá-los, bem como seduzir as multidões. Até agora só tivemos Gracos... mas Césares e Napoleões certamente virão.

Um homem de grande carisma, capaz de seduzir o povo com um espírito selvagem e romper com o domínio do complexo burocrático-midiático, é nossa melhor esperança para o problema imediato... e talvez nossa única esperança. Tal homem pode estar entre vocês e, em qualquer caso, ele precisará de ajuda. Nosso inimigo se espalhou tanto: ele está em todos os lugares. Ele está até na sua casa, e está dentro de você. O campo de batalha se expandiu para todos os lugares agora.

Portanto, qualquer resposta precisa ser em múltiplas frentes, e cada uma pede uma estratégia diferente e um tipo diferente de talento e de homem. Temo que muitos de vocês sejam de fato “autistas” e “spergs” e não queiram enxergar isso. Não existe uma luta única nem uma solução única, e o que vocês querem no fim ou como ideal pode exigir um plano diferente daquele necessário para enfrentar a ameaça iminente. Para este último, vocês podem se aliar a pessoas que, de outra forma, não seriam suas amigas.

Acredito que a democracia seja a causa final de todos os problemas políticos que descrevo aqui, mas a curto prazo a democracia — a vontade do povo — está do nosso lado, porque as democracias foram sequestradas por uma elite estúpida e corrupta. As nações enfrentam a extinção e uma era de guerra civil permanente porque essa elite quer pilhar e pilhar: e quer inundá-las com a sujeira do mundo. Essa é a ameaça imediata, e sobre ela vocês podem se aliar a pessoas que, de outra forma, não buscariam a mesma estrela que vocês.

Se Ann Coulter ou Pat Buchanan estivessem no comando, vocês teriam 99% do que querem. Portanto, usem-nos como modelos para resolver os problemas que enfrentam, e não assustem o povo com discursos insanos se quiserem mover as coisas politicamente. Deixem os normies terem suas vidas normais e pintem nossos inimigos como os loucos... o que eles são... e como a escória corrupta que são.

Se vocês ainda não se comprometeram, talvez entrem na vida política e usem Trump como modelo de sucesso. Aqueles de vocês que escolherem esse caminho, se gostarem deste livro ou de outras coisas que digo, devem denunciá-lo e repudiar-me se algum dia perguntarem sobre isso, e também denunciar todas as outras ideias malucas. Vocês precisam ter instinto para perceber até onde os normies são capazes de aguentar. Nem sequer é uma questão de levá-los “gradualmente” até onde vocês querem — não acho que sejam capazes de chegar muito longe.

Mas eles podem ser movidos a se defender do aperto do estado global escravista, que eu também odeio, embora por razões diferentes. Se um etnoestado é o seu ideal, ou se for a Suíça renascentista ou o Egito antigo — tudo bem. Se vocês pretendem se

expor publicamente e tentar algo político, trabalhem agora para que América e Europa não se tornem Bósnia ou África do Sul.

As pessoas que tentam desviá-los disso e encorajá-los a falar em público, em vez disso, sobre abstrações como “etnoestado”, construções ideológicas de nerds como “eurasianismo”, slogans anacrônicos como “sangue e solo”, que nunca tiveram qualquer atração histórica para anglo-saxões e americanos... essas pessoas são “spergs” ou, muitas vezes, informantes federais, ou manipulados por tais.

De todo modo, estudem tais coisas, acreditem nelas, façam trollagem com elas, deixem que guiem seus objetivos finais; mas saibam o que é possível na esfera política dos normies e não se tornem o palhaço do ZOG como Nehlen e tantos outros se tornaram. Se fossem pessoas sérias, nunca teriam aparecido em público encorajando jovens a marchar onde pudessem ser identificados e rastreados para o resto da vida.

Saibam quando a cobra está se defendendo — não sejam bodes expiatórios. Seus modelos devem ser aqueles que funcionaram: Trump, Orbán, os movimentos italianos agora ascendentes, Sebastian Kurz e seu partido na Áustria. Você não vê essas pessoas marchando por aí com uniformes de carregador de hotel com uma Sonnenrad e falando sobre a “questão judaica” e esse outro tipo de encenação.

É verdade que, no fim, meus objetivos aqui e os de alguém como Orbán têm pouco ou nada em comum. Se eles fossem bem-sucedidos, tudo o que poderiam fazer seria restabelecer o mesmo mundo de ovelhas que existia há cem anos, talvez vacinado contra as últimas degradações... mas nada muito grandioso. Ainda assim, penso que é melhor para as nações serem bem cuidadas, ovelhas felizes, do que reduzidas a montes fervilhantes de ratos famintos.

Esse, de qualquer forma, é meu conselho para aqueles que querem entrar na política normie e ter uma vida relativamente normie, e não há nada de errado nisso — é até uma grande necessidade.

Escrevi este livro, no entanto, porque isso pode não satisfazer alguns de nós, e eu quis falar sobre o mundo nas próximas décadas, e quais caminhos podem se abrir para um modo diferente.

Muito já se disse sobre os males dos subúrbios, mas penso que o perigo de tais lugares para o homem civilizado moderno é tão grande que deve ser repetido. Por outro lado, é importante não levar isso longe demais: os europeus vivem no centro de suas cidades e estão em situações políticas e sociais tão ruins ou piores. Ainda assim, acho que é mais fácil para eles resolverem seus problemas e evitarem os maiores perigos, caso cheguem. É mais fácil porque nesses lugares os cidadãos legítimos das nações ainda possuem suas cidades.

Não vejo nenhuma evidência de que a base tributária da América tenha se mudado para os subúrbios por escolha. Suas cidades interiores foram tiradas deles, não, como se imagina, pelos negros, mas pelos políticos — e seus manipuladores — que acharam mais lucrativo substituir cidadãos de classe média por uma subclasse. O espaço para o qual foram segregados e ao qual precisam “ir e voltar” é, penso eu, uma forma de inferno absoluto para criar filhos, especialmente meninos. Não há liberdade de movimento, exceto para atividades regimentadas, eles estão sempre vigiados por algum tipo de cuidador.

Os lugares são de uma feiura incrível, o que também tira a vontade de descobrir coisas novas. Não há recantos e canto onde os meninos possam formar gangues, ficar longe dos olhos curiosos dos pais e de outros, e sentir que estão explorando e possuindo território, como existe na cidade e no campo. A América conseguiu repartir sua população histórica, seus cidadãos legítimos e sua base tributária, em campos de trabalho e dormitórios. Isso é o que a “cidade” americana moderna é: uma zona econômica organizada como um campo de trabalho, ou campo de concentração, se quiser.

Seria trivial para os serviços de segurança franceses fecharem o acesso às *banlieues* infestadas de imundícies, e seria igualmente trivial para os serviços de segurança americanos fecharem o acesso aos subúrbios e segurarem a classe média pelo pescoço. Acho que a razão pela qual os subúrbios são odiosos para a criação de meninos é também a razão pela qual eles são mais criticáveis em geral, a saber: enquanto no campo ou na cidade uma população inquieta seria capaz de manter seu território e desafiar o poder, caso fosse necessário, tal coisa é impossível nos subúrbios. Os subúrbios são arranjos de moradia para escravos e súditos.

“Justiça social” — parasitismo repugnante, vestido com trapos de palavras tão gastas e mijadas que até seus defensores estão enjoados do cheiro... eles a dizem de boca murcha e suplicante: basta olhar para eles durante os protestos do *Occupy*, esperando desviar algum respeito. A necessidade de ser respeitado é sinal de condição espiritual muito baixa e rastejante. As birras dos mimados e domesticados, sem força alguma... sem força por trás, apenas as opiniões dos restos da esquerda, o tagarelar da culpa e do pedido de desculpas: nem sequer o motor marxista do trabalhador. Que trabalhador? Eles têm desprezo pelo trabalhador... a força e a confiança em seu labor, no lugar de seu trabalho na história que o bolchevique tinha, desapareceram; agora é o lumpem usando sua linguagem, sem convencer.

Dependentes do Leviatã, e portanto sua ferramenta. “Justiça” social... mas por que apenas “social”? Por que mirar tão baixo... você quer dizer apenas as opiniões de muitos? Quem liga. Aqui está minha visão da verdadeira justiça, a justiça da natureza: os zoológicos abertos, predadores soltos às dezenas, centenas... quatro mil lobos famintos devastando as ruas dessas cidades-colmeia, elefantes e bisões em estampida, os prédios reduzidos a pedaços, os gritos do inseto humano ecoando pelas ruas quando o senhor das feras retorna.

Manhattan, Moscou, Pequim reduzidas a ruínas cobertas de vinhas e florestas, o reduto da linx e do coioote novamente. As grandes favelas imundas, Calcutá, Nairóbi, todas as latrinas fétidas do mundo cobertas por deslizamentos de terra, engolidas pela selva espessa, isso é justiça. Lisboa sempre me pareceu uma cidade ainda habitada apenas por vaidade. Soltem centenas de tigres, companhias de rinocerontes, com o motor forte do espírito roncando em seus peitos profundos, que tragam a justiça do vulcão a este mundo de lixo! Bendita seja a passagem do Shoggoth!

Há uma história do período Heian na história japonesa que sempre achei incrível. O Japão ainda era governado pela corte imperial e havia administradores locais e assim por diante, como em qualquer despotismo centralizado oriental. Mas também havia uma classe guerreira. Eles herdaram isso de algumas invasões das estepes que mudaram sua sociedade alguns séculos antes. De qualquer forma, como sempre acontece, os burocratas imperiais ficaram inúteis e fracos e, no fim dessa era, todo o poder físico estava com os samurais.

O que acho incrível é quanto tempo eles demoraram para perceber que não precisavam mais obedecer às ordens fracas da hierarquia imperial, e que eram de fato os governantes. Palavras como “legitimidade”, “poder brando”, “direitos” ou, em seu tempo, honra, dever, direito divino e assim por diante são todas ilusões destinadas a distrair e obscurecer os homens de poder de sua própria força e objetivos, e colocá-los a serviço de outro. Tais homens são mais propensos que outros a serem guiados por noções de honra e responsabilidade. E esse senso, portanto, é muito fácil de abusar... e tais homens podem ser manipulados por algum tempo. Eventualmente, no entanto, percebem que não precisam ouvir, e que são realmente os que governam.

Esse momento, quando “o jogo acaba”, o momento da revelação, é o que sempre achei incrível. No mundo moderno tudo se move muito mais rápido... Espero que em pouco tempo tais homens despertem no Ocidente e, suponho, em outras partes do mundo, e se perguntem por que por tanto tempo ouviram completos cretinos dar ordens... e dar ordens ainda com pretextos tão fracos, muito mais fracos que a burocracia do Japão imperial.

Em Fiji, os nativos se tornaram relativamente recentemente minoria porque cem anos antes os ingleses importaram sua mão de obra barata favorita, os tâmile. Eventualmente, estes superaram em número os nativos e se tornaram a maioria. Assim, sob as regras da democracia, eles assumiram o Estado. Os nativos, no entanto, ainda controlavam o exército. Eles não viam razão alguma para seguir essa “democracia” cedendo suas terras a estrangeiros trazidos pelos opressores. Então assumiram o Estado, e fizeram isso com muita facilidade.

Acho inevitável que isso se torne a regra em todo o mundo, e muito em breve. Democracia e diversidade étnica não se misturam, mas os nacionalistas étnicos estão errados quando pensam que o resultado disso tudo será a secessão. Conflitos étnicos de baixa intensidade são uma coisa terrível, mas dividir nações inteiras em pedaços menores, por mais que a cidade-estado seja do meu gosto, não é algo provável. Você deve olhar para a África do Sul, onde brancos e mestiços poderiam ter pedido seu

próprio Estado na Cidade do Cabo, e agitado por isso, mas, em vez disso, quiseram manter o país unido.

A razão para isso é que qualquer secessão teria significado abrir mão de todas as partes do país ricas em ouro, diamantes e muitas outras coisas. A África do Sul é um caso extremo e secessão, onde uma minoria é de cinco ou dez por cento da população... aqui isso pode acontecer. Mas é uma perda líquida ter os bôeres migrando da terra que seus ancestrais domaram e construíram, e seria uma perda líquida na América se tivesse de acontecer o que alguns de vocês querem, ceder o sudoeste ao México, ou quaisquer outros esquemas discutidos.

Se de fato conseguirem uma população branca tão mobilizada e autoconsciente quanto desejam, eles não sentirão como grande vitória abrir mão de terras e recursos que seus ancestrais conquistaram por sua valentia. O maior presidente foi Polk. Mas é provável que muito antes de qualquer mobilização das populações brancas em seus países de origem, haja governo militar: a democracia cairá antes que etnoestados puros se formem.

Acho que isso aconteceu muitas vezes na história, em eras de declínio nacional, não apenas por diversidade étnica ou religiosa, mas por muitas outras razões, e sobretudo porque a forma de governo militar é natural à espécie humana. Aqueles generais terão mais sucesso que souberem misturar poder com estilo pessoal, como Duterte ou Perón fizeram. Isso é muito difícil na América por causa do tipo de homens que são promovidos no exército. Alguns, no entanto, serão capazes de encarnar a aura carismática do velho homem severo romano.

Dada a inevitabilidade de um governo militar, já vejo como nacionalistas e muitos homens semelhantes, simpáticos à causa da liberdade e da vida elevada, se juntarão às forças armadas e subirão nas fileiras, e meu palpite é que muitos já estão fazendo isso.

De certa forma isso já aconteceu, e nas patentes médias as forças armadas ainda estão relativamente cheias de patriotas em todo o mundo ocidental. Na França, os militares e serviços de segurança, incluindo a CRS, apoiam esmagadoramente a Frente Nacional de Le Pen. É apenas uma questão de tempo.

No mundo anglo-saxão é um pouco mais complicado. As patentes superiores foram há muito tempo purgadas de homens que poderiam oferecer resistência às mãos ocultas que governam: isso começou com o “escândalo” do Tailhook, e mesmo antes disso, e só se acelerou depois. Mesmo no nível de capitão ou major, muitos homens são conservadores tradicionais e não exatamente nacionalistas. Acho desnecessário falar diretamente a tais homens: os próprios eventos os convencerão.

Mas muitos já estão sendo perseguidos e expulsos do exército, da mesma forma que departamentos de polícia estão sendo purgados. Esse processo é muito lento. Não terminará bem para os senhores da mentira: toda a tecnologia do mundo não salvará um exército “diverso” se algum dia estiver em conflito: eles virarão os mísseis contra si mesmos por acidente ou afundarão submarinos no fundo do oceano, como já aconteceu na África do Sul.

Ainda assim, a América está bastante isolada do perigo, e você se engana se pensa que eles “reformularão” alguma coisa mesmo que sofram derrotas desastrosas no exterior. Eles temem homens de poder dentro do país mais do que qualquer exército estrangeiro. É difícil resolver esse problema.

O exército já está tão cheio de homofrescura que será muito desagradável para qualquer homem de verdade entrar em suas fileiras no momento. Ele pode ter dificuldades para avançar em sua hierarquia, mesmo representando as visões de um conservador religioso tradicional ou de um trumpista comum, que é, suponho, o mais longe que se pode ir agora. Também odiaria ver qualquer homem livre morto ou mutilado a serviço desse exército que foi transformado em força mercenária hessiana para nababos do Golfo, para vários grupos étnicos, para os esquemas idiotas de financistas internacionais e o benefício de políticos de máquina buscando avançar as fortunas de suas famílias no exterior.

Há ainda o tédio extremo que se deve esperar de qualquer vida militar, que mesmo sob as melhores circunstâncias consiste em tarefas banais. Dito isso, o

treinamento militar é muito valioso. Mesmo em uma situação — precisamente no caso em que homens de valor terão dificuldades em se tornar generais e afins... então será ainda mais valioso. O treinamento militar e a irmandade com outros homens na batalha são uma vantagem para a vida toda, e um grande benefício para qualquer causa.

Não posso aconselhar ninguém sobre como viver, mas aqueles que estiverem dispostos a lidar com os males do exército moderno e cientes de todos os inconvenientes, mas ainda assim se encontrarem aptos para ele, fariam um grande bem a si mesmos e a seus povos se se alistassem.

Nem é preciso dizer que terão de praticar bom julgamento e discrição enquanto estiverem em serviço; mas o exército não pode simplesmente ser abandonado aos travecos latinos moicanos e ativistas neo-leninistas. Não tenho dúvida de que nacionalistas entrarão e tentarão reformar tanto as fileiras quanto as academias do mundo ocidental.

Existem também coisas como a Legião Estrangeira Francesa, embora a disciplina que praticam seja terrível. Dura sete anos, e eles reservam o direito de persegui-lo em qualquer país se você desertar. Muitos ex-SS e outros alemães da Segunda Guerra Mundial entraram na Legião e lutaram no Vietnã, e alguns cometeram suicídio por causa do rigor dessa unidade. Embora seja possível que agora tenham relaxado um pouco.

Tudo o que se diz hoje sobre a Rússia é pura projeção. Na verdade, são os EUA e o mundo ocidental que são governados por espões e agências de inteligência. Eles colocaram seus agentes e marionetes comprometidas no mundo corporativo, não menos do que em outras agências governamentais e entre políticos eleitos. Muitos, como Obama, por exemplo, são inteiramente criações desta ou daquela facção dentro do sistema de segurança. Estes, por sua vez, estão aliados a oligarcas e muitas vezes a interesses e potências estrangeiras, de modo que é difícil pensar que muitas nações ocidentais tenham algo além de uma paródia de liberdade e soberania nacional.

A “democracia representativa” somada a um Estado burocrático é frequentemente criticada por conservadores como destrutiva da liberdade e iniciativa pessoal — e é; mas dado que a maioria das pessoas que entram na vida pública são pobres e fracas de mente, isso também significa apenas governo indireto por espões, oligarcas e qualquer nação ou interesse estrangeiro que possa canalizar mais dinheiro, influência ou ameaça aqui ou ali. Muitos desses que no Ocidente gritam contra a Rússia são fantoches da China ou dos Estados do Golfo — mesmo quando não estão diretamente na folha de pagamento ou comprometidos, esperam sinecuras e grandes riquezas que virão no futuro. Grande parte da mídia é de forma semelhante comprometida, embora o jornalista comum provavelmente esteja iludido pelos chavões da “imprensa livre” e pelas doutrinas humanitárias que foram marteladas em sua cabeça. Dentro da cabeça têm um vacúolo central cheio de fluido, sem cérebro.

Não tenho dúvidas de que coisas como o “pizzagate” sejam reais, simplesmente porque, se eu fosse um espão, ou um rico com espões à disposição, acharia muito fácil comprometer os funcionários oficiosos e sedentos de status que foram atraídos para o governo em nosso tempo. Essas pessoas chegam às capitais com um olhar faminto e, estando cheias da sensação de que “estão por dentro das coisas” e de que conseguiram, têm enorme dificuldade em controlar seus apetites ou comportamento. Muitos são escolhidos e moldados precisamente porque já começam com apetites dementes.

Isso não quer dizer que não existam facções patrióticas dentro dos serviços de segurança que realmente governam o Ocidente, ou oligarcas patrióticos que não podem enviar sua riqueza para o exterior, e cujo interesse, de certo modo, acaba atado à terra e ao povo. Prevejo um tempo em que nacionalistas, aqueles capazes disso, começarão a ingressar nesses serviços. Eles farão a si mesmos, a seus amigos e ao seu país um grande bem com isso. Alguns que são inclinados a matemática e tecnologia sem dúvida ingressarão nesses tipos de agências. Outros já estão

aprendendo línguas estrangeiras — o tibetano tem muitos usos! Mas há outros idiomas e estudos regionais para aqueles que vão à universidade: árabe, russo, persa, chinês, indonésio — muitas oportunidades!

Dada a baixíssima reserva de talentos no governo ou disponível para recrutamento, eles poderão ingressar nesses outros tipos de agências, das quais há algumas, com relativa facilidade. Aqui seria necessário, mais do que no exército, esconder o próprio nível de poder, e até mesmo afetar de vez em quando a doutrina esquerdista-internacionalista. Qualquer nacionalista ou populista faria bem em afetar no máximo o estilo de um Mueller, caso queira ser “de direita”. Nem todos são capazes disso, e acho que a tensão será considerável. Tais pessoas muitas vezes terão que trabalhar sozinhas e permanecer bastante isoladas por anos, guardando seu objetivo e estrela como uma preciosa posse secreta, sem jamais confundir o curto prazo com a meta final. Poucos conseguirão ou desejarão lidar com as tolices... esse tem sido o problema dos conservadores anglo o tempo todo. Sempre preferiram bronzear-se, jogar tênis e ganhar dinheiro. Quiseram ser deixados em paz, e assim o Estado foi tomado por vermes.

Espero que tais coisas mudem, independentemente do que eu ou qualquer outro diga, simplesmente porque algumas pessoas querem sobreviver, e não desaparecer. Sem dúvida, pouco a pouco, de uma forma ou de outra, ingressarão e mudarão a face dessas agências. O poder do mundo moderno permanece, no futuro previsível, em tais agências. Um cometa fatídico como um César ou um Napoleão é algo difícil de esperar. E tal homem precisaria de aliados, de qualquer modo.

O trabalho no governo pode ser tedioso demais para homens de aventura. Alguns dizem que a CIA, por exemplo, exagera sua incompetência em filmes ou em eventos conhecidos — o fracasso do 11 de setembro, do Iraque, suas humilhações sem fim às mãos dos soviéticos — para esconder seu verdadeiro poder e parecer mais fraco do que é. Mas acho que isso não é verdade, e se você já conheceu ex-membros da CIA vai entender que os rumores sobre sua incapacidade não são exagerados.

Depois de James Jesus Angleton, eles foram completamente ferrados em todos os buracos pelos soviéticos e outros. Todos os seus avisos se tornaram realidade. Ele foi um americano único, de caráter raro e secreto em um povo que gosta de abertura e exibição; por isso agora é difamado em filmes maldosos. Não era muito típico de seu povo, o anglo-saxão, e suponho que seja possível que, através de seu sangue espanhol, viesse uma veia de intriga cortesã dos Habsburgo, ou algo parecido.

Os russos e outros são muito bons em trabalho de inteligência, porque crescem em um mundo de segredo e aprendem a ter grande prazer em subterfúgios desse tipo. A maioria dos americanos que tenta isso está apenas brincando de fazer de conta, imitando modos. Cheios de mórmons e vários aleijadinhos que afetam um modo wasp elevado, cheios também de “soccer moms” e emasculados, os serviços de inteligência são, de fato, bastante incompetentes, apesar de seu considerável poder. Ambos podem ser verdade.

E você pode ver isso em suas tentativas muito desajeitadas de influenciar a opinião pública dentro dos EUA. Não falarei sobre especulações de ataques de falsa bandeira e coisas assim, que tenho certeza que acontecem. Mas é inegável que eles tentaram entrar no negócio dos “memes” e tiveram unidades dedicadas a esse tipo de propaganda visual, especialmente durante a última eleição. Todos vimos seus esforços e rimos.

Acho que a maior ameaça que a direita apresentou a esse sistema veio de algo como o 4chan, que mostrou poder ser uma agência de inteligência própria, e muito superior ao que os espões formais podiam fazer. Como localizaram objetos obscuros, lugares e pessoas a partir de fotos é algo que agentes formalmente treinados normalmente não conseguiriam. Os memes colocaram um espinho de medo no coração de todos os espões constipados. Algumas imagens espalhadas por Ricky Vaughn ou por “channers” chegaram às notícias e foram muitas vezes mais eficazes do que os esforços propagandísticos do próprio governo, e você pode ver, em séries como *Homeland* e outras, o ódio titânico que essas pessoas tinham pelo exército de autistas direitistas que bagunçou seus planos.

Eles trabalham duro para “doxxar”, por isso. Você deve entender onde estão suas forças. Se o trabalho no governo ou no exército não for adequado, aprenda essa arte da comunicação visual e compartilhe-a com seus amigos, trabalhem juntos para aperfeiçoá-la. Não seja medíocre. Aprenda a fazer vídeos e fotos — existem várias ferramentas por aí, muitos programas de edição. Você pode começar com uma câmera barata, se precisar. Trabalhe em grupos... em “laboratórios” para desenvolver, aperfeiçoar e direcionar esses vídeos e imagens.

Garanto que isso os assusta, e é muitas, muitas vezes mais eficaz do que marchar em público e fazer o papel de palhaço que eles querem que você faça. O jogo longo de persuadir o público está longe de ser vencido. Mantenha o olho na tarefa, ainda não cumprida: descreditar as autoridades, zombar de todas as piedades públicas, mostrar os líderes do governo, da burocracia, das finanças, das corporações, da big tech e da mídia pelo que são: espectros patéticos. Muitos avanços foram feitos ultimamente, mas sua desonra aos olhos dos normies está longe de ser completa. Quando eles tentam fazê-lo se expor e fazer afirmações positivas, eles vencem. Mantenha a pressão do verdadeiro *samizdat*.

73

O que é preciso enfatizar é que há muitos caminhos. Aqueles que acreditam que existe uma única “solução”, uma chave ou uma escada fixa para o poder, e que todos devem segui-la, estão enganados. Essa é uma maneira de ser destruído. É preciso imaginar um arco inteiro de forças e oportunidades. A beleza de um movimento, de uma geração, é que alguns são bons em uma coisa, outros em outra, e cada qual pode contribuir de um jeito.

Quando todos caminham na mesma direção, falando a mesma linguagem, usando as mesmas imagens e referências, até certo ponto isso pode ser eficaz; mas também fica previsível, e eles sabem como esmagar isso. É preciso diversidade de talentos. Os serviços de segurança não esperam isso — eles contam com a uniformidade, com a previsibilidade, com que todos sigam a mesma moda política.

Por isso é útil lembrar de algo como o arco: as flechas podem ser atiradas de ângulos diferentes, em momentos diferentes, com forças diferentes. É assim que um movimento se torna mais forte, quando não depende de um só estilo ou de uma só linha. Uma geração inteira, quando desperta, pode tentar várias coisas. Alguns têm disciplina para entrar nas agências do governo; outros têm talento para imagens, piadas, propaganda. Outros ainda podem construir, em silêncio, instituições locais, empresas, igrejas, escolas. Tudo conta, tudo se soma.

O grande erro seria acreditar que só existe um caminho — ou que apenas um grupo deve ser seguido, como se fosse uma seita. Isso leva à rigidez, ao fracasso, à exposição. É preciso multiplicidade, e, acima de tudo, paciência.

74

O equivalente do “meme” na ação política é a pegadinha. Você realmente não pode subestimar o poder de uma boa pegadinha... isso pode ser algo tão simples quanto pendurar uma faixa engraçada ou espalhar um slogan espirituoso. Essas coisas não precisam estar ligadas a nenhum grupo formal, mas podem ser feitas em privado, por você ou junto com seus amigos. A campanha contra a proibição dos pit bulls é um ótimo exemplo de “trollagem” na vida real. Os adesivos “It’s OK to be white” foram uma boa ideia, pelo menos no começo: aqueles que começaram a colocar fontes ameaçadoras neles, ou logotipos de organizações bizarras, estragaram essa trollagem muito rápido.

O propósito de toda essa “ação política” deve ser o mesmo do samizdat memético, que é fazer o inimigo parecer ridículo. Você deve mostrá-lo pelo que ele é: carrancudo, antiquado, esclerosado, feio, pedante; é bom se você aparecer como o oposto, embora isso não seja necessário. Mas na França, os *Hommes* — uma resposta tradicionalista e viril às *Femen* — deram um bom exemplo de ação pública atraente desse tipo. Eles usam máscaras, e o anonimato é muitas vezes absolutamente necessário para esse tipo de coisa. Mas as possibilidades disso são infinitas e, mesmo em casos como o dos adesivos “It’s OK to be white”, em que a mensagem inicial não é engraçada, funciona porque força o inimigo a tomar uma posição pública que é amplamente e justamente reconhecida como maligna e rancorosa. Trump tem sido muito bom nisso, embora não seja difícil; ele frequentemente força seus opositores a se colocarem ao lado dos assassinos mais vis, de gangues, da ilegalidade e da decadência mais sórdida.

Todas essas ações devem ser realizadas sem anúncio prévio, planejadas em segredo e executadas com um grupo fechado de amigos, para evitar que o inimigo organize uma ação preventiva. Lembre-se de que eles ainda controlam muitas das cidades e as forças policiais dessas cidades, que podem ser induzidas a agir ilegalmente e colocar você em perigo; por essa razão, e muitas outras, comícios públicos anunciados com antecedência são totalmente inúteis, assim como discursos de “política” pública e outras masturbações desse tipo. É claro que você deve evitar toda violência e até mesmo qualquer fala de violência, e não cair na armadilha em que eles querem que você caia. Num pequeno grupo de amigos que você conhece, é

mais fácil controlar quem entra e quem sai, e também é mais fácil usar seu julgamento para perceber se este ou aquele sujeito é louco ou coisa pior.

Lembre-se sempre de manter os olhos no prêmio nesse tipo de ação: desacreditar o inimigo e expor seu autoritarismo, sua estupidez, sua servilidade, sua corrupção.

75

Na verdade, toda a política moderna é um tipo de guerra de informação ou memética.

O inimigo tem uma enorme vantagem aqui: ele detém jornais, TV, rádio, o setor editorial, as universidades e até, em grande parte, as editoras de revistas.

Mas você tem uma vantagem: **a verdade está do seu lado.**

É por isso que uma boa parte do samizdat deve ser histórica. O que você descobre, uma vez que realmente começa a estudar história, é que nada que eles dizem é verdade. Nada do que eles ensinam às crianças nas escolas é verdade. Eles escondem toda a história da civilização ocidental.

Compre livros de história e leia-os. Procure aqueles que tenham notas de rodapé ou bibliografias. Compare um livro com outro. O que eles dizem sobre um período ou evento em comum? Onde eles divergem? Leia uma série de fontes e comece a formar sua própria opinião.

Quase sempre você descobrirá que todo evento da história foi muito mais interessante, divertido, intrigante e envolvente do que aquilo que o inimigo lhe contou. E que eles mentiram descaradamente.

Assim, você encontrará ideias que podem ser compartilhadas em samizdat. Histórias que podem ser divulgadas em pequenas partes, piadas, pôsteres, vídeos ou memes.

Esse tipo de informação é poderoso porque mostra às pessoas que **elas foram enganadas**. Isso causa uma reação emocional imediata — raiva, choque, até riso. E quando alguém percebe que foi enganado, nunca mais confia no enganador do mesmo jeito.

Cuidar demais da comida, da nutrição e, especialmente, da saúde pode ser considerado algo pouco masculino... uma espécie de neurose hipocondríaca mais adequada a solteironas. Por outro lado, no passado o mundo não estava tão cheio de veneno como hoje. Quase todos os alimentos são produzidos centralmente, armazenados em armazéns e contaminados com micotoxinas e muitas outras substâncias que lentamente destroem sua essência.

Portanto, é importante tomar medidas para se proteger disso na medida do possível. Embora seja caro, o probiótico **Gastrus** tem sido de grande utilidade para muitos de nós. Outra recomendação é o óleo de coco e a exposição ao sol. Se você não é um “bogjig” cujos ancestrais evoluíram sob nuvens permanentes no noroeste da Europa, normalmente você conseguirá se bronzear, e os efeitos do sol são muitos e muito benéficos. Você não tem desculpa! (Aqueles que não conseguem bronzear-se devem suplementar com vitamina D3, e também com outras substâncias.)

Comece com dez minutos ao sol do meio-dia e aumente gradualmente. Geralmente, trinta minutos por dia já são suficientes, quando possível. Há muita propaganda sobre bronzeamento, mas ao viver em regiões tropicais você verá que mesmo pessoas de pele escura começam a parecer doentes e com um tom pálido se evitarem o sol. Você foi feito para **adorar o sol**. Lembre-se da música do New Order!

É óbvio que você deve levantar pesos, e para isso existem muitos programas diferentes, todos adaptados a corpos, biologies e objetivos distintos. Em geral, é melhor perder gordura antes de ganhar músculo, mas depende de vários fatores. Porém, um regime de **sol e ferro** é absolutamente necessário: para seu humor, estética, atenção das mulheres, respeito dos homens e, acima de tudo, preparação para luta e guerra. Nas antigas cidades gregas, apenas os cidadãos podiam levantar pesos e treinar na academia: escravos eram proibidos. Não é de se admirar que os robôs da Babilônia tentem proibir academias para homens em nosso tempo.

O fracasso patético da “swole-left” (esquerda musculosa), uma construção inteiramente artificial promovida de forma coordenada pelos órgãos formais da esquerda, é muito instrutivo: com raras exceções, **não é possível ser “swole-left” hoje**. Qualquer homem que melhore seu corpo com sol e ferro se afastará da esquerda moderna, um programa de decrepitude e monstros ressentidos. Eles sabem disso e têm medo.

Preciso fazer esta reafirmação no final deste breve manifesto: Muitos são animais domésticos e felizes assim. Falo, em vez disso, aos homens que se sentem sufocados por este mundo de insetos.

As pessoas em todos os tempos tentam domesticar umas às outras. A linguagem é usada para esmagar e enganar os outros, submetendo-os à domesticação. Ideias, argumentos e histórias são fabricados para o mesmo fim. O mundo moderno não é diferente de qualquer sociedade tribal miserável. Tenho certeza de que a Europa antes da Idade do Bronze, antes da chegada dos arianos, era semelhante à Europa moderna. As pessoas viviam em longhouses comunais e provavelmente eram coagidas e controladas por mães obesas que lhes inculcavam socialismo e feminismo.

A maioria daqueles chamados homens da era das longhouses provavelmente era similar ao moderno “herb” da esquerda, que não se exercita. É por isso que essas sociedades eram tão facilmente conquistadas.

A esquerda percebe que parece fraca e patética — porque é. Eles sabem que não têm nada a oferecer à juventude além de submissão e palestras. Sabem que são pouco atraentes e enfadonhos. Se de fato jovens homens de esquerda começarem a se exercitar e a adorar a beleza, serão forçados a abandonar a esquerda.

O “bugman” (homem-inseto) finge ser motivado pela compaixão, mas na verdade é movido por um ódio titânico ao bem-arrumado e ao belo. O bugman procura enterrar a beleza sob uma massa de feiura e lixo. Grande parte do Pacífico e dos oceanos prístinos agora estão cheios de lixo e plástico. Esse lixo vem de cidades construídas sobre montes de sujeira inimaginável. As águas estão poluídas com pílulas anticoncepcionais e drogas que alteram a mente, emitidas por bestas obesas que consomem xarope de milho com alto teor de frutose.

E, claro, há a feiura das pessoas. E só está piorando com as novas cidades superlotadas e anti-higiênicas da nossa era, povoada por hordas de zumbis anões importados para trabalho escravo e agitação política dos latrines do mundo.

As pessoas sentem que não podem escapar disso, sabem que é um método agressivo para desmoralizar e oprimir. Quando publico minhas imagens de vitalidade sob o sol claro do meio-dia, elas sentem um peso sendo retirado. Muitos sentem como se tivessem escapado da gravidade desse mundo de lixo e retornado a um tempo em que a beleza natural do homem podia ser exibida, indicando uma vida livre para desenvolver seus poderes.

Acredito no direito da natureza. Estou entediado com ideologias e jogos de palavras. As imagens que publico falam por si e apontam para uma ordem primal sentida por todos, fisicamente.

Quando eu ou meus seguidores postamos imagens poderosas e belas de modelos masculinos de vitalidade e juventude inacreditáveis, nossos inimigos rangem os dentes de inveja e ódio, enquanto nós somos exaltados e inspirados.

Os superiores, como o belo Alexandre, exercem um efeito quase mágico que atrai os outros. Alguns são inspirados a ações maiores, outros a outras tarefas, mas todos os cuidados mesquinhos são esquecidos. Não há nada a ser dito ou elaborado, não é necessário intelectualizar mais do que a atração natural que lobos sentem pelo líder ou abelhas pela rainha.

Quando publico imagens de homens divinos como Pietro Boselli, muitos ficam admirados e desejam emular. Inspirei muitos a desenvolver seus corpos, poder físico e espiritual.

Não tenho nada a dizer aos frívolos que, talvez atônitos, encontraram posições de influência na mídia ou governo, ou aos muitos supérfluos que os seguem. Nos próximos cem anos, e até antes, **irmandades piratas bárbaras varrerão esta civilização corrupta**, como fizeram no fim da Idade do Bronze.

A Estrela da Aliança—

O que é provável que aconteça a longo prazo? Prevejo um tempo, não muito distante, em que o Leviatã não conseguirá mais se sustentar. Espero que os povos consigam se salvar do projeto global de escravidão que agora é promovido. Mas o que virá depois provavelmente também será insatisfatório. As nações escaparão do perigo, mas retornarão à sua existência pacífica e dócil. Elas precisarão ser protegidas de se colocarem na mesma posição em que estão agora.

Acredito que, em algum momento, antes ou depois dos problemas, os espécimes superiores irão se encontrar e deixar esta civilização. Eles formarão fortalezas na borda do mundo civilizado, nos trópicos, de onde observarão os mares. A era da alta pirataria retornará. Esses homens desenvolverão, acima de tudo, seus poderes físicos e sua capacidade de fazer guerra. Oferecerão defesa às nações em troca de um preço. Ocasionalmente, enviarão um grande demagogo aos povos, quando isso se tornar necessário.

Homens assim, empoleirados nesses ninhos de águia, terão novamente o território de uma nova fronteira e uma vida que lhes convém. A ciência será liberada das restrições de cuidar apenas do conforto ou do entretenimento. Grandes projetos científicos, projetos de homens privados, começarão novamente. Tais fortalezas possuirão armas terríveis para se defender e terão penetrado profundamente nas nações com suas antenas, muitos emissários e observadores.

Acho que isso é um grande sonho, mas pode acontecer mais cedo do que se imagina. Com alguns detalhes diferentes, é o que a **Executive Outcomes** teria se tornado, ou o que Bob Denard teria se tornado, se os grandes Estados da Europa não tivessem conseguido detê-los. E penso que logo eles não conseguirão. Mas essa grande oportunidade ainda está um pouco distante. Antes disso, é preciso realizar uma grande obra.

Vejo um tempo próximo em que alguns homens, talvez não mais do que algumas centenas em toda a nação, ou espalhados pelo mundo, embarcarão na missão do grande descenso. Elogiei o instinto muitas vezes neste livro. Mas a vida em ascensão pode seguir o instinto, enquanto se você se percebe decadente, é muito importante resistir a instintos que levam à autodestruição inútil. Disciplina e excelência são melhores quando vêm de seus próprios desejos, e não da repressão.

Mas se seus instintos o levarem a comportamentos autodegradantes que o prejudicarão, resista de qualquer maneira. Apenas entenda que esse caminho é, no máximo, provisório. Devemos querer dar origem a seres que sigam o caminho

superior na vida por sangue e desejo inatos, não por dever. Ter que gastar tempo e energia espiritual tentando reprimir desejos destrutivos é difícil e dispendioso. A disciplina é mais importante, mas importa de onde ela vem.

Infelizmente, muitos não prestam atenção a esses dois modos de “disciplina” e se preocupam apenas com a imagem pública de sua virtude ou bondade. Isso não tem quase nenhum valor. E a direita se prejudicou consideravelmente adotando esse tipo de farisaísmo. Dou um exemplo do que quero dizer: muitas agências de inteligência estão cheias de mórmons. Esses homens são escolhidos por seu caráter moral reto, pelo fato de passarem em testes de polígrafo, por não serem facilmente comprometidos, e assim por diante... todas qualidades que fazem maus espões.

Para ser eficaz neste mundo, você deve conhecer muito bem o submundo, a vida criminal, viciados, traficantes, prostitutas, jogadores, os mais pervertidos dos pervertidos. E é isso que quero dizer com o grande descenso. Para ganhar controle verdadeiro sobre os alicerces deste mundo de lixo, um certo grupo da direita terá que descer nesse inferno. Estou firmemente convencido de que esta é a chave para derrubar tudo que é corrupto, e o caminho para a grande purgação.

Imagino uma rede de bordéis e casas de jogos pelo mundo, produção de vídeos pornográficos e uma completa penetração do mundo do vício. Sim, para capturar, comprometer, corromper e, acima de tudo, observar e conhecer seus segredos. Descer a um mundo flutuante de vício completo e até mesmo nele se envolver — como deve, se quiser prosperar neste mundo — mantendo a cabeça erguida e o fogo de seu objetivo em foco... não é essa uma grande e difícil realização?

Este caminho deve ser apenas para muito poucos; muito poucos são adequados a ele. Mas esses poucos estarão entre os maiores da geração vindoura. Esta irmandade trabalhará para intensificar o vício, despertar paixões demoníacas e semear confusão total no coração da besta. O aumento do caos, confusão e pressão sobre o Leviatã o derrubará: imagine até um mundo onde o povo, sob ataques incessantes de afirmações contraditórias e loucas, perderia toda fé na mídia, governo e médicos, e não acreditaria mais em nada que ouvisse pelos canais oficiais.

Este seria um **ordem de cavaleiros do espírito** como existe, no máximo, a cada mil anos. Lentamente, talvez ao longo de duas gerações, trabalharão pacientemente, explorando e reivindicando todos os esgotos do submundo, todas as efluências do Leviatã, todas as juntas do esqueleto inferior que sustenta este mundo. Tomarão controle de boates, bares, bordéis, hotéis, cassinos, pornografia e muito mais, e, ao invés de se protegerem do vício promovido por este mundo, **intensificarão o vício e aprenderão a usá-lo como uma grande arma**. É a maior arma de nossa era.

Saiba que o Leviatã se sustenta não pela promoção do vício, mas pela sua normalização. Mas em toda normalização, muito deve ser suprimido; essa é sua grande fraqueza. Esta ordem de cavaleiros manterá o vício verdadeiro a si mesmo. De baixo vem todo o poder satânico da Babilônia que estamos combatendo. Alguns homens, cujo vínculo entre si deve ser de titânio, certamente surgirão, capazes de descer nesse mundo... que tenham os recursos mentais e espirituais para descer ao submundo e retornar com o prêmio.

Estou certo de que este **pacto, esta irmandade dos condenados**, ao dar seus primeiros passos para descer... sentirá como se o grande mistério das coisas se revelasse em sua plenitude para eles... não a resposta, inalcançável pela mente, mas apenas este X, a loucura inerente por trás das coisas se mostrará quando estiverem prestes a descer... será um êxtase incrível, como quando um grande pterodáctilo críptico de caça no Congo está prestes a mergulhar à noite sobre sua presa a partir do dossel.

Sei que tais homens de bronze existem... sonho que, ao descerem, manterão os olhos fixos na grande Estrela do Norte, e penso em como eles se sentirão... Imagino como atravessarão o grande labirinto de sombras enquanto seu espírito se fixa com grande foco e obsessão naquela estrela fatídica, e naquela outra... a destruidora de nações... sem jamais esquecer o caminho de volta... sem esquecer seu chamado e a tarefa eterna que sussurra àqueles com ouvidos para ouvir.